



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA



MEMORIAL: QUE NADA ME ISENTE; QUE TUDO ME IMPLIQUE

Luiz Carlos Avelino da Silva

Uberlândia - 2018

LUIZ CARLOS AVELINO DA SILVA

MEMORIAL: QUE NADA ME ISENTE; QUE
TUDO ME IMPLIQUE.

Memorial apresentado ao Instituto de
Psicologia da Universidade Federal de
Uberlândia como parte dos requisitos
para a promoção à classe de professor
Titular.

Uberlândia

2018

AGRADECIMENTOS

Sou grato, a todos meus ex-professores que aceitaram minhas provocações, aos que não aceitaram, aos meus colegas de IPUFU que trabalharam e riram comigo, aos meus alunos que gostaram de mim e aos que não gostaram também. Aos técnicos administrativo do IPUFU e da FAEFI que sempre me ajudaram com minhas confusões com datas e outras ajudas emergenciais, meus estagiários e meus orientandos. Em particular aos meus amigos, o professor Ederaldo José Lopes e a professora Sílvia Maria Cintra da Silva, a Bárbara, minha filha, a única coisa que realmente tenho certeza de ter feito direito e a minha companheira, já há longo tempo, Rosário.

Esse memorial é dedicado a Christiano Mendes de Lima, um ex-aluno que superou o mestre e nisso o ajudou a se constituir professor e que manifestou interesse em ler esse memorial assim que soube que ele seria feito. Ele sabe o porquê.

RESUMO

Esse memorial trata-se de uma narrativa do percurso do autor como educando e educador. Pretendeu-se na sua feitura que ele se constituísse em uma defesa intransigente da educação, e que, por se tratar o autor de um professor universitário, passa também pela defesa intransigente da ciência e conhecimento e da instituição universitária como uma possibilidade de estabelecimento de relações sociais e um mundo livre das aporias que o ódio e as respostas prontas tem disseminado e implantado em pessoas cada vez mais incapazes de reconhecer a própria humanidade. Teve por objetivo, além de atender a um requisito para a promoção a classe de professor titular da Universidade Federal de Uberlândia, fazer uma reflexão sobre nossa história dentro da escola, entendida aqui como instituição onde se promove o ensino formal, desde a aprendizagem das cores, a defesa do doutorado, destacando o papel transformador da educação e como ela opera na construção do sujeito e cidadão. Para que algumas coisas fizessem sentido, abordou-se também a aprendizagem em locais onde se trabalhou trabalho e no serviço militar. Alguns aspectos pessoais foram relatados e mesmo quando se fez com certa morosidade o percurso escolar que precedeu a vida acadêmica, esse teve como mira o pensar o próprio processo de educação e a partir dele compreender ou encontrar pistas do que constituiu o professor em que se tornou. Em uma linha quase cronológica, antecipando alguns aspectos e retomando outros esquecidos traça-se um perfil histórico a partir da própria experiência no qual se rememora e se busca a redenção de pessoas reais a quem privou-se da oportunidade de se narrar e incluir suas versões na história. Assim, promove-se agradecimentos, pedidos de desculpas, relata-se injustiças – cometidas por outros e por nós mesmos – dialoga-se com o tempo em que se viveu, apontado as diferentes visões que foram sendo construídas no desenrolar da história. A segunda parte, demarcada pela narrativa e não por uma marca formal, conta a vida acadêmica, abordando aspectos tais como o professor que se foi, o que se fez e como se fez, comentando a própria produção e atuação na Universidade Federal de Uberlândia, entendida como morada, um lugar onde se vive: como professor, pesquisador e cidadão. Na última parte apresenta-se formalmente por meio de quadros e listas as atividades que se realizou. A conclusão recusa a meritocracia e exalta a oportunidade que se teve de estudar, reivindicando a educação para todos.

SUMÁRIO

Identificação	7
Introdução	8
Da Madeleine ao barrado de tinta a óleo	19
Nasci de um ovo	20
Noturnos	51
A nata da juventude do Brasil	61
O que se aprende na redação de um jornal	68
Mas a faculdade	68
E lá vou eu, como é duro trabalhar	97
Psicólogo na Saúde pública	99
No minhocão	106
Você vai virar um amanuense Belmiro!	110
Disciplinas Ministradas	112
A Dúvida	117
Um supervisor de estágio que trabalhava com a morte	121
Arte como manifesto, educação e inclusão no saguão da biblioteca	129
Doutorado e PGPSI	132
Pós-Graduação	137
Orientações	140
Publicações	143
Extensão	146
Comissões Internas do Instituto de Psicologia	147
Atividades Administrativas	149
Membro do Comitê de Ética em Pesquisas da UFU	156
Participação Sindical	157
Sindicância e Testemunha do Ministério Público	159
Coordenador da Semana Acadêmica da UFU	159
Conclusão, ou um pretexto para encerrar	161
Referências Bibliográficas	163
Relação de atividades desenvolvidas	166
Quadro das disciplinas ministrada entre 2008 e 2018	167
Linha de Pesquisa e Projetos	173
Prêmios e Homenagens	176
Artigos Completos Publicados Em Periódicos	177
Livros e capítulos publicados e aceitos para publicação	179
Trabalhos completos publicados em anais de congressos	180
Resumos publicados em anais de congressos	181
Orientações de Mestrado Concluídas	183
Orientação de Monografias de Cursos de Especialização e Residência	185
Orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso	186
Orientações de Iniciação Científica	188
Outras Orientações: Programa Institucional de bolsas do Ensino de Graduação	190
Tutorias	191
Participações em Congressos com apresentação de trabalhos	192
Palestras	198
Minicursos ministrados em eventos	200
Organização de eventos	201
Trabalhos Técnicos: Pareceres ad hoc revistas	203
Avaliador de propostas de trabalhos de IC e Congressos	205

Debatedor e coordenação de projetos	207
Resumos Publicados	208
Atividades de Extensão	210
Outros eventos: Arte como manifesto, educação e inclusão	211
Bancas de Defesa De Dissertação De Mestrado	212
Bancas de Defesa de Doutorado	215
Bancas de Defesa de TCC de cursos de Especializações e Residência	216
Bancas de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso	218
Bancas Exame de Qualificação Mestrado	222
Participação em Comissão Julgadora de Concursos Públicos	226
Vídeos	227
Atividades Administrativas	228
Comissões Internas IPUFU.....	229
Comitê de Ética em Pesquisas.....	230
Atividades Sindicais	231
Testemunha do Ministério Público	233
Estágios	
Repercussões da tese e do artigo sobre ela	

Identificação

Nome: Luiz Carlos Avelino da Silva

Nascimento: 23 de agosto de 1959

Filiação: Luiz Avelino da Silva e Zulmira Aparecida Bonandin da Silva

Naturalidade: Ribeirão Preto, SP.

Nacionalidade: Brasileira

Estado Civil: Casado

RG: 11867495-SSP-SP

CPF: 020185278-46

Endereço: Rua Dr. Luiz Antônio Waack, 1050

Uberlândia, Minas Gerais.

Graduação: Psicologia, pela Universidade Federal de Uberlândia, em 1985.

Mestrado: Mestrado em Psicologia Clínica, pela Universidade de Brasília, em 1993.

Doutorado: em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Introdução

“O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente de seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um de seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa citacion à l’orde du jour – esse dia é justamente o do juízo final” (Walter Benjamin, 1940/1994).

Hoje, cinco de fevereiro de 2018, faz vinte e quatro anos e cinco dias que sou professor da Universidade Federal de Uberlândia e o Facebook me oferece um pequeno álbum com as fotos que publiquei na rede social, a título de lembranças. Entre as imagens há uma foto minha, ao lado de uma escultura de Francisco Brenan, na entrada do museu que abriga sua obra, feita por ocasião do Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social ocorrido em 2011, em Recife; uma foto de minha cachorra Lili, de laço e tudo o mais, dormindo, também de 2011 e uma foto minha com meu pai, provavelmente de 1961, já que a minha imagem sugere dois anos de idade, entre outras que chamaram menos atenção, publicadas, ou compartilhadas a título de protesto, ironia ou humor.

Das fotos, a despeito do algoritmo que seleciona as ‘mais curtidas’ e as devolve a mim como se fosse um cuidado da rede social comigo, lembro que aquela tirada ao lado da escultura foi feita por minha colega do Instituto de Psicologia da UFU, Carmen

Lúcia Reis. A foto de Lili, minha Cocker ainda filhote, mostra que enfim ela dormia sem necessitar das três gotinhas de opioide para aliviar a dor causada pelos seus movimentos estabados que tencionavam os pontos de sua cauda amputada e a febril agitação de todos os cães de sua raça.

Por fim, sei, e a memória nesse caso é uma construção a partir das informações que recolhi e articulei como elemento do suporte que sustenta em mim a ideia de ser alguém, a foto que me retrata junto com meu pai inclui-se na categoria dos retratos, batidos pelos fotógrafos ambulantes que perambulava a zona rural no século passado, fazendo poucos registro de vidas que resistiam a serem urbanas. O retrato mostra um pai jovem com seu filho, frente a uma casa que sei de relatos, de uma fazenda no município de Ribeirão Preto, chamada Iracema, e que pertencia a um fazendeiro inglês. Seu nome era imponente: Thomaz Albert Whately e ele plantava café e algodão, fazia inspeção verificando a higiene na casa da italianada e se vestia de linho branco, como contava minha mãe. A fazenda, local onde nasci, mantinha uma colônia de italianos que recebeu meus bisavós no final do século XIX e que mais tarde, tornou seu dono importante e o fez nome de rua e escola em Ribeirão Preto.

Walter Benjamin talvez tivesse uma atitude paradoxal diante dos '*recuerdos*' do *facebook*. Ele se depararia com uma memória cujo registro é totalmente externo e alheio a um possível memorialista. As imagens, a despeito da atualização, remetem a uma vivência quase efêmera, uma postagem, a qual transforma possíveis fatos alentadores de uma memória involuntária em um raso registro de eventos recentes, revestido de pieguice e sentimentalismo, cuja função principal nos parece desocupar a mente de tudo que já foi nosso e agora é virtual.

As três fotos citadas, vistas assim, não passam de um mero registro ocasional, cuja relação, em vez de produzir sentidos e interpretações, como gosta a boa escuta

psicanalítica, quando indaga sobre possíveis relações entre coisas aparentemente desconexas. Não são também uma confissão à Neruda, atestando que se viveu ou um chamamento para a experiência: simplesmente devolve-se o que se deu sem saber, talvez, despertando em incautos, a fantasia de que alguém lembra de nós, no ‘novo maravilhoso mundo ovo’, onde cada vez mais pode se prescindir do outro e esse, se existe, é o mesmo para todos. E convida todos a registrarem sua ‘vida na rede’, dentro da própria rede.

Talvez o mundo como conhecemos esteja se acabando e se essa frase parece sábia, ela é quase um saudosismo de quem já perdeu a juventude e está as turras como as novas configurações tecnológicas que o tempo adquire. Quem sabe todo relato desse tipo seja a constatação de que se foram ‘os belos dias’ e que na idade de belezas menores, de fato, o mundo como o conhecíamos tenha se acabado e por isso requeira de nós um registro, de uma vida ou experiência que evoque uma época, em que nós, quase velhos ou velhos, como em Proust ou Romain Rolland e quase toda literatura que flerta com o memorialismo, buscamos resgatar, como um atestado de que tal mundo existiu e que ele foi vivido.

Felizmente as fotos ofertadas pelo Facebook, na relação proposta pela mídia, não se prestam a isso. Nem as minhas, em particular, servem para mim, nem aquelas do tipo ‘se você tem mais de trinta, já dançou..., viu..., brincou... etc, com isso’. As musiquinhas dos drops ducora, a das balas juquinhas, as fotos da vitrola nas brincadeiras dançantes, as bolas de gude, piões e bonecas susis, para ficar com alguns exemplos escritos propositadamente com minúsculas, mais que atestar de modo conservador e melancólico o tempo que passou e o saudosismo de alguns, atestam a voracidade do capitalismo, sempre em crise e sempre teso em produzir novos produtos a serem consumidos, ainda que para isso, desarraigue sujeitos, esvazie experiência e reduza a

vida a uma busca de sensações, cuja pertinência e validade se meça pela quantidade de suor ou adrenalina derramados ou a quantidade de garrafas ou latas vazias que se conta meticulosamente como comprovante da felicidade ingerida, ainda que as garrafas ou latas sejam de qualquer outro produto além da cerveja.

Mas as musiquinhas dos Drops Ducora, das balas Juquinhas, as fotos da vitrola nas brincadeiras dançantes, as bolas de gude, piões e bonecas Susis, os assentos do AeroWillian, o fato de ter ajudado a empurrar carros Gordines ou DKV, ter brincado com bonecas de papel ou lido fotonovelas e saber quem foram Paola Pitti ou Franco Dani¹ não são vazios de valor. Remetem a infâncias e juventudes que marcaram esses objetos com desejo, significados, metas ou experiências, muito além do algoritmo que os disponibilizam em um pacote único, ainda que fazendo, de partida, uso de mãos e trabalho humano. Nesse caso, ofertado gratuitamente para estar, como dizia antiga música do cantor Paulo Diniz (1973), no início dos anos 70, totalmente inserido no contexto.

Temos, pois o primeiro mote para esse trabalho: em qual contexto ele se insere? Se insere, como aprendemos com Suely Rolnic (1993), em nossas dimensões subjetivas, acadêmicas, políticas. Presta-se também ao cumprimento de um requisito para promoção ao grau de professor titular. Isso tudo, enfim, ainda nos parece insuficiente. Indagamos qual a necessidade – e nos desculpem a palavra - utilidade - de se exigir de um acadêmico, próximo dos capítulos conclusivos da sua carreira, que ateste suas memórias?

Como sabemos que nos falta o talento, e a paciência de Proust, imaginamos que tal requisito atesta, além do registro de uma época, a partir de uma perspectiva, que,

¹ Atores italianos de fotonovelas publicadas no Brasil no final dos anos sessenta até meados dos anos setenta.

novamente com Rolnic, é marcada por uma subjetividade, posturas e engajamentos teóricos e políticos, e cheia de marcas se presta a uma reflexão sobre tudo aquilo que a ‘memória involuntária’ vai oferecendo como experiência para que se pense sobre a ciência, universidade e educação.

Sabemos, por mais que insistam as políticas marcadas pelo pensamento neoliberal que a ciência não é neutra, e nessa parcialidade o seu desenvolvimento se dá prioritariamente em alguns ‘centros’ do mundo’, não coincidentemente, localizados em países de economia hegemônica. Países como o Brasil, a despeito do mérito de seus pesquisadores, devem se comportar nessa ordem das coisas como mercados consumidores dos produtos gerados pela ciência em outras partes do mundo. A ponto de pesquisas que não respondam as questões locais, como as feitas pela necessidade de prospecção de petróleo em águas profundas, desenvolvimento de motores movidos a biocombustível, por ocasião da crise de petróleo dos anos 70, ou as doenças tropicais, em si desinteressantes para a indústria farmacêutica, para ficarmos em alguns exemplos. Resta-nos algumas exceções, no que chamaríamos de ‘hard-science’ em algumas poucas universidades/centro de pesquisas. Resta-nos também as *soft-sciences*, que demandam menos recursos em laboratórios, equipamentos e insumos e que tem produzido relevante contribuição crítica, construído narrativas e denunciando as condições adversas do viver no Brasil e de nele produzir ciência, ainda que isso nos pareça, dado o pouco interesse que desperta fora dos meios acadêmicos devido a falta de divulgação, como garrafas de naufragos.

Enfim, as reflexões e pesquisas sobre a condição das mulheres, a loucura associada à miséria e a exclusão, às minorias e à diversidade sexual, a educação infantil sempre precária e o sofrimentos dos professores, de novo para ficarmos em alguns exemplos bastante conhecidos, não tem o glamour da descoberta de um cometa, ou a ida

de um astronauta brasileiro ao espaço ou da fabricação de um equipamento que possibilite a um lesado medular andar na abertura de uma olimpíada.

Por mais triste que possamos constatar, uma reflexão extensiva que fizéssemos sobre a ciência brasileira, nos levaria a concluir que ela padece das mesmas condições que determinam nossa condição social, motivada pela ignorância cultivada por uma pretensa superioridade da maioria de nossos políticos, os quais se supõem filhos da *casa grande*, que olham a escola com desdém ou apenas promessa de votos e se empenham em fechar o gargalo dos investimentos em ciência e tecnologia (como também investimentos sociais), para sustentar uma ideia abstrata de mercado, que produz um país de bons números e não necessariamente um bom país. Investimento em educação, saúde, ciência e tecnologia são soluções para o desenvolvimento do Brasil, e jamais problemas.

No que diz respeito à Psicologia, lembro ter dito em certa ocasião festiva que ‘o psicólogo é um profissional liberal que não deu certo’. Frase perigosa de reproduzir em um memorial, que entre outras coisas, visa à promoção do autor na carreira. Mas é fato que, a despeito das recentes mudanças nos cursos de formação geradas pela Lei 9.394, denominada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996, o profissional visado pelos cursos de formação ainda é o de perfil liberal, o que se agrava pelo grande número de instituições formadoras.

Para efeito de registro, quando ingressei no curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, em 1980, havia em um raio de 300 quilômetros, três cursos: um em Uberaba, mantido pela Universidade de Uberaba, de caráter privado, o de Uberlândia, e o da FFCLRP, da USP, em Ribeirão Preto. Afora esses, o mais próximo era o da UnB, em Brasília Atualmente, se considerarmos o mesmo perímetro, teríamos pelo menos 20, nos estados de Goiás, Minas, e São Paulo. Obviamente as mantenedoras

estão preocupadas com o número de alunos e cumprimento de suas metas nas matrículas, e entre outros problemas comuns a maioria delas, não se situa a preocupação em construir um profissional diferente daquele que se supõe que o mercado precisa: engajado na produção, espelhado no modelo médico voltado para a iniciativa privada e assessoria.

Obviamente se faz pesquisa nas instituições públicas e no perímetro que indicamos elas ocorrem em pelo menos cinco delas, e novamente se constata a pressa imposta pelas bolsas oferecidas pelos órgãos de fomento, da Capes, dos programas de pós-graduação e limites de bolsa de IC. É preciso contar também a atuação dos necessários, mas mal instrumentalizados Comitês de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, que por muito tempo aplicou aos projetos de pesquisa em Psicologia uma resolução feita para as ciências biomédicas pelo Ministério da Saúde.

Há que se observar ainda que os próprios programas de mestrados pressionam os pesquisadores, avaliados atualmente em um quadriênio pela sua produtividade aferida por pontos obtidos pela classificação no QUALIS das revistas em que publicaram seus artigos, no que se busca sempre o índice sempre crescente da área e geralmente excluídos dos programas alguns pesquisadores de trabalhos importantes que não resultam em produção rápida na rede ainda restrita de órgão de divulgação científica com boa avaliação.

Esses fatores, entre outros, levam a produção de artigos formalmente perfeitos, mas como se observa em muitos, com nítidas limitações impostas no tempo de realização das pesquisas e do financiamento das mesmas. Obviamente, são considerações o que se faz acima. Talvez limitadas pela nossa experiência, mas cremos que algumas conclusões podem ser feitas a partir delas: a ciência psicológica no Brasil conta com pouco financiamento para produzir, por exemplo, pesquisas longitudinais, o

que nos parece grave quando se pensa que o desenvolvimento é um processo que pode ser mal registrado por ‘fotografias transversais’ e que talvez, diante da falta de recursos, estejamos deixando fora de nossas investigações o homem e a mulher comuns.

Discutir o papel a universidade quando se tem 20 anos e acabou-se de entrar em uma, como se deu comigo em 1980 parece uma tarefa estúpida e desnecessária, em que pese os apelos de alguns arautos dos movimentos estudantis, como eu fui fazendo eco a alguns professores mais comprometidos e engajados. Expressões como compromisso social, universidade crítica, pluralista, laica e outras perdem feio em meio à ebulição hormonal dos estudantes universitários e das festas. Quanto aos professores, parece que aceitamos o convite para envelhecer na instituição, lentamente, acreditando que se absorve a juventude dos discentes por osmose.

O fato é que a universidade é um bom local para se viver oito horas por dia, já que povoada por uma maioria de pessoas jovens e bonitas pela dádiva dos vinte anos e dispostas a crescerem como pessoas, experimentando-se e experimentando o que a oportunidade oferece, cultivando-se intelectualmente, ainda que isso seja mais verdadeiro enquanto uma expectativa que sempre sustentei.

Há ainda os professores, em tese, a elite intelectual dos pais, entre os quais não faltam os laboriosos, burocratas, loucos, geniais, produtivos, os bem empregados, os carreiristas e ocasionalmente, algum bem humorado. Palavras como ‘meu projeto’, ‘minha linha de trabalho’, ‘minhas pesquisas’, por mais que ditas, raramente abrangem mais que cinquenta por cento dos departamentos ou institutos de psicologia e igualmente não raro, os interesses pessoais se sobrepõem aos institucionais. A universidade pública foi até pouco tempo um bom emprego, equivalente aos ‘cargos nas repartições públicas’ que marcavam os personagens de nossa literatura como bons partidos.

O tripé universitário, citado em qualquer panfleto eleitoral nas universidades, sejam eleições de DCEs. ou Diretórios e Centros Acadêmicos, sindicais ou administrativas, são preservados ao custo de normas. No caso da UFU, com uma resolução que obriga o docente a se dedicar no mínimo a duas das pontas do tripé. Obviamente as atividades de ensino estão entre aquelas que os docentes não podem deixar de fazer. As atividades de pesquisa, entendidas como ‘a publicação dos resultados de pesquisas’ são as atividades mais valorizadas. Cabe antes de qualquer apontamento sobre a extensão dizer que nela, na maioria das vezes há pesquisas que são feitas e não são publicadas, não porque seus autores não almejem a isso, mas porque são pesquisas feitas no ato de intervenção’, se prestam a resolver problemas específicos de comunidades, ONGs, instituições de saúde, escolas, empresas e outras instituições, em ações que chamaríamos de extensionistas. Obviamente deveriam ser publicadas

Para mim isso demonstra a articulação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão, no qual o primeiro entra com uma rigorosa formação científica, apontando a necessidade de escolher ou construir um método que estabeleça um diálogo com o objeto investigado (Seminário,1986), de forma a resolver objetivamente o problema que se coloca. Seja em um projeto de pesquisa ligado a uma linha de investigação, movido pelo desejo do pesquisador ou seus orientandos de diferentes níveis, seja pelo problema colocado pelas instituições citadas ou qualquer comunidade que requeira o braço extensionista da universidade.

Essa é a visão que tenho e sempre sonhei da universidade: a formação de cientistas que escutem e levem em consideração os problemas do mundo em que vivem e façam história com ele. Como se pode pensar com Benjamim (1994), quando ele evoca em sua obra “O conceito de história” a dimensão teológica, pela qual cabe fazer a rememoração e a redenção daqueles a quem a história oficial apagou rastros, sombras e

pistas (Löwy, 2005). E com esse ato, o pesquisador os insere na ordem dos discursos, apresentando perspectivas de solução e divulgando-os.

Todavia, não há como não apontar que a universidade é marcada por diferentes interesses externos, que se representam em sua comunidade, particularmente entre o seu corpo docente. Estar na Universidade é descobrir que ela não é na prática pluralista, que ela reproduz, como os cemitérios fazem com a arquitetura urbana, a arquitetura político-social do local onde está inserida, fazendo ecos às políticas macros e sujeitando-se aos governantes que a determinam, pela mão de alguns de seus representantes docentes, que em nome de um purismo acadêmico, recusam-se a defendê-la, aceitando a ordem já estabelecida para as coisas e tomando-a como um fim em si.

Estar na universidade é descobrir que ela não é laica, que se abre a algumas religiões com espaço para os grupos de orações e exclui peremptoriamente outras, com estudantes e professores chamando de magia negra os cultos de origem afro-brasileira.

Estar na Universidade é se deparar com o fato de que os preconceitos também lá estão presentes, ainda que travestidos de um ‘portar-se corretamente’. Que julgamentos morais são feitos a partir de ponto de vistas arraigados e acríticos, dirigidos particularmente aos diferentes, representantes da diversidade sexual, das minorias (na universidade) étnicas, às mulheres e aqueles situados na parte baixa da pirâmide social, como atestam os gritos de guerra das torcidas em jogos universitários ou a expressão ‘cotista’. É deparar-se com tentativas de se posicionar socialmente, sob o pretexto de engajamento acadêmico nas empresas juniores e ligas de todo tipo.

É deparar-se enfim com grande parte da comunidade acadêmica que prioriza a empregabilidade, já adquirida, como no caso dos técnicos administrativos e professores, ou a ser conquistada, no caso dos discentes. Assim, a universidade crítica cede espaço a

reafirmação das posições que se tinha antes de ingressar nela, e as vozes dissidentes, dos movimentos estudantis ou sindicais dos funcionários e professores são chamadas de estridências, mesmo quando o brado que ecoam é em defesa da universidade pública, em que pese erros e equívocos históricos que marcam esse movimentos.

Enfim, uma discussão extensiva sobre a universidade, com certeza me levaria a um líbero em sua defesa, como um patrimônio do Brasil, um bem público a serviço de todos e um chamamento contra os ataques que vem sofrendo recentemente do governo brasileiro, quando outros países, de desenvolvimento dispares, como a Alemanha e Chile a pretendem totalmente pública e gratuita.

Diante das considerações acima, a despeito do tanto que são breves, indicamos a opção para o percurso que pretendemos neste memorial: fazê-lo como uma defesa intransigente da educação, e que, por se tratar o autor de um professor universitário, passa também pela defesa intransigente da ciência e conhecimento e da instituição universitária como uma possibilidade de estabelecimento de relações sociais e um mundo livre das aporias que o ódio e as respostas prontas, repetidos midiaticamente *ad-nauseum* até se converterem na verdade de um grupo social e contaminar os demais.

Nesse percurso, mais que recorrer a nossa memória, buscaremos repensá-la, reconstruí-la, com objetivo de resgate e redenção de um mundo habitado por personagens reais, sob a perspectiva de nosso olhar, registrado a partir dos lugares que nos colocamos no mundo – e em muitas situações, o lugar onde estávamos por lá termos sido colocado. Resgate e redenção não somente de nossa própria experiência e história, mas de um percurso no qual se foi acompanhado e que fez chegar até aqui e que infelizmente não é facultado a todos.

Posto isso, indicamos que **nosso objetivo** é, a partir da reflexão sobre nossa história dentro da escola, entendida aqui como instituição onde se promove o ensino formal, desde a aprendizagem das cores, a defesa do doutorado, destacar o papel transformador da educação e como ela opera na construção do sujeito e cidadão.

No percurso, obviamente entremearmos nossa ‘vida escolar’ com a pessoal na medida em que as duas se amalgamam e produzem sentidos uma para a outra com reciprocidade. Alguns autores nos acompanharão, explícita ou implicitamente, na medida em que foram se constituindo em suportes ou bússolas no caminho que se escolheu como destino e que as escavações os descubram sustentando as vigas de nosso percurso. mas deixamos a condução do trabalho para a memória involuntária, ainda que isso nos custe alguma perda de objetividade.

Da Madeleine ao barrado de tinta a óleo

“Em busca do tempo perdido”, de Proust repousa glorioso na minha estante, em edição de luxo em uma caixa com três volumes, com traduções de grandes poetas e escritores brasileiros. Trata-se de um desses pactos com o tempo. Adquirido a propósito de presentear a mim mesmo por ocasião do Natal, quando a pergunta ‘quando vou ler?’ se fez acompanhar da resposta: “se não ler, serve para enfeitar a estante, já que não gosto de bibelôs”, o que permitiu que fosse acompanhado por outra obra, igualmente em edição de luxo em box de dois volumes, “As mil e uma noites”.

Proust chegou até mim em edição encadernada em capa dura, como um dos fascículos da coleção Grande Romances, da então Editora Abril Cultural, publicado em 1980. O andamento lento de “Os caminhos de Swann” não suportou a concorrência de outras obras, mais adequada a idade e aos dias em que se tentou lê-la. Mais tarde, diante das obras completas adquiridas por um amigo de república, fiz uma retomada do autor,

desta vez com ‘A fugitiva’. O contato de verdade com a obra de Proust de verdade deu-se com uma edição em papel jornal – ou igualmente ruim- de ‘Os prazeres e os dias’, da editora Globo vendida em bancas de jornais no final dos anos 80, lida no ônibus, no longo percurso entre minha casa e o local onde eu trabalhava, um bairro periférico.

Assim, enquanto Proust permanece como um pacto com o tempo, resta dizer que as memórias que surgem involuntariamente quando a Madeleine mergulhada no chá exala o perfume de uma vida, parodiada recentemente no desenho animado ‘Ratatouille’ e evocada por inúmeros autores, só metaforicamente se presta a dar início a esse memorial.

Se minha vida se deixa conduzir por um cheiro, é o do óleo de linhaça que diluía a tinta a óleo cinza clara que pintava o barrado das escolas que frequentei, para proteger as paredes das mãos suadas ou sujas das crianças ou do óleo de peroba que ocasionalmente lustrava as carteiras feitas de ferro e madeira nas escolas antes do advento da fórmica e posteriormente dos móveis de MDF.

Nasci de um ovo!

Um antigo programa de televisão na extinta rede Tupi, de um apresentador chamado Jota Silvestre, tinha um quadro denominado “Essa é sua Vida”, que nunca vi, por conta do horário. Esse programa, chegava até mim nos comentários de adultos ou colegas de escola, falando consternados da vida de Pelé, Moacir Franco, Garrincha... Minha memória disso ancora-se em uma revista do “Pato Donald”, na qual uma equipe da televisão invade a casa do personagem, o coloca no ar e anuncia: “Essa é sua vida pato Donald!” Em meio ao susto ele anuncia: “Nasci de um ovo”, e desanda a chorar. Não se trata aqui de contar minha vida de forma piegas e sentimental, pois se o humor e a tristeza gerados pelo tempo, corpo e cultura não nos afligissem, não haveria o que

contar, e talvez nem o que viver. Quero aqui, narrar como um dos personagens dos romances de formação, que tanto me encantam e o patético das situações descritas quanto se tentou construir uma narrativa à vida ao Pato Donald.

‘Éramos Seis’, como do livro de Duplé, e a morte de meu pai, quando eu tinha quarenta anos, me equipara a Freud, no que considero a grande perda de minha vida. Sua última lição, aquela que o pai gostaria de poupar o filho: como se morre! Em seu caso, discreto, com uma solidão intencional na qual colocou a vida da sua cachorra na frente da sua necessidade de companhia. Morreu com elegância e saiu da vida à francesa.

Antes de morrer, ele lavrador, fez com minha mãe, também lavradora, ambos moradores de uma colônia de italianos, quatro filhos. Ele, arrimo de família na sua juventude, órfão de pai aos 14 anos, estudou até o terceiro ano de grupo e nunca teve diploma. Ela, que ensinava o dono da fazenda, abandonou a escola no segundo ano de grupo para ajudar o irmão na roça. Ambos marcados por mortes em família. Ele pela Chagas do pai, de uma irmã e a presença do protozoário em uma outra. Ela, minha mãe, pela tuberculose que levou dois irmãos e pelo medo da guerra, que teria levado outro de seus irmãos como pracinha alistado voluntariamente, não tivesse seu peito estufado pelo osso esterno, ou analfabetismo, carimbado na sua testa de lavrador a marca da inadequação para a empreitada, ainda que isso tenha lhe rendido o apelido de Patriota pela vida afora.

Sou o terceiro dos quatro filhos, e pelo que ouvia de amigos de meus pais quando menino, eu fui o mais amado. Minha irmã mais velha, com quatro anos a mais que eu, Sônia, descobriu que tinha o nome de santa, e que não era Sônia, quando matriculada na escola com o prosaico nome de Aparecida da Silva. Minha segunda irmã, dois anos mais velha que eu, sempre se gabou do nome de artista, que segundo ela homenageava

Shirley Temple, ainda que como Sônia, carregasse a cruz de Maria antes do *glamour* da artista. Marcas de um homem religioso, devoto de Virgem Maria personificada na imagem de Nossa Senhora Aparecida. César, meu irmão mais novo, deveria chamar-se Sérgio, e virou César por mero esquecimento, ao que se acrescentou José, também nome de santo. Eu fui chamado de Luiz, como meu pai; Carlos, como minha mãe queria porque era um nome bonito e em voga.

Se um dos personagens do livro “Meu Pé de Laranja Lima”, de José Mauro de Vasconcelos, reconhece no nome do irmão, Luis, o nome de rei, eu tinha o nome de dois e mais tarde, quando me tornei conversador e bagunceiro em sala de aula, acrescentei o Preste por minha conta, ao dizer que tinha nome de comunista porque as professoras diziam: Luiz Carlos preste atenção. Obviamente isso é mentira, mas me agradava mais do que o significado de meu nome dado pela onomástica: grande homem fazendeiro das selvas de avelãs. E Prestes era comunista, e isso combinava com os xingamentos de minha irmã mais velha dirigidos a mim.

Meus pais deixaram a fazenda onde moravam em 1961 e passaram a morar em um bairro então periférico de Ribeirão Preto, o bairro Ipiranga. Desempregado, ele trabalhou de estivador e uma profissão que não sei nomear, na qual ajudava a cavar valas para a tubulação de água e esgoto, quando não existiam máquinas para isso, o que foi utilizado para justificar seu coração grande no final da vida, como coração de atleta. Era um homem de altura mediana, forte e extremamente inteligente e engenhoso. E muito bonito, até o fim da vida.

Minha mãe também era muito bonita, inteligente e dona de uma ironia cortante. Lembro que ao ler em voz alta para os filhos a história “Caçadas de Pedrinho”, de Monteiro Lobato, tecia comentários irônicos do tipo ‘é com isso que eles querem matar uma onça’? ou ‘eles não sabem o que é uma onça’, frases que somente poderiam ser

ditas por quem conhecia o animal, como ela demonstrava fazê-lo. Isso se dava também me relação às cobras, que lhe causavam medo e um respeito distante. Ela gostava de ensinar aos filhos o que dizer e jamais deixou que um de nós fosse a uma festa sem comer antes. Diante das dificuldades financeiras, trabalhou de lavadeira e passadeira de roupas e não se inibiu quando precisou levar os filhos juntos.

Quanto à escola, os dois divergiam. Para meu pai bastava aprender ler e escrever, e ser como ele. Mais tarde admitia tirar o diploma (o que equivalia a atual quinta série do ensino fundamental). Ela considerava necessário no mínimo a conclusão do ginásio.

Minha irmã mais velha, Sônia, nunca deixou de ser Sônia, mesmo quando se descobriu que ela era Aparecida, foi a que mais sofreu. Seus cadernos tinham numeração feita a caneta por meu pai, para que páginas não fossem arrancadas. Sua cartilha “Caminho Suave” foi também a de Shirley e a minha. Meu irmão foi alfabetizado pelo método global, apesar de minha mãe insistir que eu lhe ensinasse pelo método silábico. Como a cartilha, os livros passavam de um para outro, como se fazia em todas as casas.

O material escolar sempre chegava, mas a caixa de lápis de cores, com mil e oitocentos tons sempre perdia na sua disputa com as caixas de lápis curtos, de doze cores. Ocasionalmente se ganhava alguma de um dos moradores do prédio no qual meu pai era zelador, com 36 cores, que era utilizada pelos quatro. Minha mãe nunca deixou de benzer os filhos, que considerava os mais bonitos do prédio, para protegê-los de inveja e ‘*maloiado*’ dos vizinhos, como dizia.

Aos poucos ambos deixaram de se preocupar com o ensino dos filhos. Com todos trabalhando, as despesas dos dois diminuíram e alguns gastos, como roupas e sapatos,

eram custeado por cada um de nós quatro. Foi quando conseguiram resgatar a posse de um antigo terreno comprado no primórdio de seu casamento e construir uma casa.

Todos seus quatro filhos concluíram o segundo grau. Somente Sônia cogitou fazer um curso universitário e eu. Meu irmão, muito bonito na juventude, pouco se importava com seu resultado escolar, desde que a frequentasse e desfrutasse do sucesso que seus olhos verdes, cabelos louros e corpo atlético fazia com as meninas. Chegou a ser reprovado por três vezes no primeiro colegial e somente se formou em Economia já com idade próxima dos trinta e cinco anos.

Obviamente, como toda família, foi marcada por momentos tristes, e parodiando a canção Romaria ou varias outras do gênero, *todos perderam-se na vida*, como deve-se dar, e de alguma forma reencontraram-se outros, que ainda se encontram nas ranhuras do tempo e mesmo sem a o barulho que infestava o quarto que os quatro dividiram em algum tempo, do qual propositadamente se pedia benção aos pais, entre risos calados, um de cada vez para que precisassem responder a cada um nós, ainda rimos um pouco. Minha mãe, ainda viva, com a memória alternando momentos de extrema lucidez com outros de aleatoriedade, desencava de um passado remoto, no qual suponho que ela tenha sido bilíngue em português e italiano, parágrafos inteiros na língua de seus pais e predominante na colônia, que constato após investigação, corretos. Foi dessa gente que vim.

A primeira instituição escolar que frequentei, e só é assim porque era como escola que eu a reconhecia, se o que guardo de meus cinco anos de idade é memória, tratava-se de um parque infantil, na cidade de Ribeirão Preto. O nome, ainda vívido na memória, era Parque Infantil Peixe Abade, deve-se a insistência de minha mãe para que eu o decorasse, assim como o endereço em que morava: Rua Silveira Martins 342, casa cinco.

Memória que traz consigo a estranheza de nunca ter encontrado no ‘parque’ nada que se parecesse com os peixes que ocasionalmente se comia na minha casa. Nunca descobri ou desconfiei na concretude do meu pensamento de cinco ou seis anos que o peixe do nome do parque não se tratava do bicho, mas de um nome de pessoa. A mesma concretude que hoje, psicólogo, descubro na minha primeira dúvida relativa ao sexo, diante da pergunta do dentista da instituição sobre o fato de eu ser do sexo masculino ou feminino, e sem saber o que era sexo e muito menos masculino ou feminino, respondi concretamente feminino, porque na palavra feminino tinha a palavra menino, como eu me reconhecia. Eu era um menino e as palavras só serviam para confundir.

Contar isso pela primeira vez, como faço aqui serve para ilustrar um dos estágios da teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget e talvez relatar o reconhecimento de uma identidade sexual, o que de fato só ocorreu muito mais tarde. Mas é verdadeiro o sentimento de vergonha ocasionado pelo erro cometido, principalmente diante da correção e explicação do dentista, que por nada precisava fazer a pergunta, particularmente para um menino com cabelos cortado ao modo americano, no qual se preservava os cabelos do tampo da cabeça e as laterais eram raspadas.

Era cortado assim pelo barbeiro do próprio parque, com uma máquina manual e sob orientação dos pais dos meninos, que podiam escolher também o corte ‘vassourinha’, no qual do cabelo só restava um pequeno topete como o do personagem Cascão, dos quadrinhos de Maurício de Souza, e que os meninos, quando podiam, enganavam o barbeiro pedindo esse corte para provocar o riso nos colegas, como eu próprio cheguei a fazer.

Além do dentista que arrancava dentes de leite e ocasionalmente colocava alguma estrelinha na boca, e do barbeiro, o parque tinha alguém que chamávamos de enfermeira que colocava sulfá nos esfolados, uma diretora que tinha um broche com formato de

violão dourado sempre preso na blusa, minha professora que dirigia lambreta, e se chamava Ivone, quadra de basquete, piscina, caixa de areia com escorregadores, campo de futebol, balanço sob as árvores, uma horta, um refeitório no qual se desenhava com lápis de cera e brincava-se com argila e um salão enorme, onde se exibia cineminhas de rolo de papel, se fazia festas e se via pinturas da versão Disney da história “A dama e o Vagabundo” nas paredes, na qual encontro explicação para meu fascínio até hoje pelos cães, e particularmente pelos Cockers.

Olhando hoje, consigo delinear, já nesse ambiente, fatos que só vim a compreender muito mais tarde, como o uso da mão de obra das crianças para tirar o miolo das buchas vegetais para virar sandálias ou recortar losangos em papelão com tesourinhas infantis para que a professora pudesse fazer ‘caixas de joias’, depois que a mãe de uma das crianças os encapasse com tecido. Havia também disputa entre professores requisitado crianças para cantar ou recitar em festas, ainda que fossem poemas quilométricos e elas não soubessem ler.

Também aconteciam os concursos de misses na escola, ou dos pares mais bonitos, as quermesses cheias de bandeirolas. Estranho é nada disso ser estranho, e talvez desnecessário lembrar e constar aqui, já que se excetuando o trabalho com as buchas vegetais e o recorte dos losangos assemelha ainda hoje ao que se vê nas escolas públicas, na tentativa dos professores de obtenção de recursos para o caixa escolar que o poder público nega. Talvez falte o ponto de vista de quem viveu o outro lado, quando criança.

Cortar balõezinhos no papelão fazia a mão doer, assim como tirar o miolo das buchas, mas nada doía tanto como o efeito de receber um poema enorme para decorar, para ser apresentado na festa promovida pelas professoras, sob o patrocínio de uma delas, quando não se sabia ler. Eu era um dos meninos que cantavam bem e tinha

estatuto de artista, por cantar nas festas. Talvez por isso tenha sido escolhido. A princípio auxiliado por minha irmã (aluna do segundo ano do antigo ‘grupo’) na tentativa de decorar o poema. Logo fui chantageado por ela, que pedia coisas como gomos de mexerica ou a tampa de minhas laranjas para não contar para minha mãe, que poderia me bater.

Como pode um menino de seis anos dar conta dessas coisas. Mais tarde, filmes como ‘IF’, de (Lindsay Anderson (1968) e livros como o ‘Jovem Torles’, de Mussil (1978), ‘Ateneu’ de Raul Pompeia (1975) e Doidinho, de José Lins do Rego (1977) lançariam luzes sobre esse estranho ambiente que é a escola, com disputas pelo poder, ameaças, medos, enfim, como um romance de formação sem romance, que constitui cada um de nós, que a frequenta. Tal poema foi responsável pela primeira experiência de angústia de que tenho um registro, imagético ou de palavras, e os primeiros não que lembro ter tido na vida. Primeiro para mim, ao reconhecer que não daria conta de decorar, o segundo para minha irmã, ao não aceitar por muito tempo sua chantagem infantil e o terceiro, depois de muita esquiva, dito a professora, quase convulso, sobre minha incapacidade de fazê-lo.

E como personagem de romance de formação, aprendia. Como receber alunos novos, apresentados pela professora com uma apresentação musical, acompanhadas de mãos ritmadas que se tocavam enquanto se entoava... ‘se uma boa amizade você tem, louve a Deus que uma amizade é um bem...’, e também a brincar de amarelinha trocando as pedras por cascas de bananas e que as vezes uma boa recepção se reduz a uma apresentação. As duas meninas, da canção ritmada e do jogo de amarelinha com cascas de bananas logo viraram aos olhos dos meninos, as *duas pretinhas novas*. Um menino polidactilo, outro com deficiência causada por poliomielite e uma menina mais

velha que os demais, para a maioria das crianças eram vistos e apontados em suas diferenças, pejorativamente. Pairavam sobre todos os apelidos e os sobrenomes.

No meu caso, o sobrenome Avelino virou motivo de riso quando meu calção abriu entre as pernas e substitui-se o Juvelino, o personagem da musiquinha: *'lá em cima do morro, passa boi, passa boiada, só não passa o Avelino que está com a calça rasgada'*. Devo ter rido e sentido vergonha simultaneamente. Só muito mais tarde me tornei Luiz.

Mas havia outras professoras, havia os meninos, havia a Regina que achava meu cabelo cheiroso e contou para todo mundo que eu usava shampoo "*Cashmere Bouquet*", quando na verdade era da Avon, e que um dia correu de mim e caiu no último degrau da escada que dividia a frente do salão de festa do pátio frente a piscina para aceitar meu primeiro beijo e ser minha primeira namorada para sempre. Além do beijo da Regina, que me prometeu e nunca deu um retratinho, o cheiro das petúnias, em jardineiras na altura de meu nariz, e as flores de jacarandá, atrás do refeitório adoçam ainda hoje os meus olhos, mais que a boca, como uma poesia que passava diante de mim, e me levava como eu almejava que o vento o fizesse.

Os sete anos de idade era o limite para frequentar o parque e comigo não foi diferente. Cursei o primeiro ano 'de grupo' na Escola Municipal Antônio Diederichsen, o quarto grupo localizada no bairro "Campos Elíseos", um bairro tradicional de Ribeirão Preto, na época de classe média baixa e operários das Indústrias Matarazzo e das fábricas de cervejas Paulista e Antártica.

Diferente do que minha mãe relatava sobre meu primeiro dia de parque, no qual teria chorado e dado birra, ir para escola era algo que eu desejava. Aprender a ler me parecia uma brincadeira boa que minhas irmãs faziam e eu não, além de ter cadernos, lápis e borracha. Assim, em meio a um amontoado de mães e meninos em pranto entrei

na fila assim que meu nome foi chamado, sem o drama, como a maioria dos meninos faziam e como minha mãe esperava.

Janete era o nome de minha primeira professora, logo substituída por outra pelo que suponho ser gravidez, que se chamava Ivone como a professora que eu mais gostava no parque. Entre os meninos, Rogério e Varley, antigos amigos de parque. O primeiro foi a primeira pessoa da minha idade que conheci que usava óculos, o segundo, em certa ocasião, brincando, rasgou minha roupa. Outros vieram a se encontrar comigo posteriormente por ocasião do serviço militar, e um deles no cursinho pré-vestibular.

São eventos próximos no tempo e contam que, em nossa sociedade, a escola acaba sendo reservada para uma minoria. Dos três colegas de primeiro ano de grupo reencontrados no ‘Tiro de Guerra’, em 1978, um, que foi meu grande amigo aos sete anos, mostrou-se um estranho aos dezoitos; outro, que dormia durante as aulas da Dona Janete e Dona Ivone, há muito tinha abandonado os estudos, e um terceiro, que se chamava Luiz Carlos como eu, voltou a ser meu amigo por um tempo e hoje é dublador de filmes.

Aprender a ler e a contar foi simples. Nascido em agosto entrei na escola com sete anos completos e em pouco tempo ensinava outros meninos. Superar o número cinquenta na contagem dos números foi uma espécie de emancipação e responsável pelo meu gosto pela matemática por algum tempo. A pronúncia das consoantes, ‘l’, ‘m’, ‘n’ entre as sílabas quase que uma descoberta mágica, a partir da palavra laranja. Descobri a profissão de meu pai, ‘apontador’ em uma obra de construção civil, ou almoxarife, ainda que tenha sido traduzido equivocadamente por Dona Janete como ‘contador’, uma boa profissão, segundo ela. Mais que isso tudo, que as palavras não diziam a mesma coisa para todos. Anjo não era sagrado e bonito sempre. E havia um menino, José

Carlos, que tinha permissão para sair da sala sempre que a professora dava aula de religião e mostrava figuras de santos.

Obviamente dito assim parece uma informação boba, mas como ele morava perto de mim, a curiosidade sobre sua religião constituiu-se para mim em uma área de interesse a parte que o marcou também, a ponto dele se lembrar dela quando o encontrei já quase adulto, por ocasião de uma atividade profissional que fiz na casa de sua namorada. Ele era de família protestante ou crente, como se dizia, que parecia fazer gosto de nossa amizade aos sete anos até que certa vez, fui a casa dele segurando uma garrafa de cachaça que havia comprado para meu pai, que bebia religiosamente uma dose e apenas uma, antes de comer. Lembro-me de ter sido inquirido sobre a cachaça, sobre meus tios, parentes... enfim!

Descendente de italianos por parte de mãe, e mineiros por parte de pai, era uma criança marcada por algumas características dos filhos dos imigrantes, como falar alto, gesticular e o uso particular de certas expressões, particularmente palavrões em italiano. E penso que, como muitos italianos que não viraram nome de rua, alguns deles e seus descendentes foram marcados até tardiamente pelos preconceitos, ao descobrirem que a árvore que dava dinheiro, só enriquecia os ‘barões do café’ e a Itália ficava há muitos contos de reis de distância. A suposição do uso do álcool por meu pai, pelo pai de José Carlos, e seu afastamento de mim, inclusive na escola, me parece que se deu graças a Deus e a essa suposição de que eu pertencia a uma família de beberrões.

Talvez a religião não me fizesse nenhuma importância e concluir que ela afetava relações na escola só ocorreu mais tarde. Quem sabe fosse o caso de reafirmar com Freud que ensinar é uma profissão impossível, na medida em que há contra-atos que neutralizam a ação educativa da escola. Nesse sentido, a família como célula mater da sociedade dota os seus valores de uma espécie de imortalidade que preserva o que há de

mais conservador, para não se sentir ameaçada. E quando se sente ameaçada, muda apenas para voltar à antiga homeostase, a despeito das críticas que fazem aqueles que participam de grupos de famílias *no whats app*. Educar para a cidadania, nessa perspectiva, me parece, no mínimo, difícil.

No segundo ano, sem ser Roberto Ataíde, via a Margarida desfolhar-se na minha frente, em outra escola: Escola Municipal Fábio Barreto, o segundo grupo, agora no centro da cidade, para onde meus pais haviam se mudado. Dona Margarida era brava, apesar de gostar de mim. Tinha uma auxiliar, Dona Zezé, que dizia ter um ovo de solitária na cabeça o que demonstrava quanto tinha oportunidade de assumir a regência da sala, esticando os braços e fazendo-os tremer. Diante de Margarida, era doce e demonstrava afeto pelos meninos. Empoderada ela era o diabo na terra.

Dona Margarida era brava, posto que ela lecionava para alunos transferidos, como eu, que estava entre os menores e mais novos da sala, com oito anos de idade, e alunos repetentes, adolescentes ou quase moços que se faziam valer de seu tamanho, batendo nos menores. Dona Margarida premiava seus escolhidos, entre os quais fui incluído, pedindo que saíssem da escola para ir buscar café em uma lanchonete a uns cinquenta metros.

Professora também de seu próprio filho, José Vicente, discriminava os alunos que a ele se opunham, mesmo quando apenas reagiam as suas provocações. Causava-me incômodo as ofensas dirigidas a Celso, um menino negro, retinto como ela dizia, de quatorze anos, muito alto e magro, que certa vez, defendendo-se de golpes do filho de Margarida, arranhou-lhe o rosto com as unhas grandes e forte que tinha.

A seu favor deve-se dizer o cuidado que tinha na preparação de figuras e ilustrações para as ‘Composição a vista de uma gravura’, e as experiências com plantas nas aulas de

ciência. Contra ela, os infundáveis castigos de copiar frases do tipo ‘Prometo não fazer...’ pelo menos 100 vezes e o fato de ignorar coisas que aconteciam na sua frente, como o fato dos meninos maiores ficarem mostrando o pinto para os menores no meio da aula.

O que se relata aqui refere-se ao ano de 1967 e creio que um tipo de escola começava a morrer ou a dar lugar à outra. Vista com olhos de hoje, Dona Margarida, como a personagem de Roberto Ataíde demonstrava uma fragilidade que se espelhava em sua ajudante ou estagiária, Dona Zezé, que contava que a nova escola deverá ensinar o silêncio. Um dos meninos da sala, Renato. D., voltei a encontrar no terceiro *gimnásio* criado no estado de São Paulo e que abrigava parte dos filhos das famílias ricas de Ribeirão Preto.

Bom aluno, em seu silêncio e dedicação, talvez tenha sido para mim paradigmático do quanto às classes econômicas inferiores se sujeitam as superiores e o quanto essas segundas são cruéis. Mas em 67 ocupava e fazia valer seu lugar de favorito, no que era protegido por seu irmão adolescente Donizete D., também aluno da mesma sala. E apesar de ser uma escola central, era próxima da Vila Tibério, bairro operário, da zona comercial de Ribeirão Preto e a italianada desfilava sobrenomes pobres que jamais seriam nomes de ruas: Peracini, Boareto, Damasceno. Ironicamente lembro do prenome dos meninos negros: Celso, Willhian, Gilmar e o sobrenome de nenhum.

O terceiro ano foi cursado em uma outra escola. A Escola Municipal Guimarães Junior era quase que um anexo do Ginásio Estadual Otoniel Mota, famoso por ter sido frequentado por grandes políticos de Ribeirão Preto, inclusive o ex-ministro Antônio Palocci Filho, que estudava na mesma série que eu em outra sala. Ambas abrigavam entre seus alunos boa parte da classe média e alta de Ribeirão Preto. Além de Palocci, que não era nem classe média e nem rico, os meninos chamados pelos sobrenomes

revelavam famílias poderosas: Seixas, Marchesi, Trivelato, Terreri, Bevaqua, Aquaro, Fraga Moreira...

A escola era bem equipada e tinha cheiro bom. Primeiro grupo escolar criado em Ribeirão, gabavam-se professores e alunos de ser a melhor. Os meninos estudavam pela manhã e as meninas estudavam a tarde e não existiam salas mistas. As contribuições para a ‘caixa escolar’ deveria ser entregue junto com o boletim de notas e comportamento assinado pelos pais. As sextas feiras cantava-se o hino nacional.

Minha professora chamava-se Erondi. e a imagem que conservo dela sugere um cabelo pintado. Era mais brava que Dona Margarida, punia mais; inclusive por baixo desempenho. Tinha sobre Margarida a vantagem de contar com turma mais homogênea e alunos filhos de famílias com mais recursos. Como desvantagem o fato de ter um aluno chamado J. do Nascimento.

O Guimarães Júnior foi o local de meu reencontro com J., meu amigo e grande rival de canto no parque infantil. Tinha uma voz aguda, volumosa e clara e cantava muito bem, mas ali, vira a redução de seu nome artístico, ‘J.’ ao prosaico Nascimento.

J. era muito magro, mulato bem claro ou moreno como se dizia, com os cabelos anelados e que quando cresciam, envolviam sua cabeça, saliente diante do corpo, de uma vasta cabeleira, que contrastava com os esporádicos cortes, sempre observados por mim e Dona Erondi, que deixavam o couro quase desnudo. Usava sempre um velho calção azul marinho, ora desbotado, ora tingido e uma camisa que ia encurtando-se com o tempo, na medida em que ele crescia. Os olhos pareciam maiores que os olhos dos demais meninos, assim como a sua boca.

No Guimarães Júnior não havia espaço para cantar e ainda que ele insistisse em mostrar para mim novas músicas que sabia, talvez recordando dias melhores, era presa

fácil de Erondi. Aos poucos os meninos começaram a imitá-la. Primeiro com uma briga na saída da escola, na qual ele apanhou fragorosamente de outro menino, diante de seu irmão, igualmente frágil e magro. Humilhado, por ter chorado na briga, faltou no outro dia. E depois disso, por mais que reagisse, passou a ser perseguidos por outros meninos e apanhava constantemente. Fosse um bicudo ou um cascudo dado por trás ou uma paulistinha, que consistia em um golpe dado com um dos joelhos nas nádegas, que despertavam zombaria por parte de quem via e costumava doer muito. Agora ele não regia mais.

Bom aluno, talvez eu tivesse a pobreza disfarçada por novos hábitos e palavras que aprendia no prédio onde eu morava. Filho do zelador, eu convivía com filhos de famílias ricas da cidade, e talvez por medo de ver meu pai demitido, minha mãe fazia em casa às vezes de Erondi. Aos poucos fiquei amigo de alguns meninos na escola e era amigo de J. à distância desses. Isso implicava em justificativas e em defendê-lo quando na verdade ele já estava condenado à pária e cumpria pena. Eu era o único que me referia a ele pelo nome.

Olhando retrospectivamente, me enoja a crueldade da professora e dos meninos. Nenhum deles, no entanto o fora como eu. Acreditando ser promovido de panela de barro a panela de ferro, passei a chamá-lo de Nascimento como todos os outros faziam. Sua cara de espanto e decepção na primeira vez que agi assim ainda é uma imagem vívida em minha memória, de quem constata perplexo que já não tem mais nada. Não me lembro de ter falado com ele nunca mais. Lembro, no entanto que ele às vezes voltava-se para trás buscando a carteira onde eu me sentava com olhos que pareciam pedir socorro. A última lembrança dele é bem posterior no tempo. Ele estava com os cabelos bem longos, hippie, ainda magro, mas sem aspecto doentio, andando ao lado do

irmão na rua São Sebastião, no centro da cidade e fumando. Ele me cumprimentou com um aceno de cabeça.

Mais tarde, em plena adolescência atormentado por conflitos existenciais aprendi com Jorge Amado diferentes tipos de morte, lendo “A Morte de Quincas Berro D’água. A existencial, a biológica, a social. E num ensaio do que pretendia um romance chamado “A morte, as mortes, a morte”, parodiando o amado Jorge, pensei em descrever todos os assassinatos simbólicos que tinha praticado até então, por volta dos vinte anos. Dei-me conta que J.C. do Nascimento era alusivo ao imperador romano que só nasceu por conta da intervenção de um terceiro em uma cesariana. Que em nosso caso, se recusou. J.C. foi a primeira pessoa que matei e o Nascimento enterrou meu primeiro romance.

A quarta série prometia o diploma. Dona Eunice ficou para sempre em minha memória por ter dito, diante dos arroubos futuristas dos meninos, que nós chegaríamos ao ano 2000 e que ela com certeza não. Frase, que com algumas alterações parodio diante de meus alunos para marcar meu sentimento de finitude e o desgosto que me causa não ter oportunidade de ver a terra do espaço, como queria aos dez anos.

Mil novecentos e setenta foi ano de Copa do Mundo, da Apollo 13, Médici, que era admirado pelos meninos por ter, segundo a revista Placar ou Manchete acertado o resultado da partida final contra a Itália: 4 a 1 para a seleção brasileira. Era ano de campanha de conscientização das crianças da importância do Imposto de Renda, e a minha redação foi uma das escolhidas para representar a escola. Ano de ser escolhido também para participar da Maratona Escolar promovida pela empresa Refrescos Ipiranga, fabricante local da Coca Cola.

A sonoridade parecida do nome me fez fã de Rivelino e a descobrir que era canhoto com os pés. O interesse por futebol, conhecimento das regras e o nome das jogadas culminou na primeira partida que joguei de fato e me deu afeição pelo esporte, apesar de ter sido sempre perna de pau. Um rapaz, aluno da sala, entendia tudo desse esporte e a sua redação sobre a partida de estreia do Brasil na copa de 70 fez furor com a meninada e sucesso com a professora. Com ele aprendi que o primeiro gol do Brasil contra a equipe da então Tchecoslováquia foi de falta e não de pênalti, como eu escrevi na minha ‘composição’, e que em time que está ganhando se mexe: sua redação seguinte, de tema livre, também fora sobre a copa do mundo e a professora o repreendeu por escrever sobre a mesma coisa.

A Apolo 13, antes do lançamento, povoava a imaginação dos meninos e a minha, cheia de fantasias espaciais e discussões sobre o que teria em outros planetas, tudo misturados com alusões a série “Perdidos no Espaço” e histórias em quadrinhos. Mais tarde, na criação da possibilidade de salvamento com a construção de um foguete feito inteiro de imã para grudar na nave americana e trazê-la de volta à terra. Por via indireta, introduzia palavras estranhas ao meu vocabulário que poderiam soar ameaçadoras, no cantar incessante dos meninos da marchinha de autoria jamais revelada: *“O Brasil vai lançar foguete e Cuba vai lançar também. Será que Cuba lança, quero ver Cuba lançar”*.

A palavra ‘Cuba’ e a cacofonia que a pronúncia dessa palavra formava com a palavra ‘lança’ fazia gosto a mim e aos meninos, com a cacofonia formada por duas palavras muito pouco pronunciadas na época: Talvez “Cuba e cú”, escrito por todos como acento diante do receio dos professores de fazer a correção ortográfica, indicassem alguma brecha por onde olhar, como diria Caetano Veloso em sua “Verdade Tropical”, para ver que, por trás do festivo país cantado pelos “Incríveis” na patriótica e

ufanista música “Eu te amo meu Brasil” escondia-se a figura de Médici. Ou como nos parece hoje mais preciso, antes de tudo, escondido atrás disso tudo, havia porões onde se torturava e matava os que nem amavam o Brasil como estava naqueles tempos plúmbeos e nem o deixavam, como era a ordem.

“Eu te amo meu Brasil”, é de autoria da dupla “Don e Ravel, os mesmos autores de “Você também é responsável”, que é uma toada melancólica que lembrava as músicas de protesto e era o hino do Mobral: Movimento Brasileiro de Alfabetização. A brecha não ajudava muito, mas como vim aprender mais tarde com a psicanálise, alguma coisa sempre escapa, seja a repressão uma tradução mal feita do recalque freudiano ou simplesmente a repressão política. Mobral virou, entre os escolares, sinônimo de burrice, e por mais que propagandas dirigidas às crianças fossem cantadas nos pátios e salas de aula, ao lado da antiga e ressuscitada “Cisne Branco”, hino da Marinha, a zombaria das crianças e a minha, me parece hoje uma tentativa de suspeita.

Nas televisões as propagandas além da cartilha da formiguinha do imposto de renda exortavam as crianças: “*Nós crianças do Brasil, **precisamos entender**, o quanto é bom participar, do progresso do país. O dever de construir não é só de nossos pais, precisamos contribuir, pois o futuro, dessa nação, **depende das crianças do Brasil**”.*

As frases com os negritos colocados intencionalmente nas expressões ‘precisamos entender’ e ‘depende das crianças’ faziam eco ao que se ensinava como Geografia: que o Brasil nos anos 70 era um país com mais de 50 por cento de jovens no qual os idosos eram em torno de dez por cento, portanto um país deitado em berço esplêndido esperando um futuro que não veio.

A despeito de Dona Eunice, uma lembrança doce ainda hoje, um clima de repressão pairava, ainda que criança, como meus colegas, não contava com recursos para

entender. Lembro-me dos livros achados na rua, entre os quais “Marxismo e Religião, de Desroche (1968) que conservo até hoje, um de Arraes, que já não tenho, que assustou minha professora de EPB já na Universidade, e outros como ‘As Confissões do Impostor Felix Krull’ (Mann, 1968) e ‘O processo’ de Kafka (1966). Mais tarde somaram-se a esses outros tantos, como ‘São Bernardo’, de Graciano Ramos, ‘Doidinho, de José Lins do Rego e ‘Asco’, e ‘Eu e o Governador’, de Adelaide Carraro.

Lembro-me de uma única fala de Dona Eunice, que na época me pareceu indicar um alerta, ao dizer de um terrorista que havia se arrependido e não conseguia se desvencilhar de sua situação até que se entregou. Hoje isso me pareceria armação e propaganda ideológica. Na minha cabeça, na época, terrorismo e uso de drogas pareciam a mesma coisa. Minha irmã enfeitava sua pasta escolar com foto de um moço que achava bonito, Che Guevara, mas demonstrava sua inocência ao me xingar de comunista.

Dizia minha mãe: *‘com política/polícia não se devia envolver’* e as duas eram para mim a mesma coisa. E talvez porque ela se referisse a política, nunca dava o valor que eu achava que mereciam minhas notas altas e me cobrava com ameaças pelo ‘comportamento regular’, quando poderia ser bom ou ótimo. Quando não me batia por algo que achava que fiz errado, pedia que não me revoltasse, quando ‘respondia’ ao meu pai.

Talvez uma compreensão da situação dos professores durante o regime militar eu só tenha tido de fato em 1986 quando fui repórter do jornal ‘O Diário’ de Ribeirão Preto e fui incumbido de fazer a repercussão da morte de Médici, entrevistando pessoas na rua. Na então livraria ‘Paraler’, no centro da cidade, uma professora recusou-se a se identificar e disse que foi um tempo de horror que ela não queria nem lembrar. Associo até hoje o que sobra de sua imagem na memória a Dona Eunice.

No fundo, penso que travestidos de conhecimento necessário ao ‘Exame de Admissão’ para o ginásio engolia-se dados sobre êxodo rural, a explosão demográfica brasileira, os milagres como Transamazônica, Embratel, Meios de comunicação, o quarto maior país em território contínuo, o maior rio do mundo em volume d’água, a maior floresta... Conquistava-se mentes. Lembro que me angustiava não fazer cursinho de admissão, quando todos os demais meninos faziam e o quanto sofria ao ouvir de Eunice que ela não iria repetir o conteúdo ‘da admissão’.

Dizer que eu não fazia o referido curso era contar que era pobre, da mesma forma que contava que eu era pobre quando conseguia contribuir com a caixa escolar com quinhentos cruzeiros da nota de Dom João VI, o que fazia a custo de privar-me de gibis, doce e outras coisas. No fundo almejava entregar o boletim com notas com a estampa de Tiradentes ou Santos Dumont no meio, como a maioria dos meninos fazia. No mínimo com Cabral. Quando me faltava Dom João, colocava o boletim diretamente no armário da professora, escondido e acreditava que ela não via.

Passei no exame para o ginásio sem o referido reforço escolar com a nota cinco e meio e por achar pouco, menti aos meus pais que tinha passado com sete, o que ele, meu pai, crédulo, não demorou a espalhar entre os moradores do prédio do qual era zelador, alguns com filhos que fizeram o mesmo exame. Me causa certa estranheza hoje me dar conta do tanto que ele se orgulhava do meu desempenho escolar e nunca tenha dado importância aos meus estudos, que insisto, me parecia brincadeira e ao mesmo o tempo, um empecilho: fazia todas tarefas ainda na sala de aula e quase nunca estudava em casa.

A mãe de uma das crianças também aprovada no exame de admissão falou das dificuldades da prova, que temia a reprovação de sua filha e iria verificar pessoalmente. Cheia de dúvidas quanto ao meu sucesso, minha mãe também foi constatar *in loco*

minha ‘diminuta’ nota. Sentir-se humilhado em casa e fora dela por um cinco e meio sem o cursinho de admissão foi um desses fatores que nos ajudam a duvidar do sentimento de autoestima pela vida inteira e a vergonha regou minha comemoração. Principalmente quando A.L., a menina a cuja mãe me referi acima, me olhava com cara de sete e meio. Mas enfim, como ela, eu era aluno do Ginásio Estadual Otoniel Mota, terceiro criado no estado de São Paulo e minha vingança foi me recusar a namorar com ela quando nos tornamos moços.

Era uma escola pluricurricular, rígida, que contava com preciosas colaborações dos pais de alunos para a infraestrutura. Em 1971 inaugurou-se um recinto com grades e cadeados onde se guardava as bicicletas, com doações do pai de um menino da minha sala, cuja mãe era professora de Educação Física na escola. Obviamente a família ostentava um suntuoso nome. Foi nesse local que se afixaram as listas dos nomes, nas quais vinham primeiro o nome dos meninos e depois das meninas, em uma ordem mais ou menos alfabética.

Minha sala era o 1.o pluricurricular 3 e haviam nove turmas no ginásio todo. Ficava no segundo pavimento e dava de frente as palmeiras imperiais que faziam o caminho para a escada de acesso a porta principal da escola, que nunca se abria para os alunos que entravam pela lateral. É até hoje a escola mais bonita que frequentei, a despeito dos meus olhos que se estranhava com o resto do meu corpo precocemente entrando na adolescência e adquirindo entre os onze e doze anos quase a altura que tenho hoje.

Na sala havia 22 meninos cuja maioria tinha estudado comigo, e enfim, as meninas, sentadas em filas uma atrás da outra do lado direito da sala. Um clima de excitação intenso, a entrada da inspetora Dona Adélia a todo o momento, ocasionalmente a figura impactante do diretor Jerônimo Feltre, o Jeromão, em posição de sentido, imóvel como uma múmia avermelhada na frente dos meninos e meninas em pé, seguindo a instrução

de Dona Adélia, e a história da escola, e as normas, e a excitação dos meninos, e mais excitação dos meninos, e a repetição da brincadeira de cutucar a bunda de quem sentava na frente com a caneta... Quando cutucado simplesmente passei a brincadeira para frente, o que gerou ira de M.V.S. e a denúncia sumária para Dona Adélia: - *Esse menino está fazendo bobagem comigo.*

Confesso que rio e sinto vergonha ao mesmo tempo quando relato isso. M.V.S. era meu amigo da série anterior e era considerado bacana por todos. Por causa dele fui para a diretoria no segundo dia de aula. Um inspetor, chamado Jorge Rodini, professor de Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política Brasileira, OSPB e Práticas Comerciais, espécie de vice-diretor, me poupou do contato com o Jeromão, ao conhecer os detalhes da bobagem que a Dona Adélia disse que eu fiz ‘diante das meninas’ com M.V.S. Teria sido simples dizer, que não era bobagem, se para isso não precisasse usar a palavra bunda, cuja presença tornava proibido o acesso a livros que a continham, por Dona Francisca, na famosa biblioteca da escola.

De qualquer forma, ‘Seu Jorge’ disse que se eu continuasse a me comportar assim, não poderia ficar naquela escola. Voltei para a sala com um misto de bandidagem e heroísmo estampado na cara e confesso, dava certo *status* ser apontado ou indicado como o menino advertido no segundo dia de aula. Essa marca, mais as espinhas, o corpo desengonçado e a voz que variava muito mantinham as meninas afastadas de mim, afora uma curiosidade ‘*pela vontade de fazer bobagem a flor da pele*’ que se atribuía a mim entre elas. E a minha classificação na relação dos meninos mais bonitos da sala era a quarta. De baixo para cima.

M.V.S. não foi à aula no outro dia e fui incentivado pelos meninos a bater nele na rua. Não era para tanto, mas como isso deve ter chegado aos ouvidos dele, e a ‘bobagem’ aos pais dele, ele foi transferido para o P4. Relatar isso tudo trás um

sentimento de ser um personagem do filme “IF” e fico imaginando o que se disse dos filhos das classes trabalhadoras, operárias, imorais pela degeneração causada pelos maus hábitos, por minha causa; donos de uma sensualidade pervertida e irrefreável já crianças. Talvez não se opor a minha educação não passasse de um ato de caridade.

Não sei porque ainda hoje guardo na memória a relação de nomes e números de quase todos os alunos da 1.a P3 de 1971. Até pouco tempo atrás recitava quase todos com o nome completo. Parece-me pouco o fato dos nomes e números serem repetidos várias vezes ao dia e terem sido decorados como se fazia com as tabuadas, já que isso aconteceu também no segundo ginásio e lembro bem menos os participantes. Talvez porque algo resista em apontar o Otoniel Mota, do início dos anos 70 como uma escola formadora de fascistas, como muitas vezes fiz e seja uma forma de declarar amor:

Por ser uma escola pluricurricular havia disciplinas interessantes, como artes plásticas, música, artes industriais já no primeiro ano do ginásio e nenhuma impedia a aprovação para o período seguinte. A professora de música, Maria de Lourdes, ou Dilu, era um clássico do mal humor (e alvo do humor dos meninos). Sei que dela guardo noções de teoria musical até hoje. Sob sua batuta e harmônio que os meninos disputavam para carregar não sobrava repertório nenhum além do de Carmen Miranda e Dirce Batista. Ela implicava, no que era propositadamente provocada, com os chicletes e balinhas dos alunos, que mandava tirar diretamente da boca para o cesto de lixo. Contrariando os demais, eu gostava dela e achava desrespeitosas as musiquinhas que se cantava, com rimas de baixo calão com o apelido dela.

Não me lembro do nome do professor de Artes Industriais, mas era camarada. Exigia gastos que nem sempre agradavam meu pai. Com o professor de Artes Plásticas, Venâncio, minha relação era ambígua: a princípio, era meu ídolo como o de todos os meninos e meninas, depois aos poucos me dei conta que era tão autoritário como a

maioria dos demais, o que se acentuou comigo depois do que ele supôs ser uma briga entre eu e um colega. A implicância dele comigo persistiu em parte do ano seguinte, no qual foi meu professor por um tempo antes de ocupar algum cargo. E era correspondida.

A contragosto ele se via obrigado a expor e elogiar características de meus desenhos, como não ficar repetindo detalhes infantis, explorar o espaço e centralidade da página, libertar-se do traço e colorir solto. Os meninos não compreendiam minha contrapartida à implicância dele e o ódio que sustentei por algum tempo por desenho. Ele tinha o que considero uma das piores formas de autoritarismo, aquela que se insinua sobre forma de cuidado e acalanto e rouba do outro a possibilidade de dúvida, levando a uma sujeição cega.

Mas perto do Dr. Lourenço, um advogado que lecionava português, tinha algumas vantagens em sua dissimulação. Lourenço era boa praça também, de posturas que sugeriam tradição e elegância. Visto com olhos de hoje me parecia um alpinista social. Vindo de outra cidade interessava-se particularmente pelo sobrenome dos meninos, especialmente por dois que praticavam hipismo na Sociedade Hípica de Ribeirão Preto. Quanto a mim, Dr. Lourenço achava que eu era filho ou neto de um tal de Dr. Avelino, não sei se médico ou advogado como ele, que morava próximo da escola e era um frequentador da Sociedade Hípica de Ribeirão Preto.

Meu avô e meu pai tinham Avelino no nome e eu respondia com alguma dissimulação. Somente neguei quando sua insistência não poderia ser correspondida em atos como uma resposta positiva, no caso, apresentando-o ao meu pai. E ele que era tão gentil, conduziu-me dias depois até minha carteira me puxando as orelhas. Fui o único em toda sala que passei por isso, apesar de ter tido nota máxima em três dos quatro bimestres em português.

Havia professores maravilhosos também: o de matemática, seu Santili, era o pai da Santili, a quem chamava ironicamente pelo número 35 e a tratava da mesma forma que aos demais alunos. Imprimia a disciplina a leveza possível e a seriedade necessária. Foi a minha primeira experiência de autoavaliação, e diante de meu morno seis e meio, que acompanhava ou se aproximava da minha nota aferida na prova, aumentou a sua quando me dei nota menor. Dona Rute levava os alunos a experimentos de física, sobre a pressão atmosférica e me escolheu seu melhor aluno da escola. Era no geral, brava, mas me sorria com seus dentes cheios de restaurações feitas a base de pó de porcelana e esmalte, que os deixavam com duas cores. Havia a professora de estudos sociais, que grávida foi substituída por Dona Cidinha. Meu inferno no primeiro e segundo ginásial.

Se Seu Venâncio e Dr. Lourenço se desqualificaram diante de meus olhos que aspiravam liberdade, Dona Cidinha, uma professora substituta que se passava por boazinha, perseguia alunos, fazia denúncias infundadas, traía e expunha. Em uma de suas traições, anunciou a visita da sala ao museu Municipal e do Café. Sem obter o ônibus, simplesmente faltou no dia. Em sua aula seguinte, sob entusiasmado apoio dos alunos, retumbava no quadro, em letras garrafais desenhadas como se diamantes, a frase: “Que Mancada Dona Cidinha!”. De óculos escuros, recusando-se a entrar na sala, queria saber o autor da façanha. A autora, Maria O. não demorou a ser denunciada, sob o pânico que quase toda a sala se encontrava. Cidinha desculpou-se esfarrapadamente pelo dia anterior e anunciou que havia acabado de cancelar o ônibus, pois viu o escrito antes de entrar na sala e diante da ameaça de punição para a classe toda, Liliane. disse: *‘É como se um mijasse na sala e todos precisassem limpar’*.

Pairava no ar a ameaça de uma suspensão semelhante a que havia ocorrido há pouco tempo, de três dias, que foram cumpridos com plantão na biblioteca. Primeiro pelos meninos e depois pelas meninas, com a respectiva anotação na carteirinha. Alguns

como eu, já tinham duas advertências anotadas e uma terceira poderia significar expulsão. De nada adiantou eu me solidarizar com Maria O. posteriormente. Como eu ela estava na berlinda, pela suspensão coletiva e por ter brigado na rua com Marta M. na saída da escola.

Agravava no meu caso a revolta que se abateu na classe contra a professora, por ter marcado uma prova de um dia para o outro para controlar a disciplina. Isso resultou na combinação de um protesto escrito na prova e eu, que tirei uma nota relevante na prova, fui o único a escrever o protesto e novamente... diretoria, pais chamados na escola. Não sei porque não houve anotação na carteirinha.

Dona Cidinha levou uma aula inteira para expor minha ‘deselegância para a sala’. Junto com P.H., que a xingou na rua, precisei confessar ‘meu crime’ na frente da sala, diante de suas lamúrias dizendo que se sentiu ameaçada e com medo de morrer. Por frases infantis que transcrevo *ipsis litteris*: ‘Não sei, não quero saber, tenho raiva de quem sabe’, em resposta a uma questão que deixei em branco e ‘a senhora há de se arrepender dessa prova Dona Cidinha’. Havia uma terceira frase igualmente pueril. As outras sete questões eu respondi corretamente. Disso resultou as constantes referências a minha voz em mudança e a convocação para participar de um debate com as meninas que valia dois pontos para a equipe vencedora, acrescido aos pontos aferidos nas avaliações normais, correspondentes a dez pontos. Tal procedimento, hoje, para mim configura manipulação deslavada.

Os alunos que tinham nota não se importavam e diziam que eu venceria fácil minha oponente – Cidinha me subestimava, o que os meninos não faziam. Outros me ameaçavam querendo combinar o resultado e com o empate garantir ‘os dois pontos extras’, para todos.

Eram duas duplas: a dos bons alunos, segundo a Cidinha, Paulo S. contra Ana .C., que empatou sem que um acertasse sequer uma questão formulada pelo outro; e a dupla dos ruins: eu contra Santili, que as meninas consideravam injusto. Paulo S. garantiu seus pontos com as questões que eu elaborei. Venci perguntando sobre a localização das caixas d'água em Ribeirão Preto e respondendo o que significava INPS, local onde, filho de pais empregados com carteira assinada, consultava e tratava aos dentes com os mesmos materiais que davam duas cores aos dentes de Dona Rute.

Abafado o caso da ameaça, veio no final do ano a descoberta de que ela não lançou minha nota naquele bimestre, ou somente o fez a lápis, com a divulgação dos nomes que ficaram para exames finais. Sem a nota eu ficava de exame final precisando de quase sete pontos. Eu tiraria a nota, já que a prova seria elaborada e corrigida por Dona Tereza, mas depois de tudo que foi passado, minha mãe fazia questão da nota. E conseguiu.

Mencionei acima que me sentia personagem de 'IF'. Afora o clima opressivo, que às vezes parecia sugerir que eu estava em outro lugar, brinquei com os meninos que ficaram próximos de mim após a sala se dividir entre os que moravam acima da rua Campos Sales e os outros. Por acaso eu morava, mas pertencia ao outro grupo, dos meninos que usavam calças de uniforme compradas nas Lojas Marte, popular e conveniada com a escola e dos que usavam calça tipo toureiro, sem bolso faca e com cós alto e boca mais larga, feitas pelo alfaiate J.P. As camisas também se diferenciavam, entre as do JP, as da Loja Marte e as do tipo 'volta ao mundo, como a que Renato .D. usava.

Ser bom de nota, grande, veloz, bom de handebol que se jogava na aula de Educação Física permitia ocasionalmente minha promoção na estratificação social da

sala, principalmente no convite para integrar as equipes de trabalho. Reuníamos os cinco melhores da sala..

Zé .O. além de ser apontado pelas meninas como o mais bonito dos meninos, era dos que tinham as melhores notas e alguém diferenciado de quem todos gostavam. Minha participação no grupo ‘dos bons’ fora a convite seu. Foi de iniciativa dele também a vaquinha para pagar um aparelho dentário para Renato.D., reduzido a ‘Renato. dente prá frente’, ou ‘Dentinho’, quando havia algum afeto. Renato. havia estudado comigo no segundo ano de grupo e isolado no ginásio aproximou-se de mim, no que foi aceito, uma vez que eu me encontrava em uma situação muito parecida com a dele e de Paulo E.. Se Paulo E., o gordo, era o primeiro, Eduardo .B., o de nariz de tomada, o segundo e ele o terceiro por causa dos dentes, eu era o quarto mais feio da sala e acho que motivos não faltavam.

Havia o grupo que os meninos chamavam de ‘as boas’ também, feito pelas meninas bonitas da sala. Marta.G. fazia parte. Não era necessariamente bonita, tinha nariz aquilino e grande, mas era moça formada e os meninos diziam ficar pensando coisas com ela. Era minha amiga e colega de grupo – o nosso era no início do primeiro ano o único que tinha meninos e meninas e o trabalho era eu quem fazia.

Certa vez a desenhei na aula de Venâncio e ela ficou ofendida por eu ter reproduzido o que me pareceu uma espinha. Daí passou a me xingar pelos nomes mais esquisitos. Certa vez, quando abri os braços no corredor na postura do Cristo Redentor jogou-se contra mim e bateu o pescoço no meu braço estendido. Chorou o possível, chamou Dona Adélia e novamente fui para diretoria. Dessa vez sem que ninguém defendesse meu heroísmo.

Em 1972 Mara G. certa vez aproximou-se de mim e disse que eu estava ficando bonito. Sem voz oscilando, usava assumidamente os cabelos penteados ao meio como era moda. Era conhecido por ser bom velocista nas provas de 100, 200 e 400 metros e jogar bem handeball e – pasmem – futebol. Era meu ano de despedida do ‘Estadão’, pois como acontecia com todos em casa, fazia quatorze anos no ano seguinte e deveria estudar à noite e trabalhar.

Meus amigos eram outros, estudava a tarde e os com nomes de ricos estudavam no período de manhã. Fiquei colega e joguei na casa do Palocci, de quem diziam que queria ser presidente do Brasil. Ele era amado por todos, estava sempre impecavelmente limpo, mesmo quando os meninos se sujavam no pátio. Ele cedia o fundo de sua casa para os jogos interclasse.

Foi um ano de exploração da biblioteca da escola, já que na segunda série podia ler ‘Meu pé de laranja lima’, de José Mauro de Vasconcelos, no qual constavam as terríveis palavras ‘filho da puta’. Com tempo, mas sem a Barsa, o Conhecer e a coleção ‘Os Bichos’ da Abril Cultural em casa, explorei os livros de ciência, história, química e sexualidade. A obra de Lobato e Francisco Marins foram lidas na íntegra, entre alguns livros proibidos, escondido de Dona Francisca, fiel guardiã de livros impróprios, devorados na surdina no intervalo entre as aulas.

De resto, fui chamado de ‘bostinha’ pela professora Mercedes, de Educação Moral e Cívica’, uma licenciada em Psicologia, ao descobrir na pronúncia ‘secho’, da palavra ‘sexo’, por um colega meu, que eu era o autor do texto que ele lia; de inteligente pelo professor com poliomielite que lecionava matemática, posteriormente substituído por um que ministrava aulas bêbado e também me considerava; fui colega, mas não amigo de minha vizinha A.L. que fazia perguntas para a professora de ciências para que ela ficasse divagando e não desse aula; fui amado pela professora de Português, Regina,

que me pediu para conjugar o verbo cantarolar no pretérito imperfeito e riu aos montes da minha língua enrolada; falava um pouco de francês, o mesmo que falo até hoje, aprendido por dois anos com Dona Jaule; tinha meus trabalhos expostos pela professora de Artes, surpresa por eu ter descoberto sozinho a perspectiva em uma aula dela e fazer colagens inusitadas e conseguia, graças a professora de ciência, Valquíria, classificar animais e plantas, a despeito das aulas dela. Padecia mais uma vez na mão de Dona Cidinha e uma outra Dona Adélia, que fazia a do ano anterior parecer um anjo. Essa, diferente da primeira, mantinha um registro das advertências dos alunos e nada adiantava perder a carteirinha escolar.

A maioria dos meninos já não tinha sobrenome. Eu era dos que ainda o tinham, como de resto os filhos da italianada pobre, mas nunca Silva. Se alguns eram conhecidos por fumarem um maço de cigarros Continental sem filtro por dia, eu tinha minha advertência no segundo dia de aula, os gritos e xingamentos de Marta e as implicâncias de Dona Cidinha para darem testemunho sobre mim sempre. A meu favor os cartuns humorísticos que eu desenhava/escrevia na ‘lousa’, inspirado em um jornalista local, além de pensamentos irônicos no qual zombava das lições de moral das Fábulas de Lobato.

Obviamente eu não sabia o que era ironia, a despeito do conhecimento dos professores que assim as reconheciam. Achava engraçado, apenas. Ao fim, os meninos que a princípio me discriminavam, me chamavam de amigo e andavam comigo. E iam se tornando páginas viradas na minha vida, a despeito de mim, pois me aguardava o trabalho e o ensino noturno e alguns deles, jamais eu veria novamente.

Estudar no período diurno é diferente de estudar no período noturno. Se minha descrição eivada de marcas, revoltas e melancolia são o fruto de uma experiência

pensada e assim, uma memória produzida, uma leve reflexão a respeito da escola que formava as pessoas importantes de Ribeirão Preto indica que eu não era uma delas.

As eleições para o Centro Cívico Olavo Bilac, disputadas com patrocínio de pais talvez levassem alguma ideia de cidadania, ao dar aos meninos o direito de votar em 1971, hipótese que derruba muitas de minhas teses sobre o caráter fascista da instituição. Por outro lado, os expunha a experiência de ‘ganharem refrigerantes’ no dia da eleição e a endossarem coisas do tipo ‘Renovação 71’, “Chá para 2” e ‘Opus 6’, com o sinal indicando o que se convencionava entender por um palavrão, como algo alusivo a formação de tradicionais políticos da cidade.

Os trocadilhos me fascinavam, principalmente quando se podia responder que a proposta era chá para todos, o que não era o caso da ‘Chá para 2’. Era refrigerante mesmo: ‘super-suco’, que depois valeu menos que o ‘super-plá’, que dizia ao mesmo tempo ‘super papo ou conversa ou o nome da novela que havia passado a pouco na TV Tupi, em 1969. Essa transformação do sentido de uma palavra/frase (Chá para 2) na época me perturbou e ao mesmo tempo que fascinou ao me prenunciar que as palavras não têm um sentido em si e que são polissêmicas, o que descobri academicamente, obviamente muito mais tarde, a despeito do uso deslavado que passei a fazer disso.

Vestir-se com a faixa da chapa vencedora, depois de votar na derrotada, era uma catarse e uma rendição para os meninos, depois de chorarem na apuração e já me enojavam desde aquela época. Ler escritos, panfletos, votar e torcer contavam de uma outra excitação, sobre algo que eu não conhecia, nem tão pouco os meninos que participavam das eleições, mas que me parecia importante. Não lembro, nas referências ao Centro Cívico, de nenhum nome ou rosto feminino. Talvez em 1971 isso fosse normal e o melhor que elas poderiam levar da escola para casa fosse o diploma de magistério, outorgado pelo Otoniel Mota e os cursos de Artes para o Lar, no qual

aprendiam a cozinhar, costurar, bordar etc., enquanto aos meninos o cuidado limitava-se às barras de calça, a prega de botões, a lavagem de louça e às frutas espremidas manualmente para o suco.

Os cineminhas com filmes produzidos por igrejas evangélicas americanas, batista se não me engano, prestavam duras lições de religião e um moralismo opressor, que enfatizava a culpa e o medo depois de atrativas imagens e fatos cientificamente curiosos, as vezes quase aventuras. Com o tempo descobri que me apropriava das lições de moral do meu jeito e aproveitava os conhecimentos que eles transmitiam. Os hinos, como o do Estudante, que dizia assim: *A vida é feita para mim, eu sou um estudante, meu grande ardor não tem fim, meu lema é seguir avante...*, entoado hoje seria considerado um libero pela meritocracia.

O mérito que se advogava aos alunos passava por outros crivos além do saber e *‘ir avante’*. Nesse contexto, era quase um acidente ou o caminho natural para aqueles para quem a escola tinha sido feita. Os ensaios do hino de Ribeirão Preto, ouvidos em gravação feita por uma cantora lírica, nos falsetes dos meninos tentando chegar ao tom, talvez fosse revelador do que se passava ali, além do currículo explícito. Pela rigidez das regras e exigência de obediência, cumpria-se o que se esperava das escolas no começo dos anos setenta e os incomodados – ou impedidos- que se mudasse para o Alcides Correa, antigo anexo do ‘Estadão’ na tradicional avenida Nove de Julho, como aconteceu comigo, por outros motivos.

Noturnos

Guiomar Novaes e suas famosas e definitivas interpretações dos Noturnos de Chopin não existiam para mim em 1973, de resto em minha memória um ano sem graça. A copa do mundo ainda não havia entrado em meu calendário subjetivo e o

sesquicentenário havia passado sem o furor que prometia com *momentos de amor e paz*. Do meu jeito tentava resistir ao estudo noturno procurando possibilidade de trabalhar à noite, como entregar jornais. Nas horas de desespero torcendo para não ter vagas ou criar coragem para não passar na prova seletiva. Nada deu certo: meu pai me achava novo para começar trabalhar de madrugada entregando jornal, o que me daria à tarde livre para continuar estudando no Otoniel Mota. Mesmo assim arrumou a bicicleta para o que seria meu primeiro dia de trabalho e minha mãe, em minha defesa, e contra mim, não me acordou. A prova seletiva foi cancelada e teve vagas para todos que almejavam transferência.

Antes de meu primeiro dia no Alcides Correa, no terceiro ginásio, fui reconhecer a sala onde estudaria no Otoniel Mota, meus ‘novos’ colegas e de certa forma, declarar que meu ódio pelo Otoniel Mota era mentira. Se toda a rigidez da escola me nauseava, perder todos os meus amigos de uma só vez doía muito. Mais tarde descobri que amigos da universidade permanecem a despeito de morarem muito longe. No ginásio, e com as ocupações poucas e comezinhas dos jovens adolescentes, a vida me parece ainda hoje, limitar-se a escola, alguma vizinhança e redes sociais. Naquela época nem telefone existia direito.

Nem a suntuosidade da localização da E.E. Alcides Correa, também um prédio bonito e alguns equipamentos interessantes como as quadras esportivas de que dispunha, como anexo do Otoniel Mota, nem poder ir acompanhado de uma de minhas irmãs para a escola, e o fato de ser mais perto de minha casa, consolava. A sala de aula do terceiro ano noturno era ocupada por moços e mocas que moravam em distantes bairros da cidade e trabalhavam de dia. Mais novo da sala, e apesar da altura, franzino perto dos moços, grande parte deles adultos, os nomes soavam alto e do alto, os namoros pareciam certos e maduros e eu era por definição, desinteressante.

A iluminação pálida da sala, o cansaço e sono dos moços no ultimo horário, a liberdade para saírem da escola e irem embora, contavam que talvez aquilo tudo ali fosse uma farsa. De aluno brilhante, a aluno medíocre, como todos os demais. Por mais que os rapazes me tratassem como mascote e tentassem me incluir, perto deles era ainda um menino. Próximo de mim em idade, somente uma menina, Sandra, que na primeira brincadeira dançante arrumou um namorado, até onde sei, para o resto da vida. Havia outro menino menor, uns três anos mais velho que eu, que somente me deu atenção no ano seguinte quando voltamos a estudar na mesma sala e um tal de Luis Antônio, a beira de se tornar adulto e que se dizia comunista.

Por mais que eu defendia o ensino noturno e os programas de educação voltados para os jovens das classes mais pobres, talvez pelo contraste, aquilo que eu presenciava deixou poucas marcas. Lembro vagamente do rosto da professora de inglês e nem de longe do conteúdo que estudava além do nome de dois livros solicitados a propósito de Português ou literatura: “As Aventuras de Xisto” e “Menino do Dedo Verde”.

Trabalhando em uma mercearia próximo de casa o trabalho ainda parecia uma brincadeira, uma vez que meu salário abatia na conta de compras de meu pai. Fumava como os moços e tossia e me deparava com uma sexualidade mais poderosa que a minha, que chegava às vias de fato, fazia alusões as avenidas e becos onde se fazia sexo em Ribeirão Preto e que me era estranha. Distante, acabei incluído na briga entre dois moços, quando um terceiro, com sequelas de poliomielite me empurrou desafiando para a briga.

Era uma situação estranha. Com aparelhos ortopédicos o rapaz, bem mais velho que eu seria facilmente derrubado e não se levantaria facilmente, o que permitiria que eu descarregasse os braços fortalecidos pela entrega de mercadoria na cara dele sem dó, e em caso de insucesso, as pernas treinadas diariamente na bicicleta de carga e a antiga

velocidade me colocariam facilmente a distancia caso ele conseguisse reagir. Mascote dos moços, eles queriam que eu brigasse e se encarregariam de acabar a surra depois que eu parasse ou caso não me desse bem. Mas não fiz nada. Lembro-me paralisado por um profundo sentimento de impotência, que não reconhecia meu, mas que me afetava.

Venci uma briga que não briguei. Os moços, inclusive os dois que brigavam entre si empurraram ‘meu oponente’ e queriam fazê-lo brigar com alguém ‘da idade dele’, já que tamanho ali não se levava em conta. E o rapaz, hoje o entendo, já discriminado como ‘aleijado’, passou a ser mais do que era.

Essa experiência, um tanto quanto escolar e nem um pouco acadêmica não deixou de ser um duro aprendizado. Os moços, e penso que a maioria deles presentes na escola, eram bons. Trabalhavam e estudavam ainda que isso fosse um eufemismo, como acabou virando para mim também e deixou sérias sequelas, principalmente em matemática. Pessoais também, na medida que me contavam um mundo jamais pensado enquanto aluno do Otoniel Mota. Um mundo no qual a vida se impunha em suas demandas mais mesquinhas, como comida, moradia, roupas e a sexualidade que na hora devida iria romper tudo que se colocasse entre a possibilidade de contato.

Foi o primeiro ano em que não tinha certeza de meus resultados, fiz exames finais de quase tudo e fui aprovado sem ter certeza de que sabia alguma coisa. Em 1974, mais a vontade no ambiente, voltei a ter algum aproveitamento, fiz amigos, guardei algumas saudades, mas a impressão que ficou é que com muita dificuldade estanquei a sangria que se abriu com a ruptura entre uma forma de ensino e outra.

Começaram a se formar trilhas sonoras além daquelas que o rádio me dava: Tim Maia, Elton John, Secos e Molhados, Maria Bethânia, a constatação da exigência de uma indisciplina, vazia para mim ainda, em alguns professores, que se arriscavam a alguns comentários sutis e pediam para prestar atenção aos sentidos das coisas. O

poema ‘ A onda’, de Manuel Bandeira, foi uma lição exemplar de que às vezes ‘uma onda é uma onda’. E que as coisas, e a escola entre elas, falam em sua miséria. Seja na luz solar dos turnos matutinos, ou no pálido sombreado dos noturnos, escolares e de Chopin.

Os moços e moças, agora em sala menor passaram a ter nomes, ou ao menos apelido: Boi, Massuda, um japonês que trabalhava com hortaliças, Sandra e Valdir, ainda namorados, Paulo Torres que me incentivava a sair de casa e viver por conta própria (o que eu aspirava), Damaris, que na boca de Paulinho virou Gal Costa e depois Gal para sempre, Ana, que nos matava de rir e vivia cantando ‘Maldição’, imitando a cantora Maria Bethânia, Sandra, uma paulistana louca que amava Ney Matogrosso, o Luis Antônio que era comunista, o Vercesi, que era boa praça e o Cesinha, que era garçom.

Aos poucos me deixava habitar por um novo mundo, que dialogava com as pessoas com quem trabalhava, agora em uma oficina. As conversas eram mais livres e ateísmo, comunismo, homossexualidade, amor livre e vontade de ir para a França eram falados abertamente, como as experiências com álcool, cigarros e maconha. Neste contexto, me lembro de ser membro de uma seita religiosa defendendo ideias burguesas e valores de uma classe que não era a minha, como eu fazia sempre quando discutia com ‘Luis Antônio, o ‘comunista’, para quem disse que ele queria igualdade entre todos para ter mais do que tinha e ofendi profundamente.

Constato que os reencontros com os colegas de sala não ocorreram muito depois de nossa separação. Paulinho, que se tornou meu amigo, eu visitei por um tempo no lugar onde ele trabalhava, e descobri que tinha função com muito menos importância do que dizia. Luis Antônio reencontrei quando ele já era estudante de Agronomia em Jaboticabal, e eu mais maduro, me retratei das constantes críticas que fazia a sua postura

a partir do que eu suponha minha fé religiosa na época. E Verzezi, em cuja casa fiz um serviço em eletrodoméstico quando ele era estudante de Veterinária. Além de mim, só tenho conhecimento deles dois terem feito curso universitário.

Encontrei também Cesar muito tempo depois em uma festa. Ele quando teve oportunidade, me perguntou se eu era o Paulinho que tinha estudado com ele no Alcides Correa. Eu, que pedia para ele me arrumar emprego de garçom como ele em 1973 e 74, era convidado e o reconheci e ele tinha o mesmo ofício, agora tarimbado pelos cacoetes da profissão. Mas me sorriu.

Encontros como esse sempre são desagradáveis e marcados por uma simpatia condescendente e certa melancolia. Um encontro semelhante com um ex-colega de faculdade e república resultou em uma frase como: ‘Você foi o único que deu certo. Fulano deu certo também, mas a mulher dele é médica’.

O interesse de Cesar por mim, mais de vinte anos depois, era o de um homem que conseguiu estudar até completar o ginásio, quando isso era importante, e que depois, ao me reencontrar em um clube decadente que fora da ‘alta sociedade’ ribeirão-pretana, em um casamento, pode ter suposto que estaria economicamente melhor se tivesse acreditado que a escola é um fator de empregabilidade e mais, boa empregabilidade. Concordo! Na maioria das vezes a educação é um *fator sine qual non*. Mas a quantos se a faculta?

Ouvi dizer certa vez de um amigo psicanalista de Uberlândia que na França as pessoas não estão interessadas em fazer curso superior como no Brasil, que os garçons (*les terribles garçons*) são felizes. Quando a felicidade é colocada na mesma balança que a educação formal, pondera-se entre coisas distintas e o ponteiro não indica nada. A educação/estudos é questão de oportunidade, que no mínimo precisa estar conciliada

com as necessidades mesquinhas de todos. E nunca é demais repetir: aquelas que garantem a materialidade da vida e permitem que o espírito se desenvolva.

Concluir o ginásio no período noturno talvez tenha sido triste. Principalmente quando retorno a Escola Estadual de Segundo Grau Otoniel Mota para fazer o colegial e não encontro nenhum de meus companheiros do ginásio noturno. O Alcides Correa era para muitos um ponto final.

A fauna estudantil do colegial noturno ainda preservava entre seus alunos alguns nomes imponentes como aqueles que eu conheci no ginásio. Divide-os agora com algumas escolas particulares e o que a caracteriza é outra coisa: é uma escola meio: são jovens que cumprem formalmente o ensino à noite em escola pública e se preparam para o vestibular nos cursinho da cidade, principalmente nos últimos anos.

Fui reprovado no primeiro colegial por absoluta estupidez. Membro de uma seita religiosa abandonava as coisas do mundo e arrastava outras pessoas comigo. Um único alerta, de uma professora de física, diante de uma nota zerada em uma prova, serviu como desafio para que eu tirasse a nota máxima na seguinte, de valor dobrado e o comentário de que eu só ia mal quando queria. A despeito de recuperações pontuais, encerrei as atividades por conta própria no terceiro semestre optando pela reprovação e a vida escolar somente recomeçou em 1976.

Todo o curso colegial foi marcado por certa falta de entusiasmo. O mal da admissão parecia repetir-se em três anos seguidos e os conteúdos previstos para vestibular eram relegados ao cursinho, para os que o faziam. O colegial parecia se configurar como um fim em si.

Era possível contar o que se aprendia com os discos, com amigos, com as fugas que resultavam em inúmeras pessoas dentro de um fusquinha gritando feitos loucos, ainda que a cerveja fosse pouca. Não havia culpa nisso. Havia um clima de deboche e

todos sabiam que iriam passar de ano. Nas salas de aula, em várias disciplinas, passava-se o tempo. No terceiro colegial, quando servi o exercito via Tiro de Guerra, entrando em serviço antes das cinco da manhã e dando baixa as sete e depois trabalhando o dia inteiro, às vezes dormia durante todo o período das aulas. Assistir à novela ‘Dancin Days’ era um bom motivo para saltar o muro ou mesmo sair descaradamente correndo pela porta da frente da escola.

Alguns professores soavam ridículos, fazendo piadas constantes um com o outro. Uma voz ecoava no deserto pela boca do professor de física, Antônio Cassebe, um homem triste, sério e solitário e pela professora de história, uma senhora italiana já de idade avançada que dizia coisas interessantes o tempo todo, não necessariamente de história, intermeando suas falas com a expressão ‘*promom*’, que acabou virando seu apelido.

É de 1976 meu contato direto com o racismo, quando cedi meu lugar a uma menina negra, pouco mais velha que eu, muito magra, que tinha um crânio com todas as características africanas acentuadas e foi chamada de macaca por alguns alunos. Ano também de descobrir a flauta, os concertos de flauta na capela do campus da USP em Ribeirão Preto. Ano de descobrir alguma incompatibilidade entre a sexualidade e a religião quando a primeira não se sujeita a segunda. E de redescobrir Elis Regina e Paul Simon fazendo convites a solidão.

É de 1977 o reencontro com o teatro e a colocação de todo meu conhecimento como técnico de uma oficina de eletrodomésticos para criar uma parafernália que dava alguma credibilidade às peças teatrais que produzíamos. De me descobrir autor e de descobrir em uma de minhas peças que queria ser psiquiatra ou psicólogo. De explorar a ironia com títulos como “*O tubarão e a estrela do mar no inferno da cela*”, em que interpretava um psiquiatra louco, e de criar uma peça para ser encenada pelos outros

onde todos morriam sem explicação nenhuma. De acreditar que era artista e convencer as pessoas disso, criando um grupo de teatro que se chamava Grupo Lama e que nunca produziu peça teatral nenhuma.

Tudo marcado pela ideia de atos agressivos, como achava que eram as manifestações de meu ídolo, Caetano Veloso e que, na linguagem de hoje, provocassem impacto e tirassem as pessoas da placidez em que se encontravam. Liberdade e felicidade eram expressões usadas por mim em profusão e a escola/colegial era palco disso tudo. Descobrir a epilepsia de colega e aprender a retirar o aparelho ortodôntico da boca dele para que ele não se machucasse, os amores de outros, e os meus, abandonar a religião na qual acreditava tão ferrenhamente até há pouco tempo, eram disciplinas mais bem ministradas que as tradicionais, pelos colegas e amigos, alguns dos quais permanecem até hoje.

1978 é ano de absoluta frustração com a escola, mas de pactos, tratos, amores... Curso profissionalizante voltado para saúde, a partir de escolha feita no segundo ano, contamos com três únicos professores: uma que lecionava português, outra de psicologia e outros que lecionava tantas matérias que ninguém sabia qual era qual. Valia pela curiosidade dos cultivos das bactérias e fungos soprados na placa de agar-agar por um dos colegas e o riso diante dos fungos que apareciam depois de alguns dias. E pela tentativa de bigode. Como dito acima, a novela *Dancin Days* e dormir tinham prioridades. Apostava-se tudo no cursinho, que viria para alguns.

Havia nomes também, alguns marcados pelo acaso, outros por marcas que durariam a vida toda: Palamim a quem reencontrava do segundo ginásial, e a sua namorada Regina, que veio a ser minha caloura na universidade e com quem ele é casado até hoje; Omar, colega do quarto ano de grupo e alvo de piada sobre a profundidade do rio Amazonas entre meninos, insuportável em sua imitação de

Chacrinha; Terezinha, do segundo ginásio, mais sardenta e bonita e sempre cobaia do professor de biologia que mostrava aos risos largos as colônias de fungos na placa de Agar-agar que ela soprou; Maristela que seduzia Zé Pedro, o irmão da Graça, que não era da nossa turma, três anos mais novo e que dizia que me amava; Graça, sua irmã, que me amava também e eu, que amava os dois. Adail, que negava que me amava com ciúmes dos outros e tentava me prender na seita para a qual eu a havia levado e a qual aos poucos eu ia abandonando. Marivone, que se apaixonava para o resto da vida por um rapaz novo a cada semana e suplicava a benção de Deus; havia Janete, uma pernambucana linda, órfã de pai que me chamava de Lula; tinha a Solange que preservava uma barata em sua Brasília para a gente gritar como loucos pelas ruas de Ribeirão Preto; Guina, que mais tarde vendeu um cordão de ouro que eu tinha e não usava para me presentear com um disco da Gal Costa; Tica, que me levou ao Clube José do Patrocínio, de negros e me apresentou o movimento da negritude, me fez andar com pretos e a me reconhecer como um negro do mundo; Paulo, que foi meu companheiro na tentativa de tocar 'Song of Silence', de Simon e Garfunkel e nos recitais de flauta, até que a chuva nos aproximou muito e eu dei nome ao que se passava quando ele passou a encostar seu corpo no meu sempre que podia e a quem posteriormente consolei dando uma flauta doce de presente; Dércio, com quem combinei um encontro dez anos depois após a leitura de um romance de Fernando Sabino e com quem só rompi por ocasião do golpe de 2016, quando nos vimos em lados diferentes... tantos outros e outras.

Se a memória não me traí, no que consigo lembrar de ter estudado, recordo que a frase que afirma que uma escola se faz com homens e livros não foi errada para mim e a despeito de tudo, lembro com carinho a imagem dos professores. Psicólogo, cansei de dizer que a escola não tem todos os recursos para lidar com a vida quando essa se faz

violenta em seus destinos, sejam esses destinos apenas a vida. Talvez venha daí minha compreensão de que na universidade se faz muitas coisas, como amizade, brincadeiras, jogos, promoções, sexo, música, política etc. e também se estuda. Tudo isso enquanto se vive. De qualquer forma algum estofó se fez formar em mim e cabe hoje render-se aos limites de uma escola que se viu na lona quando se deparou com a mercantilização do ensino promovida pelos cursinhos na fetichização das faculdades e adquiriu muitas vezes o papel de mero agente formal de um ensino que passou a se prestar a um rito, o vestibular e não mais a vida.

A nata da juventude do Brasil

Ser filho de família pobre tem seus problemas, quando se pretende estudar. Meu terceiro colegial se deu concomitante ao ano em que faria 19 anos, em 1978 e estava convocado para prestar o Tiro de Guerra, uma espécie de serviço militar que alguns municípios conseguiam por influência de seus políticos em cidade nas quais não existiam um quartel de alguma das forças armadas. E eu, a despeito das minhas tentativas não consegui a almejada dispensa, mesmo diante da alegação de estudos, trabalho etc. Dispensa era para aprovados em cursos de Medicina, que poderiam servir ao Exército posteriormente à formatura, como aspirantes a tenentes, nos hospitais militares, pessoas com deficiências físicas ou funcionais, impedimentos religiosos, de cujos membros diziam que aceitavam a condição de apátridas e que receberiam documento de certificação militar específico e diferenciado dos cidadãos comuns e os homossexuais, identificados no exame físico.

É difícil sustentar que quartel é uma instituição escolar ou educacional, é mais difícil ainda negar que lá se ensine e se aprenda muitas coisas. O Tiro de Guerra 02/31, de Ribeirão Preto pertence a 102.a Junta do Serviço Militar de Ribeirão Preto está

ligado a 5.a Circunscrição do Serviço Militar, da 2.a Região Militar, ou o segundo exército. Sua autoridade maior em 1978 era um subtenente cujo nome de guerra era Osni, que se acompanhava de dois sargentos: o primeiro sargento, cuja alcunha era Canhete e um segundo sargento, denominado Nélio.

É importante indicar que primeiro e segundo sargento refere-se a posições hierárquicas, de forma que, de acordo com as regras do exército, o inferior apresenta-se ao superior em qualquer encontro, colocando-se à disposição, caso estejam uniformizados, e deve apresentar-se também a esse, quando a paisana, caso o perceba presente em uma condução pública, por exemplo. Dessa informação prosaica, uma constatação: é a ordenação da obediência.

Aspirantes a soldados, éramos chamados de atiradores e a ralé da hierarquia. A condição de soldado somente viria na promoção após a ‘baixa’. Tal condição havia sido a mesma dos comandantes, que após servirem o exército ou tiro de guerra, cursaram escola de sargento e nessa condição ou percurso, faziam carreira dentro dos quartéis, como profissionais e obteriam no máximo, a patente de capitão. A rigor, uma segunda divisão, ou a parte do exército constituída de filhos das classes mais baixa. Os militares de alta patente começavam sua formação nas escolas de cadetes, das três forças, e sua primeira patente já era de oficial, o primeiro tenente.

Obviamente aprender hierarquia não se presta a perceber valores e ideologias presentes no exército, mas a respeitá-la. Mas como disse antes, sempre algo escapa, e homens do povo, os sub-oficiais teciam comentários irônicos e sutis, sempre passíveis de justificativa como piadas de casernas aos oficiais e as suas condições. Uma delas: manter uma postura rígida, máscula, diante da visita do capitão carioca que iria inspecionar o TG. Se acontecesse de ser olhado diretamente nos olhos, deveríamos olhar

como quem olha um *filho da puta*, com cara feia e nunca nos anteciparmos no cumprimento estendendo a mão. Isso tudo era risível.

Com eram risíveis os casos que relatavam histórias de homossexuais que ‘menstruavam’ defecando após ingerirem quantidades absurdas de beterraba; que expunham unhas dos pés pintadas ao tirarem os coturnos quando solicitados ou ainda perdiam as munições nas privadas turcas ao abaixarem as calças para serem penetrados no banheiro do quartel, durante as madrugadas de plantão. Fatos que, se aconteciam, não aconteceram com a primeira turma, de 250 rapazes, em 1978, ainda que logo se identificasse os gays, sem esmalte nas unhas dos pés, sem consumo excessivo de beterraba e sem a perda das seis balas de munição.

A presença de gays é recente na maior parte dos exércitos do mundo, mas a preocupação em preservar essa instituição como local de excelência masculina é antiga, a despeito dos gregos e Código Napoleônico. Nos exames físicos que ocorriam nos processos seletivos, diante de um dos sub-oficiais, algo em torno de 40 rapazes ou mais eram comandados a se despirem em uma sala, enquanto os aspirantes a cabo desfilavam defronte eles, com lanternas e tubos de desodorizador de ambiente, observando a presença de pênis, testículos, unhas dos pés e incentivando a zombaria de algum infeliz que tivesse uma ereção, com o aconteceu com um rapaz quando passei por esse exame. Era um grupo de “machos” escolhendo “outros machos” para ocuparem o lugar de “machos”. Muitos machos para uma única ocasião, com certeza.

Como machos, aprenderiam que a hierarquia se dá também nas relações familiares, a se comportarem diante de uma prostituta, como machos; a urinarem ferozmente após o coito com uma delas e até tomar bezentacil diante de possíveis corrimentos uretrais malcheirosos e ao aparecimento de cancos, ou caroços de tecido duro, na região genital.

Como machos deveriam aprender que o andar masculino elegante é como a marcha da ordem unida em ritmo mais compassado e com a batida dos pés no chão mais suave. Que a barba deve ser feita todo dia e os sapatos engraxados diariamente. Que as fardas fornecidas pelo exercido são de boa qualidade e se ajustam perfeitamente ao corpo, desde que esse seja um corpo em forma.

Como atiradores aprenderiam a atirar, com o antigo Fuzil Mauser 1906, de fabricação alemã; a hierarquia das três forças armadas, os símbolos e hinos nacionais, a cantar o hino nacional, da independência, da república, da marinha e do exército. Esse último com direito a paródia feita nas casernas e até mesmo o significado das melodias tocadas na corneta. Privilegiavam-se os grupos de combate aos distúrbios urbanos, com a formação do pelotão imitando a ponta de flecha como se viu na ação da polícia militar em Brasília nas manifestações pedindo a saída de Michel Temer da presidência da república, e também os de combate a guerrilhas, ainda que os treinos fossem ridiculamente realizados na atual praça rotatória Amin Calil, em Ribeirão Preto. Graças ao meu trabalho de mecânico de eletrodomésticos, no qual utilizava bicicleta dia inteiro, o que me rendeu bom preparo físico, tive a infelicidade de ser escolhidos para grupos de demonstração das duas atividades

Estar entre 250 rapazes da mesma idade tem lá sua graça e algumas atividades como as de Educação Física, os momentos ociosos dos plantões e as combinações de ‘arruaças juntos’, a despeito das constantes advertências para que isso não acontecesse, era bom. Ao que se aliava a preocupação de muitos dos rapazes em vias de escolhas de carreiras profissionais, entre as quais era explícito o incentivo ao Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e o Instituto Militar de Engenharia. Também não faltavam as zombarias hierárquicas com os atiradores que faziam cursos para cabo, que interrompiam a soneca dos rapazes, antes das cinco horas da madrugada, com o

comando: 'TG, em forma'. E se desafinavam, além da vaia, dada a quase todos, eram alvo de risos e zombarias. O macho verde incorporava todos, mas naquela situação faltava ao aspirante a Cabo.

Havia certa paternidade severa nos sub-oficiais, talvez se reconhecendo nos meninos que perfilavam diante deles, que em sua maioria trabalhavam, estudavam a noite e serviam o exercito entre as 5 e sete horas da manhã. E certo humor que ocasionalmente dava um caráter democrático a hierarquia, quando o comando se sujeitava ao grupo, como em certa oportunidade em que foi dada a ordem para que todos olhassem para o céu para ver o satélite que alguns tinham avistado e contaminava a posição de quase todo grupo.

Cair nas graças do comandante foi como cair em desgraça. Como os uniforme me vestiram bem, fui comandado a desfilar diante de 249 rapazes de minha idade, primeiros colocados na posição de sentido e depois na posição descansar para me ver caminhando entre eles, sob os comentários do subtenente sobre a elegância que o belo uniforme me conferia. Levou-me também, como já disse, a ser escolhidos a participar dos grupos de combate a guerrilha e distúrbio urbanos, que participariam da competição entre os três pelotões, o que imagino, era considerada uma honraria. Também me poupou de cantar o hino nacional à capela diante dos mesmos atiradores, como acontecia com os desafinados e os que erravam a letra. Não me poupou, todavia, em um dia em que passei mal antes dos exercícios de combate a guerrilhas e me sentei no chão, como era a instrução, de ouvir a frase que me marcou muito tempo: 'se o mais bonito não vai, não vai ninguém', o que no outro dia fez com que eu fosse chamado de 'menino do subtenente' por muitos deles.

Situações humilhantes que hoje seriam consideradas assédio moral eram comuns: um apelido de infância, de um dos atiradores, Geléia, foi associado ao tamanho e

moleza da bunda do rapaz. O outro, que utilizou um cigarro que explodia após algumas tragadas, foi obrigado a acender o maço inteiro, cigarro por cigarro, sob o riso do pelotão (algo em torno de 80 rapazes) os quais era obrigado a dar, já sem explosivos, para os colegas. E em seguida foi punido com a perda de pontos e a partir daí passou a ser chamado de Bombinha. Notas nos testes geravam apelidos, barbas mal feitas, em rapazes quase impúberes, levavam a suspensão, e atividades no frio e chuva levavam vários de nós a desenvolverem quadros respiratórios.

Cabe ressaltar que os sub-oficiais que comandavam o TG, vistos com olhos de hoje, cumpriam suas tarefas e propagavam as ideias que em alguns momentos lhe foram inculcadas, com extremo profissionalismo e alguma descrença. A frase repetida constantemente ‘vocês são a nata do Brasil’, a despeito de me levar a um poema irônico negando isso pouco tempo depois, fazia com que os jovens os cobrissem de afeto e disputassem nas conversas pré-atividades, defendendo que seu instrutor era o melhor. O Vietnã não estava mais em questão e já não soava como uma ameaça como se deu com os jovens colombianos. E nisso residia uma espécie de gratidão aos militares que, acertadamente, não levaram o Brasil à guerra do Vietnã.

O ideal de heroísmo que recobria tudo, aliado ao patriotismo inflamado que se aludia, conquistou algumas mentes que desaguaram na Escola de Sargentos de Uberaba, da qual alguns membros, originários daquele TC eram visitas constantes na divulgação de inscrições e provas. Meu coração, diante da mente confusa com os apelos sedutores da virilidade, heroísmo, patriotismo e a possibilidade de uma carreira segura que dispensava o vestibular, resistia a tirar o uniforme. Prepará-lo para devolver ao TG alguns dias após a formatura realizada com pompas, circunstâncias, adornos e madrinhas, foi uma espécie de banho de sal grosso. Diante daquela possibilidade,

preferia ser outra coisa. Como no poema que escrevi durante uma aula no cursinho, menos de um ano depois.

Serei nata (1979)

A vida prossegue...

Vai se de barco para onde?

Em meio a gritos histéricos,
suspiro proféticos, morro de medo.

Canto um canto tolo, nublado de paixões,
entristecido por estar triste.

No meio da mente,
uma luz pálida cria sombras de esperanças.

Meu Deus, que será do futuro?

Uma morte nobre me guerra
ou o tédio calçado em chinelos assistindo televisão?

Serei a nata de um povo,
gordura da desgraça humana,
ou a espuma que transborda o leite e torra no fogo?

Cantarei as vantagens da vida em sonetos,
acordes dissonantes ou sinfonia heroicas?

Ou serei um exemplo de fé, ternura?

Farei vigor da dúvida,
paixão do medo? Sorrirei da agonia?

Quem sabe não serei poeta
de frases curtas e cruas,
mas lírico em tudo?

Terei tempo para o amor,
fazer serenatas,
para olhar o mundo e suspirar aliviado?

Serei o momento fecundo da felicidade
transbordante no mundo?

Serei a nata de tudo?

Serei a nata da gente ou Ou serei nada?

Serei nada!

Nada.

O que se aprende na redação de um jornal

O poema, dedicado a um amigo de cursinho, com o qual tenho contato até hoje, tinha marcas, ao menos em sua intenção, de Drummond e Bandeira. O último autor do poema “Estrela da Manhã” com o qual o professor de português e literatura iniciou seu curso no pré-vestibular noturno. Feito em uma de suas aulas iniciais, contemplava a angústia típica de vestibulandos.

Para mim, uma fase de transição. A memória da ‘nata do Brasil’, aprendida com militares começava a se diluir com leitura de autores como Nietzsche, primeiro volume da reedição dos Pensadores que a editora Abril Cultural colocava nas bancas de jornal e outras leituras, de autores clássicos, além da trinca de poetas, completados por Vinícius de Moraes.

O corpo atlético forjados no trabalho com bicicleta mantinha-se teso e informe, e se estampou na expressão vigorosa e saudável da foto da minha primeira carteira de identidade, quando eu almejava o corpo magro dos poetas, como imaginava que deveria ser e como era o de Drummond ou ao menos o dos jornalistas, que passei a frequentar em meu novo emprego como ‘revisor’, como eles me zombavam.

Ser jornalista, ou revisor foi uma espécie de união entre útil e agradável, ou desejo e necessidade. Desejo tanto pela possibilidade de escrita como pelo trabalho de meio turno, que permitia frequentar as aulas do cursinho a noite, estudar pela manhã e ganhar algum dinheiro à tarde. Trabalhando de jornalista – era assim que me sentia – me possibilitava pagar integralmente o valor da mensalidade, como meu orgulho juvenil preferia, e me obrigava a estudar português no dia a dia, acompanhando-me de dicionário e gramáticas.

Foi sem dúvida uma mudança brusca, de um trabalho de técnico de eletrodomésticos, um ensino noturno ruim no colegial e a frequência a um quartel de Tiro de Guerra, para membro de uma redação de um jornal. Na redação figuravam nomes importantes do jornalismo local, como Jarbas Cunha, Rosana Zaidam, Márcio Bernardes, Gilberto Silva, Luciano Lepera, ex-deputado PCB cassado pela ditadura militar. Quase todos lapidados por José Hamilton Ribeiro que eu admirava por suas narrativas da guerra do Vietnã na revista Realidade e Sergio Souto. E uma nova geração, da qual eu poderia fazer parte caso não tivesse optado por ser psicólogo, com nomes como Luciana Bistane, Heraldo Pereira, então revisor como eu e projeto de jornalista, além do contato constante com nome como José Luiz Datena, os cartunistas Glauco e Pelicano, o jornalista e escritor Júlio Quiavenato, autor do *best-seller* “A Guerra do Paraguai” e posteriormente, “A Guerra do Chaco”, entre outros.

Frequentar o cursinho e a redação de um jornal foi quase um ato amalgamado para mim, o que me levou nas minhas dúvidas profissionais a prestar com êxito a primeira fase da FUVEST para a Escola de Comunicação e Artes da USP, obtendo pontuação que só me excluiria por dois pontos da segunda fase para o curso de medicina. Mais que isso, podendo escrever crônicas e mais tarde fazer matérias especiais, levei ao público meus dramas juvenis.

Meu primeiro escrito jornalístico foi sobre uma queixa de corte de árvores. Com a redação vazia dos jornalistas recebi a pedido do administrador do jornal, um senhor idoso muito bravo com o corte de uma árvore, ao qual escutei, anotei os dados e escrevi um texto relatando e deixei na mesa do editor, que fez a copidescagem, como se fosse de qualquer outro redator, e mandou para a diagramação. A publicação e descoberta de minha autoria, além de certa zombaria batismal, do tipo ‘você estreou defendendo a integralidade do pau’, refletia uma redação paralela, na qual todos os membros, eu

repito todos, escreviam contos ou relatos eróticos inspirados nos depoimentos do mesmo tipo na revista ‘Ele Ela’ ou ‘Status’, já não me lembro. E obviamente fui intimado a escrever um.

Havia nos relatos coisas divertidíssimas, do tipo: ‘passei água de colônia na barriga’, ‘confundir a fruta com a coisa’ e por aí. O meu foi considerado sério, não porque não era tão debochado quanto os demais, mas por faltar-lhe as vivências na ‘baixada’, que a maioria dos relatos dava conta. Aproximava-se mais do relato das mulheres, mas substituía a fantasia pela imaginação. Contava a história de um menino entre os 15 e 16 anos que trabalhava na padaria de um casal de portugueses, que lhe assediavam constantemente quando a sós. Cutucavam-lhe as nádegas com um pão bengala (que se assemelhava muito aos atuais pães vendidos como italianos, mas com a massa do atual pão frances). E os dois, irremediavelmente se referiam a bunda do rapazote como ‘muito magrinha’ e imprópria, digamos assim, para o consumo. E a estória confluía para um desfecho ambíguo, no qual impregnado do assédio do casal português, o menino se trancava em um quarto e sobre os berros de seu pai, do outro lado da porta, comia pão com manteiga, em uma referência ao filme “O último tango em Paris”, que eu havia assistido há pouco tempo. Tal literalidade me autorizou a escrever crônicas, pequenas matérias e a assinar algumas matérias especiais.

A primeira, de 12 de agosto de 1979 foi uma pauta que eu criei, e foi assinada por mim, Heraldo Pereira, atual jornalista da rede Globo e Jonas de Oliveira, na época uma espécie de *office-boy* da redação e que mais tarde acabou sendo preso na Colômbia com documentos falsos do Exército Brasileiro. Eu tinha dezenove anos, Heraldo 17 e Jonas 16. Foi a primeira matéria assinada dos três e com o título “O menor não vale o mínimo” abordava o problema das ‘guardas mirins’, um artifício criado para, a pretexto de formação profissional, pagar a empregados menores de idade o ‘salário de menor’,

extinto em 1975, desde que vinculado a Polícia Mirim de Ribeirão Preto. Para meu espanto atual, sociólogos, delegados do trabalho e outras autoridades defendiam a instituição, ainda que com algumas ressalvas. Minha denúncia deu com os burros n'água.

Minha vida profissional e estudantil se cruzou a partir de 16 de setembro, quando passei a ser reconhecido no cursinho mais por conta de meu trabalho como jornalista do que como colega vestibulando. Com a matéria “Vamos, entrem no cursinho. Esse louco ensino-show que arma soldados para a guerra”.

Na chamada de capa, uma foto minha, com muitos cabelos, sentado no chão em meio a apostilas e o livro “Ilusões”, de Richard Bach, o mesmo autor de Fernão Capelo Gaiivota, que de verdade nunca li. Na matéria, que recolhia depoimentos de alunos de um cursinho havia um relato no qual eu descrevia em primeira pessoa e visceralmente a experiência de estar em um cursinho, reproduzindo frase, cenas, piadas e até mesmo musiquinhas e fórmulas.

Tal texto, lido por mim nos dias de hoje, era um escrito do qual saltavam sob forma de palavras toda a angústia que se experimenta nesse “rito de passagem” brasileiro. A matéria concluía com a primeira frase dita em sala de aula pelo professor de português/literatura: “Eu quero a estrela da manhã”, que soava ao mesmo tempo como uma confissão de esperança e de renúncia.

A matéria repercutiu e no cursinho no qual eu estudava estava estampada em várias paredes. O jornal circulava de mãos em mãos. Soube que também causou alvoroço em outros cursinhos da cidade e levou a comentários dos professores, citados em atos e não em nomes, que ora elogiavam a matéria e ora diziam que eu não tinha pedido autorização.

Apesar de a matéria ser assinada, Luiz Carlos Avelino, meu então nome artístico, era um anônimo desconhecido. Eu era chamado por um pequeno grupo de amigos de Luiz. Mas fui denunciado ou descoberto, e de certa forma enaltecido pelos colegas e apontados por algumas frases que soaram preconceituosas. Ser conhecido em uma sala de aula grande, levou a ironias, do tipo: ‘não vou falar isso porque senão sai no jornal’. O fato é que a matéria expressava um mal estar, que mais tarde, como psicólogo e professor de Psicologia sempre denunciei.

Estudar para vestibular e trabalhar como jornalista adiou a escolha profissional, já que um curso de comunicação em uma faculdade particular em Ribeirão Preto não seria de todo mal vindo. E eu, que frequentava listas de bons resultados em exames simulados enquanto pleiteava ser médico, continuei a estudar com certo desinteresse, ainda que com alguma disciplina.

A escola me interessava e fiz duas pesquisas com crianças que rememorando hoje, e feitas com técnicas acadêmicas, seriam de grande importância. Em uma delas colhi dados de mais de duzentas crianças sobre as atividades que realizavam querendo investigar a substituição das brincadeiras tradicionais pela televisão. Para meu espanto, a própria leitura de gibis estava sendo abandonada em 1979. Foi publicada com o título “A TV entrou na Roda”. Tempos depois, conversando com um de meus professores no curso de Psicologia da UFU, Antônio Ribeiro, em 1979 professor do curso de Psicologia da FFCL-RP ele comentou ter lido a matéria e que minha matéria havia sido refeita como pesquisa.

Foi minha primeira inserção nas pesquisas quantitativa. Em outra oportunidade resolvi entrevistar uma sala de aula inteira, o que, olhando hoje, me parece uma pesquisa qualitativa muito interessante. Com o título “Trinta Crianças resolvem os problemas do mundo”, publicada em 07 de outubro de 1979, ouvi alunos de primeiro

ano de grupo responderem sobre felicidade, Deus, casamento, guerra, insônia, tristeza, amizade, verdade, criminalidade e pobreza.

Aprendi que ‘Deus é uma fumacinha que ninguém viu ainda’, que ‘pobres são pobres porque só comem coisa ruim’, que ‘dois juntos vivem melhor do que um só’ e que ‘verdade é aquilo que a gente fala na cara’, entre outras coisas. Descobrir as representações sociais e a transmissão das mesmas, como recurso para lidar com o cotidiano tirou dessa experiência um bocado de poesia; estudar alguma filosofia, deu densidade e desconstruiu alguns conceitos e ideologia implícitos na fala das crianças, mas nada ainda hoje me roubou o alívio que me deu ao constatar que Deus é uma fumacinha que ninguém viu ainda.

Estar fazendo cursinho, ou frequentando uma escola, por mais que ela fosse voltada a um único objetivo: promoção de adolescentes a estudantes universitário, me potencializava como jornalista, e vice-versa. Mesmo tratando-se de um ensino para consumo rápido, o sentimento de injustiça apoderava-se dos meus vinte anos e como em geral acontece no final em um regime de exceção, minha politização crescia, assim como o desejo de crítica e mudança.

A escrita é um instrumento poderoso ainda mais quando conta com um veículo impresso com tiragem diária de dez mil exemplares, como era o caso do jornal O Diário, no qual eu trabalhava. A atenção e o crédito a palavra de crianças me levou a elaborar uma crônica delicada, mas ao mesmo tempo dura a respeito de um menino que se dizia com 12, mas deveria ter nove, que ficava de guarda em um loja de garrafas recicladas situada entre minha casa e o jornal em que trabalhava. Sua função era chamar a dona da loja, ou um de seus filhos, que faziam cursinho na mesma escola que eu. O problema é que ele trabalhava e não sabia a própria idade e nem ler, e foi isso que publiquei na minha crônica em 14 de dezembro de 1979 chamada “Um menino

analfabeto que não aceita trocas”, fazendo uma reflexão sobre o saber, o conhecimento, a pureza e o analfabetismo enquanto tentava adivinhar a resposta da pergunta que ele me fizera: se eu sabia aonde ele ia no sábado.

Depois dessa crônica, aparentemente lida pelos donos da loja, ele parou de conversar comigo. O que me levou a uma segunda crônica, em 05 de fevereiro de 1980, denominada ‘Desse menino analfabeto eu só quero...’. Em tons escuros e fala dura, recapitulava a crônica anterior e me desculpava com a mãe do menino, os donos da loja e os leitores, menos com o menino, com o qual me propunha a ser injusto a partir daí. A crônica terminava assim:

“Mas agora vai a injustiça. Se alguém ler para ele essa crônica, como leram a outra, digam que nunca mais converso com ele. Isso é injustiça. Sei que é. Mas será que existe alguém que não se sente nem um pouco culpado quando fala em justiça? Vou ser mais reacionário ainda, não quero que ele aprenda a ler nunca, nem que arrume um bom emprego, nem que seja nada na vida. Quero antes que se torne um criminoso, mate um monte de gente, e desforre sua ignorância no mundo”.

Ao tomar contato recentemente com esse trecho minha filha, aos 29 anos disse: “Pai, você era louco”. E relendo, acho que era mesmo. Como em um bilhete deixado para a redação, que o editor publicou, no qual eu me dizia tomado pelo espírito de Herzog, na crônica que ironizei a visita de Figueiredo em Ribeirão Preto, dizendo me contente inicialmente por receber sua visita no dia de meu aniversário, em 23 de agosto de 1979, e depois decepcionado, ao descobrir que ele tinha ido visitara cidade por causa das vacas. O fato é que a segunda crônica me rendeu uma carta da dona da loja comunicando a matrícula do menino na escola e o cuidado que sua família passaria a ter com ele.

Minha aprovação no vestibular na Universidade de Uberlândia foi noticiada em crônica também, mas antes tive que reportar em primeira pessoa os exames da FUVEST, no qual concorria a vaga na ECA-USP e fui aprovado para a primeira fase. Fiz antes de me despedir do jornal um pequeno memorial, agradecendo às correspondências que recebia, e despertavam ciúmes na redação, uma delas um tanto quanto suspeita de se tratar de serviço de inteligência, já que sempre incidia sobre meus temas mirabolantes como ‘o condor era da CIA’, ‘A Rodinha dos Vandrés’, ‘Para não dizer que não falei das flores’, entre outras puramente non-sense, que eram fábulas irônicas, nem sempre com o devido conhecimento do que tratavam. Ser jornalista, enquanto me preparava para ser psicólogo, foi determinante para a recusa de um certo tipo de psicologia e para que a esse próprio feito profissional se concretizasse.

Escolher psicologia foi mais uma escolha existencial do que profissional. Minha tentativa de orientação profissional, marcada por risos entre eu e a psicóloga do cursinho, apontava teatro, música, letras, biologia, medicina. Tudo me interessava. Já na época dizia que poderia ser qualquer coisa, menos dentista e contador. A ECA me atraía, mas São Paulo e a perspectiva de morar na casa de parentes me assustava. Meus amigos iam para Uberlândia e resolvi ir junto. Como quatro deles, gostava de psicologia que conheci no ginásio com o livro ‘Psicologia Geral’, de Madre Cristina, no qual aprendi as palavras ‘estagirita’ e ‘concepção’. Já havia lido também ‘Análise do Homem’, de Erich Fromm e outros que as pessoas jogavam fora nos anos 70, Sabia quem era Freud, Reich. Ademais, a maioria de minhas ‘grandes’ matérias eram sobre comportamento, como as minhas preferidas na extinta revista ‘Realidade’.

Esse arsenal me fez fazer algum sucesso na primeira aula no curso de Psicologia da UFU, quando, diferente da maioria de meus colegas interessados em se conhecer melhor e ajudar os outros, disse que queria estudar psicologia científica,

abandonar a psicologia vulgar e do senso comum e virar psicodramatista. De novo confesso, era somente em parte verdade.

Voltei às redações novamente, já psicólogo, em 1985. Mais técnico do que criativo e aluno de um curso de Comunicação Social para disfarçar meu exercício ilegal de profissão, com bolsa integral concedida por um deputado federal do PTB, um dos donos da mantenedora.

Isso representou meu segundo fracasso em me formar em jornalista. A bolsa integral, que raramente era concedida na instituição, me tornou conhecido rapidamente e havia conjecturas sobre minha relação com o então deputado. Na verdade, mera troca de favor entre ele e o editor do jornal, então com nova administração e o político. A gota d'água de minha desistência dessa segunda formação foi quando participei de uma reunião com professores e alunos sobre a criação de um jornal para o curso e insisti no nome "Ensaio" contra a proposta majoritária de denominá-lo de Lesmão, em uma referência irônica ao jornal francês 'Le Monde'.

Participei nessa segunda atuação como jornalista de cobertura da visita do presidente José Sarney em Ribeirão Preto em 26/02/1986, quando foi anunciado o plano Cruzado, de edições especiais, de confusões geradas pela publicação de coisas que políticos de Ribeirão Preto não queriam que fossem publicadas, entrevistas (e carreatas) com políticos importantes, coletivas com jornalistas famosos, como Carlos Nascimento, políticos canalhas que diziam besteiras convenientes para publicação e em *off*, o que todos suspeitavam e não podiam publicar;

Entrevistei artistas maravilhosos, como a dupla sertaneja Tonico e Tinoco e outros nem tantos; fiz matéria policial que, enviadas pelo correspondente da Folha de São Paulo, Walter Melo, ocupou a capa do antigo jornal Notícias Populares (*Pedreiro*

estupra a filha e mata neta do pecado). Matéria em que, na descrição que fiz do ambiente, traçava um perfil psicopatológico do assassino. Também críticas contundente a eventos artísticos e coisas triviais e cômicas, como matéria feita a partir de um anúncio da compra de filhotes de gato, que foi notícia em importante programa radiofônico popular da cidade.

Em Uberlândia, em nova temporada como jornalista, finalmente obtive registro profissional. Atuei nas duas TVs locais, como estagiário em jornal impresso (Primeira Hora), me envolvi em polêmica pública sobre a necessidade do diploma de jornalista para exercício da profissão, já que sabidamente era psicólogo, mas essa experiência não envolvia nem o psicólogo nem as questões voltadas a educação, que elegi como mote desse memorial. Servem para ilustrar o duro mercado profissional da psicologia, mas distanciam-se infinitamente da relação que teve minha primeira experiência como jornalista e o estudo, que culminou, objetivamente e com fortes marcas subjetivas, no psicólogo que me tornei.

Mas a Faculdade...

Minha vida universitária começou na fila do vestibular, prestado no ginásio do SESI Uberlândia. Um rapaz chamado Luís, como eu, estava na fila imediatamente na minha frente e iria prestar Psicologia, também como eu. Foram aprovadas 28 meninas e nós dois, que logo ficamos amigos, em seis meses morávamos na mesma república, fazíamos trabalhos juntos e mais tarde acabamos sendo padrinhos de casamento um do outros e fui obrigado a lhe dar uma panela de pressão de presente, como sempre ameacei fazer desde que seu namoro com sua esposa se mostrou perene. E ironia do destino, quando fazíamos doutorado no Instituto de Psicologia da USP, com a morte de minha orientadora, Dra Lígia Assunção Amaral, passamos a ter o mesmo orientador, Dr. Paulo Albertini. Eu sempre o provocava dizendo que fiz psicologia somente para

conhecê-lo. E ele inúmeras vezes me disse que eu somente o colocava no meio de cagadas, como meu pai dizia que eu era mestre em fazer, ou melhor, me meter.

Nossa turma tinha mais dois rapazes, remanescentes do período anterior. Um deles, que não era nosso amigo e nem se aproximava de nós, também se chamava Luis. Minha ironia não demorou a detectar a presença de três Raqueis na turma e a forte religiosidade de algumas meninas, o que me levava a dizer que a Deus era providencial e havia colocado uma Raquel para cada Luiz. Com a saída das três Raqueis após o encerramento do segundo período e do terceiro Luis, ficamos somente nos dois, eu, alcunhado de Luis de óculos e ele, de Luis Alberto. E ele suportava com riso minhas provocações quando eu dizia: “agora, sem as Raqueis, vamos ter que casar um com o outro”.

Tirando os momentos em que ele me odiava profundamente, quando eu andava atrás dele preventivamente para evitar que ele, por causa das sequelas da poliomielite caísse, como em um casamento, estudávamos juntos, praticávamos esporte juntos (ele era exímio jogador de tênis de mesa, voleibol e se virava muito bem no basquete, apesar das quedas e de goleiro no futebol, morávamos juntos, comíamos juntos, brigávamos etc...E como na maioria dos casamentos, não havia sexo entre nós. Conto isso porque nossa relação é dessas que se formam por volta dos vinte anos e duram a vida inteira e talvez ilustre o que há de mais doce na vida universitária. Obviamente a vida de Luis e a minha tiveram outras doçuras, amores e dores, mas se há uma para recordar, é a ele que me remeto.

As meninas da turma nos amavam. Primeiro eu, mais expressivo, depois ele, mais contido e no final amavam os dois, como constatou minha companheira Rosário no encontro de 30 anos de formatura, no qual a ausência dele foi lamentada. Daria um livro falar de cada uma delas. No conjunto, foi uma turma valente, que mesmo com

medo, assumiu posições políticas na primeira metade dos anos 80, que soube recuar, enfrentou professores e a instituição por um ensino melhor e abriu, quando formada – e mesmo antes, como estagiários – importante fronteiras no mercado de trabalho, sendo que oito de nós fomos a primeira notícia de psicólogos na saúde pública de Uberlândia. Havia entre nós pessoas bonitas, outras nem tanto, namoradeiras, disciplinas, indisciplinadas, experientes e algumas que levavam a vida na flauta. Houve entre nós também situações de contristamento, gravidez indesejada, problemas de diferentes ordens, amores frustrados e sofridos, ódios, acusações, preferências, desistência etc., como se dá em qualquer grupo de jovens.

Escolhíamos entre nós os ‘mais-mais’ do ano e tínhamos panelinhas para caronas, namoros, matar aula na cantina e comer esfirras, na casa de uma das ‘turbas (eram três). Em nossa festa dos trinta anos descobrimos que apenas duas das que se formaram não atuaram como psicóloga. Foi a primeira turma do curso de Psicologia da UFU a produzir um número considerável de mestres e doutores: doutores são cinco e mestres sete. Três dos doutores são atualmente professores em Universidades Federais assim como foi uma com título de mestre, que se aposentou. Outra atua no Ministério da Saúde e os demais pós-graduandos em instituições particulares. Apontar a grandeza desse grupo é necessário, principalmente porque foi uma das duas únicas turmas que perderam um semestre pela greve que os alunos promoveram em 1982 por ocasião do afastamento de oito professores por motivos políticos. Voltarei a isso mais adiante, como um tema a parte desse capítulo que relatará talvez o momento mais importante de meu curso de graduação. Cabe antes descrever a tão decantada vida de república, imortalizada por Martinho da Vila.

Passar no vestibular não tornou meu pai rico e a despeito de seu orgulho, minha mudança de Ribeirão Preto para Uberlândia só tornou-se possível graças a alguma

economia que eu tinha, a promessa de alguma ajuda familiar e o projeto de obter crédito educativo e arrumar emprego. A ajuda de uma moradora do prédio em que meu pai trabalha, contribuía para que meu pai ‘me formasse’ com mil cruzeiros por mês, me tornava em 1980 um estudante rico; que podia fumar um maço de cigarro por dia, tomar café com leite condensado, comprar discos e livros, estudar francês e frequentar o conservatório da cidade para aprender tocar flauta e violão.

Mas Dona Alzira Caixe Calil, que me dava mil cruzeiros por mês, mudou do prédio onde meu pai trabalhava e levou na mudança minha rica mesada externa. A inflação no início dos 80 galopava (110 por cento ao ano, segundo dados do IBGE (1990)), o crédito educativo foi extinto e eu não conseguia arrumar emprego. Meu caso foi quase uma espécie de empobrecimento instantâneo e se tornar professor leigo, de Português e mais tarde de Geografia em uma escola particular decadente chamada São Judas Tadeu era uma promessa de receber algum dinheiro, que ocasionalmente vinha. Cadastramentos imobiliários, pesquisas eleitorais, fiscal de vestibular além de suportar filas quilométricas para obter desconto nas taxas de matrícula ajudavam a equilibrar gastos e me davam aos poucos o corpo de poeta que eu tanto almejava aos dezenove anos, magérrimo.

Mas quem haveria de se queixar: morei com pessoas brilhantes que por brincadeira organizavam sessões de defesa de teses com temas absurdos. Todos bebiam e todos eram aprovados, é claro, mas no meio da ironia gritante, defendeu-se a tese de que tudo era, mas poderia não ser; a tese do inutilismo, de que tudo que era inútil, a da competição pela competição, a da transitoriedade, que era a minha e que às vezes me pego professando, quando em situação de angústia me lembro de que tudo passa.

Foi nessa situação minha primeira orientação ‘acadêmica’, na qual um amigo meu, de minha cidade natal, que pleiteava vaga na republica defendeu a tese da

autocontradição, na qual mostrava que todas as teses (defendidas na república) eram autocontraditórias. O engraçado nessa história é que ele acreditou que se não passasse seria expulso da república, quando na verdade nós estávamos dando descontos para que mais alguém morasse lá para dividir as despesas.

Muni meu orientando de argumentos: da tese do ‘é mas pode não ser’, disse que ela era boa, mas poderia não ser’ (rio enquanto relembro um argumento tão tosco e tão certo), da tese do “competitivismo”, dizia que por seu absolutismo ela não tinha competidor, então se autonegava ao encerrar a competição; em relação a ‘teoria da transitoriedade’, afirmou-se que sendo ela própria transitória, mostrava-se perene, pois daria lugar a outra também transitória e por fim, negava a tese do ‘inutilismo’, ao mostrar que ela era útil para mostrar que tudo era inútil.

O viver universitário foi doce apesar da fome que todos passam nesse período da vida. Morar com pessoas que disputavam quem lia mais, aproximou-me de autores nunca antes imaginados e me fez comprar livros; desde romances clássicos, aos ‘100 dias de Sodoma’, de Sade, cuja leitura mencionada em sala de aula na disciplina Psicopatologia me tornou uma referência no assunto (rio novamente). Dividindo um quarto com um pianista e cantor lírico, aprendi a tocar os primeiros compassos de Bachiana N^o 5, de Villa Lobos e pela constante repetição, a colocar letras em obras de Bach nas quais dizia não suportá-las mais. Montamos a peça Esperando Godot, de Samuel Becket, na qual eu era substituto do ator que fazia o personagem Lucke, caso ele entrasse em crise no dia da apresentação, como entrava quase que diariamente. Era também estivador na montagem do cenário, iluminador e vendedor de refrigerante no intervalo.

Criei também e apresentei a peça Peter Pam, escrita com ‘m’ mesmo, em evento estudantil, em suas duas versões: Peter Pam I e um ano depois, Peter Pam dois. O texto

inteiro, extraído de uma revista do personagem Peninha, de Disney, resumia-se em três frases:

Um: Quem é você?

Outro: Eu sou o Peter!

Um: Pam!

A versão seguinte, Peter Pam II invertia a lógica e atirava-se primeiro e perguntava-se depois. As duas foram sucesso de público lotando o grande anfiteatro 2A, então o maior da UFU, já que precedida de exaustiva campanha de divulgação. A primeira teve algumas vaias, alguns aplausos e o público inteiro pedindo um inusitado bis, já que poucos estavam atentos nos seus onze segundos iniciais, que correspondiam a peça inteira. A segunda, em evento do curso de Medicina, foi vaiada copiosamente, já que o esperado era que em vez de um pam, fossem emitidos dois. A experiência do público com os onze segundos de Peter Pam I, gerou um silêncio quase absoluto nos instantes que precederam a apresentação.

As atividades políticas também eram intensas. A maioria dos fundadores do Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores em Uberlândia eram estudantes da UFU ligados ao movimento estudantil. Morando em outra república, em 1983, cunhei e escrevi com carvão na parede uma frase que a princípio gerou certo mal-estar em meus amigos, e depois riso: *“O PT Unido jamais será partido”*. Mas o PT e mais que ele o PRC, era a referência de parte dos militantes de nosso grupo político no movimento estudantil.

Além dos ideais e lutas por causas tão díspares como Anistia, eleição diretas, Restaurante Universitário, papel higiênico bom nos banheiros, eram pessoas que amavam, festavam, faziam besteira, se perdiam, morriam de morte acidental e autoprovocada, choravam, trepavam, fumavam maconha, iam a velórios para consolar

parentes dos mortos e comer pão de queijo etc. e me levaram a construir uma ideia que sustento até hoje diante de meus alunos, de que a universidade é um local de vida, de viver e a pensar, como Deleuze, que o professor nunca saberá o que na sua aula interessou ao estudante.

Somente ocupei um cargo no movimento estudantil: diretor de imprensa da segunda diretoria do DAPSI, o Diretório Acadêmico da Psicologia, em uma gestão cuja eleição se deu em meio à divisão dos estudantes que inviabilizou minha candidatura como presidente já que eu era identificado com o grupo ligado a Convergência Socialista, sem eu mesmo o ser, o qual se opunha ao grupo ligado a corrente O Trabalho. Ironicamente os dois grupos, aliados a Libelu (Liberdade e Luta) foram os responsáveis pela fundação do PT em Uberlândia. Nesse contexto, Luís Alberto Lourenço de Matos, que deveria ser o diretor de esporte, foi instado a ser o presidente da chapa. Sustentou-se a tensão e uma série de ataques foram dirigidos contra mim durante todos os embates. A revelação de que o Luís candidato a presidente não era eu, na reunião de formação de chapa desarticulou totalmente o grupo ligado ao “O Trabalho” e a chapa foi montada somente com ‘gente nossa’. E o presidente era Luís.

A importância desse evento se dá porque é sob essa gestão que ocorreu a maior greve estudantil de toda história da UFU e talvez a maior depois da abertura política, com duração de 49 dias, entre 01 de abril a 19 de maio de 1982, fora mais uma semana de reconstrução do calendário. O motivo da greve, que chegou a grande mídia nacional, foi o afastamento de oito professores do então Departamento de Psicologia por motivos políticos.

Esse evento foi narrado em dois trabalhos importantes: Perfeito (1994) e Kodato (1996). Os dois analisam os acontecimentos sob uma perspectiva institucional, sendo que o primeiro trata-se de um trabalho de conclusão de curso de especialização

orientado por Gregório Barembliit cuja autora cursava o primeiro período de Psicologia por ocasião da greve. O segundo é uma tese de doutorado defendida no IP-USP por um professor presente no antigo DEPSI por ocasião dos eventos. Ambos focam aspectos institucionais e apoiam se em documentos, particularmente as atas das reuniões, depoimentos feitos ao inquérito administrativo que resultou na expulsão dos oitos professores e artigos publicados nos jornais durante a greve. O autor do segundo, me cita nos agradecimentos pelos diálogos que mantivemos durante a realização do mesmo.

Apesar de necessários e com análise brilhantes, os dois pecam na descrição de eventos de deram origem a greve, o que poderia ser resolvido por depoimentos de alunos e professores. A greve teve entre os alunos grandes protagonistas e eu somente recentemente me reconheci como um deles, ainda que dos menores. Mas como penso que um memorial deve se prestar a ser um documento histórico, volto aqui a história, não com o fito de recontá-la, mas apontar alguns aspectos que considero importantes.

Sob o clima da abertura iniciada no governo do general Figueiredo, a agitação política cresceu. No segundo semestre de 1979 a UFU teve sua primeira greve pós federalização, da qual resultou a formação de diversos diretórios acadêmicos, inclusive o da Psicologia e a primeira eleição direta para o DCE, em 1980, na qual foi eleita uma chapa de esquerda, cuja vice presidente, Cláudia Afonso, era aluna de quinto período de Psicologia, contra uma patrocinada pela reitoria nomeada pelo MEC.

No curso de Psicologia, com um diretório acadêmico atuante e as discussões políticas, lutava-se para a construção da Clínica de Psicologia, temia-se o não reconhecimento do curso, uma vez que nenhuma turma ainda havia se formado e os alunos mais adiantados no curso estavam no oitavo período. É no primeiro semestre de 1980 que se realiza eleição para chefe do departamento e o professor L.L. derrota o

adversário F.L., que ocupava então a chefia interina, tendo como vice o professor A.P. O clima chegou até os alunos.

A disputa foi entre dois professores doutores em um ambiente em que a maioria eram especialistas. Professores novos eram contratados às pressas para darem conta da necessária supervisão dos estágios que deveriam se iniciar e eram, em sua maioria, pouco mais velhos que os alunos que iriam supervisionar. As discussões acadêmicas, sobre escolas não eram tema e os assuntos entre os estudantes era a qualidade do curso, o reconhecimento do mesmo e a reforma curricular. Sob a chefia de L.L. os alunos se fizeram representar no Conselho da unidade com um representante por sala com direito a voz e voto, e com direito a voz no Colegiado do curso. Havia alguns grupos principais quanto à formação: um oriundo da FFCL-RP, outro da PUC de São Paulo que propagava as ideias da Psicologia Social de Sílvia Lane, identificados por Kodato em sua tese como o grupo de Londrina, alguns com raízes em Belo Horizonte e uma turma nova que provinha da PUC de Campinas.

Nada na formação dos professores que deram origem ao chamado ‘grupo dos oito’, além da acusação de que eram marxistas, como foram acusados, com certeza, justificava o fato de estarem no mesmo grupo. Havia entre eles behavioristas (três), outros que hoje poderiam ser chamados de psicólogos sociais com abordagem sócio-histórica e outro que nunca ninguém mostrou a abordagem que defendia.

Institucionalmente o processo passou por acusações de violações éticas, manipulação em concursos, manipulação ideológica dos alunos, e outros tipos de infração. Nas palavras do professor F.L, na época, os atritos deviam-se a concepções de universidade. A dele, pedagogo de formação e mais tarde divulgador das ideias fenomenológicas, sempre foi compreendida por mim como um apelo academicista que privilegiava a universidade como produtora do conhecimento, a despeito do local e

tempo em que se inseria. A outra, protagonizada pelo professor S.P., apontava para uma universidade que considerava necessária a intervenção nas lutas cotidianas que se travava no processo de desmontagem da ditadura militar. Nas palavras de Japiassu (1975), que estudávamos na época, seria um embate entre os que consideravam a ciência neutra e os que negavam isso.

Acirrava essa disputa o fato de F.L. ser professor das duas disciplinas de Psicologia Geral no primeiro e segundo períodos do curso, em uma das quais se estudava as escolas psicológicas de modo tradicional, com uso de manuais e até mesmo o livro “Psicologia Geral” da Madre Cristina, reconhecida na história da psicologia por proteger perseguidos políticos durante a ditadura militar. S.P. por sua vez lecionava STP, Sistemas e Teorias em Psicologia, no quinto período, no qual desconstruía todas as escolas estudadas com F.L. a partir do livro de Georges Politzer, “Críticas aos Fundamentos da Psicologia” (1976) e “Princípios fundamentais de filosofia” (1962), que exerceram grande influência no pensamento francês.

As acusações de que promoviam a leitura do ‘Manifesto Comunista’, de Marx, em sala de aula ou mesmo de ensiná-lo, sempre foi mentirosa. Os alunos dispunham do manifesto e o estudavam em ambientes do movimento estudantil, na época marcada pela presença de muitos alunos do curso de Psicologia. Recentemente uma ex-aluna do curso me confidenciou que L.L. participava de discussões políticas com alguns grupos de estudantes fora do espaço da universidade e o mesmo chegou a ser presidente do Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores em Uberlândia.

Não cabe aqui descrever toda história, para isso remeto aos trabalhos já citados de Perfeito e Kodato, mas uma versão que me implica, já que nos primeiros dias de aula do primeiro semestre de 1994, o meu primeiro ano na UFU, os alunos descobriram uma

pasta com recortes e informações sobre a greve e alguns professores, ex-professores meus, consideraram que a responsabilidade era minha.

Não era. No sentido de que nada fiz para que isso acontecesse. Por outro lado, era responsabilidade total minha, já que havia participada da greve, assim como a também contratada professora Cláudia Dechichi e de alguma forma eles descobriram isso. Só então passei a me considerar um protagonista importante desses eventos, na medida em que presentificava toda uma geração de alunos que viveu os eventos do qual narro agora outros detalhes.

Para mim o marco inicial da crise que culminou no afastamento e demissão dos oito professores, após os desconfortos causados pós eleição para a chefia do DEPSI e as ações democratizantes do chefe L.L., atendendo reivindicações dos alunos, se deu no semana científica de 1981, quando um grupo de alunos liderado pelo estudante F.N. e E.G., acompanhados de outros, apresentou um trabalho denominado “Percepções dos alunos de Psicologia em relação ao seu curso” desenvolvido nas disciplinas de Métodos e Técnicas de Pesquisa, na qual, com questionário indagavam estudantes a respeito da qualidade e satisfação dos alunos com o curso. A apresentação do trabalho chocou a plateia deixando os alunos indignados.

Os comentários ficaram a cargo dos professores F.L., um dos poucos doutores do Departamento e de S.P.. O primeiro fez uma análise mostrando as fragilidades metodológicas do trabalho como é comum se fazer na apreciação de uma dissertação ou tese de doutorado, questionando o sentido da palavra percepção sem, no entanto, nada dizer do mérito do trabalho. S.P. por sua vez, ironizou a análise de F.L., teceu loas ao mérito do trabalho e elogiou ‘o doutor F...’, em uma clara referência ao aluno, recomendando a continuidade e deixando F.L. visivelmente constrangido. É importante destacar que os “F”, do aluno e do professor, omitem o mesmo nome.

No clima político de então, a continuidade passava pela ação e foi isso que o grupo que apresentou a trabalho fez, apoiado pelo DAPSI, Diretório Acadêmico da Psicologia. Passaram em salas de aula, apresentando os resultados do trabalho e promovendo uma classificação dos professores entre bons, recuperáveis e irrecuperáveis, mesmo diante dos professores. Apesar dos nomes nunca terem sido divulgados era fácil saber quais eram considerados irrecuperáveis – que por discrição omito aqui: todos aqueles que eram alvo de pedido de substituição e o grosso daqueles que votaram pelo afastamento dos oito por convicção (muitos o fizeram por medo). Já professor do mesmo curso, ouvi em tom de ameaça: botamos oito para fora e se for preciso botamos outros, de uma professora que em seu depoimento menciona ‘o corredor polonês’ formado pelos alunos, quando se votou o pedido de reintegração dos oito professores. Nesse ‘corredor’, o nome dos professores que votaram contra a reintegração foi pronunciado em uníssono pelos alunos, devidamente ensaiados por um acadêmico que fazia teatro. E minha voz, que se destacava, foi lembrada pela professora que me disse “já botamos oito para fora...”

Essa lista dos irrecuperáveis nunca foi construída e divulgada, pois não havia consenso entre os alunos de diferentes períodos e isso foi discutido em uma assembleia na qual participou A.R, então aluna do curso e esposa do professor F.L., posteriormente docente do mesmo curso. Mesmo inexistente ela despertava medo nos professores, em sua maioria não concursados. Isso, aliado ao clima político amedrontador, e a irreverência e coragem com que alguns dos professores acusados enfrentavam o *establishment* institucional levou a construção de uma peça acusatória, que envolvia aspectos éticos, pedagógicos, ideológicos etc., já indicados e bem relatados por Kodato (1996) e culminou na intervenção pelo então diretor do Centro de Ciência Humanas e

Artes, G.C. que em reunião chamada as pressas colocou em votação secreta a posição favorável a permanência ou afastamento dos oito professores.

É importante ressaltar que ‘o fantasma dos oito’ e a crise que levou a demissão deles ainda parece assombrar o atual Instituto de Psicologia, com a ocasional colocação de algum professor no lugar de bode expiatório, sem que se dê conta disso e no isolamento ao qual alguns professores se relegam, como se o curso começasse na disciplina deles e nela se encerrasse, com poucos se empenhando na difícil tentativa de articulação (ou justificação) entre as tantas e tão distintas psicologias, apontando aspectos epistemológicos que sustentam cada uma.

Imagino que isso acontecia também no início dos anos 80, com um verniz ideológico mais claro, e talvez não demore a encontrar seu lustro se o crescimento das ideias fascistas no país prosseguir: queiramos ou não, a Universidade é uma caixa de ressonância social e nela tudo se faz representar, às vezes com nobreza, as vezes como emblema do ridículo. E o saldo disso é a queixa de alunos com a qualidade do curso e o sofrimento que ele causa, a despeito de números que o colocam entre os melhores do país.

A greve começou com festa, pauta de reivindicações grande, que passava pela reintegração dos oito professores e chegava a temas prosaicos como realização de semana científica e cursos de extensão. Os últimos, facilmente acatados pelo então reitor da UFU, A.C., em reunião com os representantes dos alunos em seu gabinete desde que retornassem às salas de aula, o que foi prontamente recusado.

Cabe constar, para registro e pistas para historiadores, que entre os alunos, havia propósitos claros, pela melhoria do curso, que incluía a permanência dos oito professores, considerados competentes e comprometidos com a formação dos alunos e

com a psicologia. Havia também ingenuidade, que levou a divisão do grupo no final da greve, quando a parte mais ativa do movimento se encontrava exausta e a parte que havia retornado para suas cidades (é importante destacar grande parte dos discentes eram de outras cidades) insistia que os objetivos não foram alcançados.

Cabe contar que houve um concurso de paródias que envolveram alunos de outras faculdades, com músicas bem humoradas, críticas e até moralistas, cuja vencedora, de minha autoria, quase me levou a expulsão e a de Luis Alberto Lourenço de Matos, então presidente do DAPSI, após sua letra ser afixada em várias cópias pelo prédio do curso de Psicologia, não fora a intervenção do diretor do CEHAR, G.C. que via nesse ato a possibilidade de propagação da greve. O fato é que a paródia era moralista, agressiva e aos olhos de hoje homofóbica e desqualificava o então chefe, A.S. de diferentes maneiras. Mas correta quando o equiparava ao então presidente Figueiredo, já que era um dos articuladores do movimento e um dos signatários da carta denúncia contra os professores afastados.

Havia a indiferença dos alunos contra os cartazes arrancados das paredes pelo novo chefe do Departamento, pois a ‘fábrica de cartazes’, sempre com mais de dez pessoas trabalhando o dia inteiro, os produzia incessantemente e os repunham minutos após terem sido arrancados. Houve a semana científica no qual se discutiu sobre sexualidade (intersexo), tortura e se assistiu ao filme “Vidas Secas”. Houve a apresentação das peças teatrais “Esperando Godot”, de Samuel Becket, “Apareceu a Margarida”, de Roberto Atayde, para arrecadação de fundo e mobilização dos alunos grevistas. Houve namoros e amores de greve, choros, atritos. E houve passeatas e atos públicos na principal rua e praça da cidade. Em suma, houve uma reação a um ato que violava a democracia que se almejava com a abertura e colocava o curso de Psicologia da UFU nos porões da História. E houve a formação de uma geração de psicólogos

comprometidos com a construção de uma psicologia comprometida socialmente, que desaguou também em consultórios, mas principalmente na saúde pública, educação, órgãos públicos e ONGs.

Mas enfim, minha graduação não se resumiu à greve. Eu fui, caso se aplicasse os critérios de hoje que privilegia a relação frequência/nota, um aluno medíocre, como atesta e comprova meu historio escolar. Minha primeira nota total (100 pontos) somente foi obtida no sétimo período, após o professor Armando Barbosa ficar sabendo que eu nunca tinha tido uma nota máxima. Uma professora me cravou como nota final 54 pontos, que era a nota mínima para aprovação.

O fato é que poucas vezes vi sentido em fazer certos trabalhos exigidos para avaliação, particularmente os fichamentos burocráticos, cheios de normas que me tiravam o gosto da leitura. Como docente raramente os utilizei, e quando o fiz, teve o objetivo claro de diminuir o valor das provas e foram acompanhados da recomendação de que fossem feitos com inteligência, de modo a serem útil se algum dia se precisasse recorrer ao texto em questão novamente.

Meus comentários nas aulas de apresentação de programas, de que perderia o total de pontos atribuídos a essa atividade, eu sentia, irritava os professores e alguns colegas. Também comovia outros, como Beatriz Lozi da minha turma, que a princípio me deixava parafrasear seu trabalho e em algumas ocasiões mudava a própria letra e me dava o fichamento pronto. Dizia-me ela que aprendia com o que eu falava. Desorganizado, considerava que o mínimo a fazer era ler os textos, sempre disponíveis na república, onde moravam mais estudantes de Psicologia. E eu lia.

Durante as aulas, alternava momentos de profunda atenção, após os quais podia repetir varias parágrafos ditos pelos professores e colegas com outros de total descaso.

Às vezes me interessava por alguma coisa e discutia seriamente, às vezes saía da aula. Mas era estudioso. Além dos textos recomendados, vivia entulhado de livros da biblioteca, nem sempre os recomendados, já que sempre estava atrasado na busca das referências constantes nos programas. Tal fato deixou-me algumas marcas: a primeira delas foi a de me arriscar a ler em outras línguas. O espanhol, na graduação e mais tarde no mestrado, na biblioteca da UNB, a pelo menos tentar na língua disponível, quando descobri que tentar ler em galego é divertido e em o holandês, sem conhecimento da língua, engraçado.

Dessa experiência também resultou a descoberta de outros autores: em vez de ler Flávio D'Ándrea e Charles Brenner, o próprio Freud. Em vez de Flavel, Piaget, que se mostravam mais claros e na ausência dos autores originais, outras leituras sobre o mesmo tema. Obviamente isso resultou em uma falta de 'pontualidade', uma tendência a circunscrever conceitos, sem ir além de uma definição grosso modo; característica que gerou inúmeras notas abaixo do que eu esperava. Mais tarde, já professor, queixas de meus alunos.

Depois da greve citada acima, houve certa demora na distensão do clima ruim entre professores e alunos. Defendia junto aos meus pares a leitura como arma de enfrentamento e constrangimento de professores que considerávamos ruins. A leitura prévia dos textos recomendados e se possível, complementada com outros textos, geraria questões densas e inesperadas. O que aliado a performance teatral de uma de minhas turmas, que hora se concentrava a menos de três metros do quadro negro e hora ficava grudada no fundo da sala, dava-nos a condição de agentes ativos em nosso processo de aprendizagem.

Esse misto de rebeldia e provocação obviamente me marcou, para o bem e para o mal. Havia professores que apostavam que eu desistiria do curso. Outros que, mais tarde, não tiveram dúvidas em me aceitarem como estagiário. Fiz todos os que quis.

Teoricamente, do aluno agoniado e apelidado de Luizinho Existência no movimento estudantil por suas leituras de Sartre, almejei o psicodrama, fui behaviorista competente quando me deixei contaminar pela perspectiva positivista da ciência e por fim, jogando tudo fora, voltei-me para a psicanálise porque ela me parecia a única a dar conta do meu sentimento angustiante de nunca ter me sentido confortável dentro de mim. Aliado a isso, uma experiência na disciplina Psicologia do Desenvolvimento, na qual se estudava Piaget levou-me a profundo questionamento ético sobre o que eu fazia e estudava.

Conto-a pois: um grupo de colegas havia levado o sobrinho de uma delas para realizar alguns exercícios piagetianos, nos quais se verificaria serialização, reversibilidade e etc. Ocorre que o garoto, entre sete e oito anos não entrava na sala e eu arrogantemente me propus a resolver a questão. Aceita a proposta, sai da sala, fui até o corredor e comecei um processo de aproximação sucessiva que acabou por conduzir o menino na sala de aula, para brincar comigo. Na sala, a professora Maria de Lurdes, vendo o ‘meu triunfo’, pediu que eu conduzisse os exercícios, o que comecei a fazer com relativo sucesso até ser tomado por um sentimento de que o menino estava desconfortável diante da sala cheia de meninas (éramos os dois ‘meninos’). Outro sentimento mais agudo, o de que eu o havia traído e a partir da consideração dos dois, não conseguia me lembrar de mais nada de Piaget nem dos exercícios, e como ele, não suportava ficar na sala de aula. E acabei saindo e a atividade interrompida. Nunca o poderio da contingência do reforçamento ficou tão claro para mim, nem as possíveis consequência de seu mal-uso.

Mais tarde, estudando psicanálise kleiniana, me dei conta de que talvez tivesse diante do menino me perguntado o sentido de meus sentimentos, fazendo uso da contratransferência para compreender o sentimento do outro. Mas isso precisou de análise, feita à custa de trabalho de garçom nos finais de semana, em bares de estudantes e a generosidade de minha analista Teresinha Botelho, que aceitava que eu pagasse metade do preço de uma sessão, desde que fizesse duas por semana. Com ela descobri meus sentimentos de onipotência, e a impotência advinda deles e a minha recusa em aceitar ajuda. Isso tornou, aos meus olhos, meus professores mais doces e melhores, e apesar de meus desafios e provocações, era tratado por eles com respeito e curiosidade, pelo que eu lia, tinha vivido e planejava, o que permitiu aprender.

A primeira experiência de pesquisa foi voluntária, mas no fundo visava uma bolsa, ou traduzindo em outras palavras, dinheiro. Com meu eterno Dom Quixote, ou Sancho Pança, já que alternávamos posição, Luis Alberto Lourenço e Matos, adaptamos doze escalas de valores, aplicando-as a 375 sujeitos. Os resultados foram apresentados no IV Encontro Nacional de Psicólogos e Profissionais de Ciências Sociais, em 1985 no Rio de Janeiro, por um colega que entrou tardiamente no grupo de trabalho e publicado em seus anais. Por falta de recursos para pagar metade das despesas, nem eu, nem Luís Alberto pudemos ir, a despeito da vontade de nosso orientador, Dr. José Augusto Dela Coleta, que apostava firme em nós e nos convidou a ser seus estagiários em uma construtora na qual acreditava que um de nós dois acabaria sendo empregado.

Com Luís também fiz uma pesquisa com grande número de sujeitos sobre as oportunidades de lazer em Uberlândia, com um professor temporário, se não me engano chamado Carlos Américo. Ambos reclamávamos, mas éramos conhecidos em nossa turma pelos nossos ‘trabalhos de peso’, como chamávamos nossos volumosos

relatórios. E tanto ele, aluno aplicado, como eu, nem tanto assim, éramos requisitados por nossas colegas para participarmos de trabalhos em grupo.

A graduação me possibilitou ainda a feitura de uma pesquisa qualitativa. Baseado na afirmação de Master e Johnson, de que os homens têm sua maior resposta sexual entre os dezoito e vinte anos. Eu entrevistei cinco rapazes nessa faixa etária. Hoje confesso, eram todos amigos. As entrevistas, feitas ao modo dos jornalistas com quem convivi, com a escrita em *loco* das respostas dos entrevistados. Depois de datilografadas foram coladas lado a lado e os conteúdos semelhantes ligados por canetas coloridas em um trabalho manual, para depois serem recortados e agrupados por semelhanças. Foi uma espécie de análise de conteúdo intuitiva, que segundo minha professora Maria Auxiliadora Dessen apresentava um nível muito acima do esperado para a graduação. Quando nos encontramos alguns anos depois, no Instituto de Psicologia, da UnB, onde cursei mestrado, além da festa ela me perguntou do destino do trabalho, que devo ainda ter em alguma gaveta.

A opção pela teoria psicanalítica não me livrou das dúvidas e da obrigação de estágio em segunda área, e sem preconceitos trabalhei com duas professoras de formação behaviorista, uma da área escolar e outra da área clínica. Com a primeira, trabalhei na Escola Municipal Arlindo Porto, com uma sala de aula e especificamente com um garoto que apresentava problemas de falas, como prática de disciplina, e como estagiário em outra escola, quando descobri com minha supervisora que eu era o reforçador no processo, já que os alunos bons pioraram para irem ‘brincar comigo’. Com a segunda, atendi um menino com hidrocefalia e sequelas auditivas decorrentes da cirurgia para implantação de sondas. Coincidentemente, as mesmas características de meu primeiro paciente como profissional em um posto de saúde, em 1986. Fiz um estágio importante na área de saúde sob orientação de diferentes supervisores, alguns da

UFU e outros da própria unidade, no qual atendi grupo de pacientes hipertensos, em psicodiagnóstico com crianças, no qual utilizei uma profusão de teste e um em psicoterapia de base analítica.

Meu primeiro paciente, todavia, deveu-se a um equívoco meu a respeito de uma fala da professora que lecionava a disciplina Teoria de Entrevista e Aconselhamento Psicológico. Confundi a data da entrega de algum trabalho, 14, com o número de entrevistas que deveriam ser realizadas com um paciente da clínica.

Gilberto era seu nome, um adolescente de 16 anos que apresentava problemas de comportamento. Mencionar seu nome talvez seja uma referência sem a mesma doçura do personagem de Umberto Eco em o “O Nome da Rosa”, mas tem com certeza a mesma importância. Imbuído da minha tarefa de realizar quatorze entrevistas, abri espaço para escuta e talvez, baseado em minha própria experiência como paciente, possibilitei o estabelecimento de vínculo transferencial, constatado quando me dirigi minha professora para indagar como deveria encaminhar o relatório, já que quase todas as 14 entrevistas ‘que eu deveria realizar’ estavam feitas”. Sem os pré-requisitos necessários para ser estagiário, fui autorizado a fazer algumas entrevistas de desligamento e encaminhamento do mesmo para outra estagiária, a cujo atendimento ele frequentou apenas uma vez. Não se tratava eu de Freud e nem Gilberto de uma das históricas que ele atendeu para formular sua teoria. Se Freud aprendeu com suas Annas, Doras e Katarinas, meu Gilberto me oferecia um atestado de que eu poderia continuar fazendo com outros o que eu fiz junto a ele, em um processo de mútuo crescimento.

E me formei pouco depois. Inseguro e imaturo, com certeza, mas grato e convicto, naquele momento, de que era o único curso que poderia ter feito. Parodiando Simone de Beauvoir, se não nasci psicólogo quando passei no vestibular para a

faculdade de psicologia, tornei-me um ao frequentá-la, em um doloroso, mas também divertido processo de formação.

E lá vou eu, como é duro trabalhar...

Trabalho é uma palavra que origina de *tripalium*, um objeto de tortura e castigo da maldição aplicada a Adão por seu atrevimento em querer discernir o bem e o mal, fazendo valer seu direito de livre arbítrio. Mas é também necessário para que necessidades básicas sejam sanadas, no mundo capitalista e mediado no qual vivemos. Assim, paradoxalmente, formados almejamos a tortura, em uma espécie de redenção ao designo divino, que torna as coisas como são, contra a maldição, igualmente torturante criada pelos homens chamada desemprego.

Formado, como disse anteriormente, voltei a trabalhar de jornalistas e não voltarei a comentar isso, mas serviu para adiar o desemprego por mais de um ano. Minha primeira atuação como profissional de psicologia foi em 1986, para minha própria surpresa, como psicólogo organizacional em uma granja de aves, cuja estrutura era arcaica e familiar e em cujo seio eles incluíam, tal membros '*jus sanguinis*' ocupando cargos de comandos em importantes setores da empresa, 'os seus primeiros granjeiros', dos quais se dizia terem '*catado merda com a mão*'.

Tratando-se de uma indústria agropecuária, que convertia proteína vegetal em proteína animal, seus funcionários se enquadravam na lei que lhes dava direito a estabilidade após sete anos de serviço. Os funcionários, como as galinhas, tinham vida curta, na qual, na maioria das vezes, fazia-se no tempo de permanência na empresa a mesma coisa para a qual tinha sido contratado. Um catador de ovos ao se desempregar era um catador de ovos, ou o próprio granjeiro. Isso, aliado a incerta das folgas

semanais coincidirem com os domingos e de feriados incertos, ‘pois galinhas botam ovos todo dia’, resultava em uma taxa de rotatividade alta.

Haveria muito a contar sobre essa experiência que durou pouco mais de dois meses, entre 21/07 a 05/09/1986, já que foi realizado nessa empresa um estudo de descrição do trabalho, sobre a rotatividade e uma proposta de promoção da profissionalização durante os sete anos em que um funcionário poderia trabalhar antes de adquirir o direito à estabilidade, o que resultou em um relatório relativamente grande. Aliado a isso, fez-se uma espécie de diagnóstico informal que apontava para a necessidade de uma completa reestruturação. A segunda parte do trabalho, a informal, era indizível no contexto em que o trabalho foi feito, no qual passei a ser visto como ameaça pela assistente social responsável pelo setor de recursos humanos e boicotados pelas diferentes chefias. Por isso foi transformada em linguagem estatística, com tabelas que diziam em números as palavras interditas.

Tal relatório, entregue junto com uma carta de demissão conforme combinado implicitamente com o proprietário que me aceitou como funcionário/estagiário na empresa, a quem disse que era preciso fazer um diagnóstico antes de uma proposta de trabalho, reafirmava minha intenção de desenvolver a proposta apresentada. De saldo, resultou em uma carta de agradecimento do gerente geral, que mais tarde, gerenciando outra empresa do mesmo ramo, me confidenciou que a proposta que eu apresentei era ousada demais para aquela situação e que ele a estava aplicando em seu trabalho atual.

O novo desemprego foi breve, mas suficiente para exaurir minhas finanças, já que a Fundação Ezequiel Dias, de Minas Gerais, para a qual havia passado em seleção pública e sido contratado em 17/10/86, somente efetuou meu primeiro pagamento no mês de dezembro.

Psicólogo na Saúde Pública

Funcionário da Fundação Ezequiel Dias, e alocado no incipiente programa de saúde mental da Prefeitura Municipal de Uberlândia, após um curso de introdução às políticas públicas, no qual me lembro de ter falado muito, fui alocado em um posto de saúde em um bairro periférico chamado Tubalina, então quase no limite da cidade. Esperava-se de mim um trabalho comunitário, já que o local era marcado por sérias questões sociais e pobreza, o que se refletia na própria sede do posto de saúde, uma casa de três cômodos, cuja sala servia para espera dos atendimentos de clínica geral, pediatria, e ginecologia, a cozinha servia de sala de imunização e algo como um quarto de despejo, servia de almoxarifado e farmácia.

Sem demanda para atendimento psi, seguia o velho lema da saúde pública: ofereça o serviço que a demanda surge. Por outro lado, a equipe do Programa de Saúde Mental, recém-criada por uma administração progressista na cidade, ainda era insegura de seu papel na saúde pública. Preocupava-se por um lado em atender a demanda que logo superou a capacidade de oferta de psicoterapia e produzir resultados que justificassem a presença dos psicólogos na rede, e por outro em delimitar o que era o trabalho específico dos psicólogos, já que no ímpeto de nos mostrarmos úteis e necessários, participávamos de grupos de hipertensos, de gestantes, de nutrição e os clássicos grupos de sala de espera no qual tentávamos desmitificar o tratamento com psicólogos.

A princípio meu horário de trabalho foi tomado por mães em busca de tratamento para seus filhos com diferentes tipos de deficiência, sendo meus primeiros casos, de uma gagueira bem acentuada e um garoto com hidrocefalia e pacientes que aparentemente não tinham nada, mas que tinham ouvido falar do ‘Dr. Colírio’, que fazia bem para os olhos. Obviamente fiquei conhecido no bairro, mas foi um começo de atividade tremendamente frustrante. Além disso, havia a concorrência dos ‘centro

espíritas' que pareciam muito mais convincente à comunidade, com suas explicações da doença mental/loucura pela presença de encostos ou obsessões.

As psicoses chegavam emergencialmente, quando um paciente tido como detentor de poderes extra-sensoriais, a radiostesia, era chamado para localizar água nos terrenos das casas para a construção de cisternas ou uma paciente, em surto, que saía cortando as bananeiras das casas com um facão. Havia outros, obviamente, mas esses marcaram. O primeiro, porque a radiestésica, ou a capacidade de localizar água foi uma construção elaborada com ele por uma psiquiatra da cidade, que sabendo do aquífero Guarani, deu-lhe o que Lacan chamaria de uma metáfora delirante. Seus acertos levaram a comunidade a demandar dele palpites para o jogo do bicho (nos quais confesso, botava uma fezinha), e cuja sequência de erros o levavam a desculpas às vezes delirante e na repetição, a manifestações de fúria, cujos relatos chegavam a mim. A segunda, porque era vizinha do clínico geral do posto de saúde, candidato a prefeito pelo Partido dos Trabalhadores, que era sempre a primeira vítima do corte das bananeiras.

Ela, em surto, aceitava ir para o então hospital espírita Vicente de Paulo desde que eu a acompanhasse na ambulância. Quando ela chegava na unidade sem avisar, passava na frente dos outros, entrava em minha sala e me contava sonhos, delírios, ria e ia embora. Em uma dessas oportunidades ela me presenteou com 'a cura da AIDS': em um guardanapo muito bem embrulhado trazia uma tampa de vidro de cathchupe, uma ponta de cigarro e um tanto de fezes, dizendo que ele (o marido/companheiro) tinha posto nela (o que sempre me levou a pensar em sexo anal não consentido) e saiu da sala tão logo 'me presenteou'.

Havia muitos outros casos de psicose que, se por um lado me pegavam se surpreendido algumas lacunas de vazios da minha formação, por outro exerciam um estranho fascínio, e os constituíram em casos que utilizei como exemplo quando fui professor de

psicopatologia e dos quais procurava extrair algum sentido ou estética. Como o de uma menina que fez surto de esquizofrenia de uma aula de datilografia e que só falava comigo datilografando em uma máquina de escrever imaginada/alucinada, da qual acentuava o sinal de ‘plim’ quando faltava cinco espaços para a marca final do tabulador e a qual eu respondia datilografando da mesma maneira; e de outro rapaz, diagnosticado no HC da UFU como um quadro de esquizofrenia simples, ao qual atendia caminhando, já que ele não suportava as paredes da sala de atendimento (dividida com o ginecologista, que trabalhava em outro turno) e que na maioria das vezes se agarrava a mim com profundo pânico, pois não suportava também o espaço aberto.

Foi também uma temporada de aprender lidar com advogados e pareceres, laudos e atestados, já que um desses emitido em meus primeiros atendimentos, para um sargento afastado do exército após um surto (tentou-se matar) me rendeu a confecção de inúmeros outros documentos, já que o caso, dos quais ainda guardo documentos, acabou em processo judicial trabalhista.

A educação, ou a falta dela, e aqui me refiro a educação formal, também foi uma experiência à parte. Diante das solicitações do clínico geral, de quem fiquei amigo, para que fizesse orientação sexual de moças de 20 anos grávidas do segundo ou terceiro filho – e que me chegavam também via a pediatra e ginecologistas – fiz um raciocínio banal: se há uma terceira gravidez por volta dos vinte anos, é sinal que a vida sexual já é ativa por volta dos quatorze anos e conclui que, se os adolescentes do bairro faziam sexo com regularidade aos quatorze anos, que aprendessem a fazer direito. E criei um grupo de orientação sexual para adolescentes.

Obviamente o grupo não teve adesão e as técnicas em enfermagem me diziam que os pais e mães não iam deixar seus filhos participarem ‘disso’ e aprenderem as coisas

antes da hora, mas iniciou-se com alguns pré-adolescentes e terminou rapidamente depois que um menino abriu o zíper de uma boneca de pano e descobriu que dentro da barriga dela tinha um bonequinho de um bebe.

O começo do programa de saúde mental de Uberlândia também foi marcado por conflitos institucionais. Um que passava dentro das instancias administras da Secretaria Municipal de Saúde, sob o qual ocorriam as discussões relativas ao trabalho dos psicólogos da Saúde Pública, dos quais tínhamos contato apenas pela coordenadora do programa e outros que se deviam às diferentes formações e orientações profissionais dos psicólogos. Agravava ainda o fato de três psicólogos, entre os quais eu, serem funcionários do Estado de Minas Gerais e oito da Prefeitura de Uberlândia, sendo que as condições trabalhistas dos primeiros eram bem aquém das dos segundo, o que levou gradativamente ao afastamentos de todos do programa de saúde mental para se alocarem na única policlínica do estado na cidade.

Na prática dava na mesma coisa, mas nos livrávamos da supervisão municipal, com a qual tínhamos atrito e em tese, apenas em tese, éramos promovidos, já que a policlínica Fausto Savastano era a primeira referências para os postos de saúde, o que nos tornava, novamente em tese, especialistas em qualquer procedimento clínico em psicologia, já que recebíamos encaminhamentos de pacientes que os demais profissionais da rede, por algum motivo, não podiam atender.

Com certeza foi uma experiência rica, que possibilitou trabalhar junto com pediatras, cardiologista, psiquiatras, neurologistas e neuropediatras com o mesmo grupo de pacientes, participar em grupos com travestis com uma assistente social e de intervenções em escolas, já que estava na área de referência de quatro delas e existia um programa chamado Saúde Escolar. A experiência logo mostrou a necessidade de atuar

junto com os professores em vez de promover atendimentos clínicos com os alunos das escolas – ainda que alguns de fato necessitassem e foram atendidos.

Algumas funções foram ocupadas junto ao INSS, como a de fornecer parecer para atestar que pessoas amputadas fariam uso da prótese que reivindicavam, que tinham custo bastante alto. Diante da falta do que fazer, já que a certeza da aceitação somente seria possível a partir do uso das próteses, nenhum parecer contrário foi emitido.

Foi também um momento de atender casos graves, a tal ponto angustiantes que tornavam a sala de curativos de mal perfurante provocados por hanseníase mais suportável que as salas de atendimento para saúde mental. Também momentos de atuação com grupos terapêuticos com adultos e crianças; com idosos a beira da morte ou reivindicando aparelhos para oxigênio de seus cônjuges; pacientes orientados por seus advogados a buscarem atendimento enquanto transcorria o processo que enfrentaram por acusação de abuso ou tentativa de abusos; de crianças abusadas; de pessoas ricas que estacionavam o carro em frente a policlínica para fazer psicoterapia na rede pública e também famílias e professores. E paciente poliqueixosos, como chamávamos, que se diziam dependentes de benzodiazepínicos, infelizes e insatisfeitas com a vida que acabaram mais tarde por serem meu tema de pesquisa no mestrado na UNB.

Obviamente, tal demanda era insuportável para mim e apenas uma colega, que se dedicava prioritariamente e com apoio institucional, aos hansenianos, e por mais que as abordagens breve e grupos se apresentavam como paliativos, constatei que psicoterapia em rede pública, a despeito de seu formato, era uma prática impossível. Assim, por conta e risco alterei minha forma de atuação após a análise das fichas de atendimentos realizados por psicólogos desde que o serviço foi introduzido.

Nessa pesquisa, arbitrando que cinco atendimentos caracterizavam um vínculo, constatei que a maioria dos pacientes procurava o atendimento marcado por um modelo

médico, o que se refletia nas queixas, geralmente dirigidas a sintomas corporais. Isso aliado a escuta clínica, me deu certeza que a psicoterapia deveria ser proposta como o último recurso e que cabia outras formas de intervenção.

Estabeleci um dia de pronto-atendimento, o que se poderia chamar de porta de entrada no programa (o que mais tarde, com outro formato, foi introduzido em toda rede), no qual se abria um espaço para ventilação como constava nos prontuários dos psiquiatras ou escuta (ou acolhimento, com o veio a se chamar depois). Promovia-se alguma avaliação e se fosse o caso, marcava-se o retorno. Com isso o gargalo da fila de espera diminuiu muito e algumas questões prosaicas, ligadas à materialidade da vida, como desemprego, luto, amores rompidos ou tristezas comuns das que acometem a todos, passaram a ser alvo de orientações ou reflexões mais simples.

Essa fase de meu trabalho na policlínica se deu concomitantemente ao meu mestrado, iniciado em 1991 na UnB, com apoio da Diretora Regional de Saúde, que permitiu que eu cumprisse minhas vinte horas de trabalho em dois dias e a minha experiência como docente no ensino superior, no qual lecionava disciplinas de Psicologia em curso de Pedagogia e Serviço Social em uma instituição particular. E quando ela se mostrava promissora, em meados de 1993, a policlínica foi incorporada pela rede municipal de saúde, o que me submetia novamente ao controle e inspeção dos técnicos do programa municipal.

Meu primeiro contato com a minha ex e nova supervisora da PMU, com quem tinha atrito, foi marcado por tensão, principalmente da parte dela. Apresentei-lhe o trabalho que era feito, entreguei-lhe os documentos que cabia, mencionei minha pesquisa – cujo relatório não lhe entreguei e lhe informei que iria trabalhar na parte administrativa da Diretoria Regional de Saúde, o que havia negociado alguns dias antes. Mais tarde, já

professor da Universidade Federal de Uberlândia, convidei-a para compor uma mesa redonda comigo em um evento científico na cidade.

Nesse evento contamos juntos a história do programa de saúde mental da cidade, do qual éramos a primeira geração, para um público de estudantes interessados em nossas lutas, brigas e risos, já que naquele momento, nem eu nem ela tínhamos mais vínculo com as questões institucionais que me afetaram primeiro e depois a ela.

Meu trabalho como burocrata da saúde foi hilário. Sem função e tremendamente desconfortável naquele posto, ajudava em tudo e substituía qualquer um que faltava, até no atendimento de telefone, inclusive no PABX. Felizmente durou apenas os três meses que antecederam minha contratação como professor efetivo da Universidade Federal de Uberlândia, já que me causava náusea ser o responsável pelo programa estadual de luta anti-fumo na região quando eu próprio fumava quase dois maços de cigarro por dia.

Essa experiência profissional relatada poderia ser um pouco mais breve, não fora ela a grande fonte de experiência clínica que tinha como professor. Foi dela que surgiram as questões que deram origem ao meu projeto de mestrado, e versavam primeiro sobre atendimento psicoterápico em saúde pública, depois psicoterapia breve, o uso de drogas lícitas, particularmente os benzodiazepínicos e as pacientes poliqueixosas, que me conduziram aos estudos sobre histeria, que de fato fiz. Também é dessa experiência que surgiram os casos clínicos que ilustraram minhas aulas por muito tempo

Relatarei antes de me debruçar na minha experiência docente na minha formação como mestre, mas esses quase oito anos de saúde pública, que separam o aluno do professor, me diferenciaram da maioria dos professores que tive e, como mestrando, da maioria de meus orientando e candidatos a orientação, dispostos a interpretar o mundo, a despeito de não saberem o sentido de seus projetos, já que construídos a partir de

idealizações. Acredito que alguma experiência é fundamental para quem pretende escrever a clínica, em qualquer uma das formas que ela possa assumir na psicologia.

No minhocão...

Ter feito Mestrado na UnB foi adquirir uma marca para a vida inteira. A Brasília que eu vivi tinha algo estranho e que se refletia na UnB. De repente do nada, aparecia alguma coisa interessante: jovem norte-americano filho de funcionário da embaixada assustado, estudantes negros africanos entoando cantos tribais com roupas típicas, idiomas desconhecidos, manifestações folclóricas de diversos cantos do país, gosto de coentro em tudo, cães e o minhocão, de onde surgia uma estranha fauna dos laboratórios situados no subsolo.

Obviamente a cidade universitária da USP, e a campus de Ribeirão Preto possuem suas belezas, mas a ideia do minhocão da UnB, com todos problemas que imagino que ele gere, sempre me pareceu fantástica, por facilitar esbarrões com as pessoas, a despeito de, aluno de doutorado do Instituto de Psicologia da USP ter curtido muito a vizinhança com a Eca e o clima Arembepe/Whoodstock do saguão da FFLCH. Ademais, a fauna que surgia do subsolo do minhocão da UnB, ou das superquadras, em geral vazias, soavam como personagens das músicas da Legião Urbana. Pessoas que quando nadaram comigo, jogaram futebol ou tomaram cerveja e comeram bolinhos de bacalhau no “Churrasquinho de Gato”, estavam mais para Eduardo do que para Mônica e pareciam pessoas comuns. Talvez normais.

Assim, esse ar cosmopolita misturado com marcas regionais fortes, com diferentes idiomas e sotaques e a constante preocupação com o ar seco marcou meu mestrado, no qual tive que me haver com muitos textos em inglês e francês, de assuntos que não conhecia, cursar as disciplinas disponíveis em minha estadia em Brasília, já que

concomitante ao mestrado eu trabalho em Uberlândia e em parte dele, lecionava em uma faculdade particular.

Fui alunos de professores fantásticos, a despeito do ódio que ocasionalmente sentia de todos eles, principalmente no que os pós-graduandos chamavam de fase do zumbi, nos finais de semestre, na qual os estudantes de olhos fundos para concluir os trabalhos das disciplinas se encontravam na biblioteca central para estudar ou ver revistas de arquitetura em língua desconhecida, particularmente o holandesa.

Com Luigi Pascoali aprendi a construir escalas likert, a despeito de pouco saber das provas estatísticas para validá-las; Francisco Martins me introduziu na psicopatologia e na crítica, no sentido kantiano, aos lacanianos, além de Pierce, Austin, Heidegger... e na leitura de um livro sobre histeria, de Lucien Israel, em francês, e diante da minha leitura fragmentada ressaltou o aspecto clínico da minha apresentação e num retorno pessoal a Freud. E uma vez me chamou de *incastrável*. De Maria Helena Fávero muito sobre Piaget e Vygotsky, mas principalmente a não se exibir com citações; com Sandra Francesca que equipamentos podem ser compartilhados, emprestados e que o diálogo entre a psicanálise e a educação não somente é possível como também é necessário. Com Luiz Augusto Monerat Celes aprendi a voltar a Freud sem me deixar conduzir por outras mãos. Richard Emil Bucher, meu orientador, é um caso à parte.

Seu nome figura na dedicatória de minha tese de doutorado, ao lado do de Lúcia Assumpção Amaral, que me acolheu como orientando no IP-USP e o de meu pai. Lúcia e meu pai faleceram em data próxima, Richard, quando tinha 54 anos, logo após minha defesa de mestrado. Em minha dedicatória equiparo a sua perda com a perda de meu país. Em minha carreira como docente procurei em diversos momentos honrar sua memória, assim como a de meu pai e a de Lúcia, no uso de seus textos, na repetição de seus comentários irônicos, na sua dedicação a causas quase impossíveis, como o

cuidado com de usuários de substâncias psicoativas. Com Lígia, essa mesma gratidão me levou a trabalhar com pessoas com deficiência física e toda forma de segregação.

Contar os percalços da elaboração de uma dissertação de mestrado é assunto corriqueiro nas redes sociais. Evitarei isso, mas não posso me esquivar de contar como se chegou ao tema que trabalhei e as preocupações que Richard tinha comigo.

Richard era um cidadão suíço, que tinha o alemão como língua natural e falava quase todas as outras das quais alguma vez tentei compreender alguma coisa. Foi um dos fundadores do CORDATO, (Centro de Orientação sobre Drogas e Atendimento a Toxicômanos, do IP/UnB) e quando meu orientador, era assessor da Unesco para assuntos relacionados ao uso abusivo de substâncias químicas no Brasil.

A toxicomania sempre permeou nossas conversas, na maioria das vezes pouco acadêmicas e muito relacionais. Tenho até hoje a impressão de que Richard considerava ensinar uma profissão impossível, mas não o aprender, o que propiciava com o vínculo. Assim, academia, dissertação, drogas misturavam-se a Malher, Robert Musil e seu homem sem qualidade nenhuma, Hesse, mais interesse meu do que dele, Elis Regina, religiões, um mundo enorme de palavras e símbolos que davam contorno a tudo que é humano, pelo que ele considerava o interesse, em seu livro “Psicoterapia pela Fala” (Bucher, 1989) como essencial para quem tivesse pretensões a psicoterapeuta.

Dois momentos marcaram nossa relação, já que a dissertação andou por si. O primeiro foi a decisão sobre o tema. Preocupado com minha filha de dois anos, que rabiscou um dos livros que ele me emprestou, me disse que se sentia honrado pelo meu interesse pelas questões relacionadas a toxicomania, já que as vezes pedia minha opinião ‘técnica’ sobre o texto, mas mostrou os limites da vida profissional dedicada a isso fora da academia, e me alertou que economicamente a psicanálise era mais

promissora. Sua franqueza ao falar de dinheiro a princípio me incomodava, mas era coerente com o que ele defendia também em relação ao sexo e drogas: não cabia hipocrisia e procurei imitar isso em minha vida profissional. Dessa conversa resultou minha dissertação “As transformações do discurso histórico desde Charcot” (Silva, 1993), na qual, a exemplo de Freud eu relatava o que aprendi com minhas pacientes poliqueixosas da policlínica Fausto Savastano.

Essa dissertação, impressa, nas mãos do professor Jorge Ponciano, levou a um comentário: “*Somente o Richard para bancar um trabalho assim*”. Na leitura de Luiz Celes, a correção do que eu chamava de revisão para análise e a crítica por não ter feito, a partir da histeria, uma crítica à Psicanálise. Na de Sandra Francesca, a cobrança por ter estudado histeria sem falar absolutamente nada da função paterna. Na de uma orientanda minha um ‘é bem introdutório né?’.

De Richard, esse é o segundo momento mais importante da nossa relação, ouvi que ele se sentia frustrado com meu trabalho, o que causou espanto audível pelo repentino e profundo silêncio do público (Richard lotou a sala com seus alunos), me despertou um sorriso: era um sentimento de frustração compartilhado. Após isso, deu uma aula belíssima e profunda sobre o desejo sempre insatisfeito, que o abarcava e a mim também. Isso aconteceu em 14 de novembro de 1993.

De saldo, o que supus ser uma referência velada e crítica em um livro de Francisco Martins, que na época eu temia como membro em minha banca e o uso da palavra *histeródromo*, conceito que eu criei na minha dissertação e que respondia onde estavam aquelas mulheres maravilhosas pelas quais tantos psicanalistas perguntavam: no *histeródromo*, um local onde as manifestações históricas não somente são toleradas, mas bem-vindas, já que resignificadas ideologicamente, como em certas religiões, mídia e no uso prescrito de substâncias tranquilizadoras, como os benzodiazepínicos.

Richard não podia ser meu orientador de doutorado. Eu não queria. Nossa relação não era apenas acadêmica, mas passava por intensos afetos e transferência, que ele administrava com pequenos comentários, que hoje eu chamaria interpretativos, que me faziam repensar o que havia escrito e em certa ocasião, a jogar fora dois capítulos inteiros para construir um totalmente diferente. Queria continua-la como seu analisando, o que, o acaso e sua morte prematura impediu.

Menos de um mês depois da defesa, em 13/12/93 fui aprovado como professor na Universidade Federal de Uberlândia, pela qual fui contratado em 29 de janeiro de 1994. Era uma nova fase, na qual, finalmente experimentaria as coisas que havia aprendidos: nos bancos escolares, com professores, livros, discos e com qualquer coisa que tenha me chamado atenção até então, porque fruto da experiência humana.

Você vai virar um amanuense Belmiro!

Essa frase, que dá título a essa seção, talvez resuma minha preocupação durante toda minha carreira universitária até então: o esforço em não virar um amanuense Belmiro. Virar um amanuense Belmiro foi uma praga jocosa atribuída a mim por um amigo que conservo até hoje quando eu tinha vinte anos e cursava o primeiro período de Psicologia. Ele, vestibulando, se defrontava com as indicações bibliográficas para a prova de literatura nas quais constava ‘O Amanuense Belmiro’, de Ciro dos Anjos (1935). Nunca me incomodou o perfil sonhador e tímido do personagem, quase um memorialista (esse trabalho que o diga), nem mesmo o fato de eu ser, como o personagem, um tanto quanto metódico, quanto aos princípios e nunca quanto à forma. Mas o seu fazer, que se resumia a copiar documentos e ofícios em uma repartição pública, o que para mim sempre significou burocracia. Na UFU eu iria trabalhar em

uma ‘repartição pública, pleitear a estabilidade e quiçá, segurança e me empenhar em não ser burocrata.

Era um bom projeto que conta muito da minha vida como docente do atual Instituto de Psicologia da UFU, que se refletiu nas disciplinas que ministrei, estágios que ofereci, trabalho que fiz e até um jeito próprio, quando administrei. Vejamos se dou conta de contar isso. E vou fazê-lo fragmentando meu relato em diferentes atividades, que na realidade, ocorreram simultaneamente.

O concurso no qual fui aprovado era para a área de Psicologia Clínica e Institucional e junto comigo meu gêmeo, João Luís Leitão Paravidini, com quem as vezes dividi a alcunha de João Avelino. E porque queríamos dar aulas juntos, também compartilhamos a sala de aula, em nosso início de carreira, a despeito do aumento de carga horária não ser computado para nenhum dos dois. Com João também compartilhei por muito tempo a área de psicopatologia e fizemos um pequeno trato: ele ficaria com a parte referente a infância, já que nunca gostei de atender crianças e quando o fiz, apesar de corretamente, foi contra minha vontade. Uma única vez, e há bem pouco tempo, o substitui para que gozasse de licença capacitação.

João, diferente de mim, sempre foi mais focado ou menos entediado. Apesar de ele ter ministrado diversas disciplinas, como a maioria dos professores do IP.UFU da primeira e segunda geração de professores do curso, meu leque foi maior, abarcando disciplinas que nada tem a ver com o nosso núcleo de clínica e especificamente clínica psicanalítica. Um exemplo é o fato de João somente ter dado aulas no curso de Psicologia e eu ter sido professor também no curso de Letras, Educação Física e Direito. Por necessidade institucional, me justifico. Por puro tédio, confesso.

Disciplinas Ministradas

Como todos professores da UFU ministrei no mínimo, quatro delas por ano. Uma relação completa apresentaria pelo menos 100 enfadonhos itens. Os documentos comprobatórios apresentados como anexo privilegiam as últimas ministras, mas inclui todos os atestados e declarações que ainda possuo. Estão alocados no documento denominado Disciplinas Ministradas. Abaixo segue uma listagem com o propósito de mostrar o espectro abrangido nessa atividade e como se trabalhou os diferentes conteúdos.

Psicologia da Personalidade II e III: nas quais se trabalhou conteúdos relacionados a teoria psicanalítica da personalidade e outras teorias tais como a Junguiana, Adleriana, humanista e outras.

Psicologia Comunitária I e II: sendo que na primeira, além de fundamentação teórica se elaborava um projeto, que em tese seria elaborado no segundo. Foram disciplinas ministrada por mim apenas nos meus dois primeiros anos de docência.

Psicopatologia Geral I e II: Em psicopatologia I trabalhou-se técnicas de entrevista, exame psicológico, textos relativos a história da loucura, os três métodos de investigação, explicativo, interpretativo e compreensivo e os transtornos das funções psicológicas, sob uma perspectiva fenomenológica e critérios diagnósticos sob uma perspectiva sindrômica dos principais quadros de psicose e neurose, já que alvo de diferenciação nas aulas teóricas. com prática desenvolvida na unidade de Psiquiatria do HC-UFU, na qual os discentes deveriam estabelecer contato com algum dos internos. Em Psicopatologia II, o conteúdo foi fundamentalmente a perspectiva psicanalítica da psicopatologia, assim como a comparação de sua semiologia com a semiologia médica, conceito de pathos e formação de sintomas.

História e Sistemas em Psicologia: Minha ida para essa disciplina se deu após minha volta do doutorado, apesar de tê-la lecionada algumas vezes antes, em um contexto em que, por ninguém se interessar pela mesma era dividida entre diversos professores, o que antecipava para o primeiro período a ‘escolarização do curso’, compelindo-os a fazerem escolhas antes de se tornarem psicólogos ou de disporem de recursos para fazê-lo. Isso implicou em tratar as abordagens históricas com o devido respeito e importância, apresentando-as como uma forma de olhar a realidade. Alguns alunos se diziam confusos quanto a minha própria abordagem e tentavam descobri-la. Valeu-me nisso minha experiência como jornalista, na qual aprendi que o que pensamos não importa, caso queiramos transmitir algo com alguma imparcialidade. Trabalhou-se nessa disciplina a diferenciação entre os campos de conhecimento, ciência, filosofia, arte e religião, noções do que é ciência, objeto da psicologia, método, métodos históricos e as condições histórica que possibilitaram sua emergência como ciência, além é claro, dos principais sistemas.

Teorias e Técnicas de Psicoterapia: Tal disciplina, sempre disputada pelos colegas da Psicanálise e considerado por um, não necessariamente o mais adequado, seu feudo, foi ministrada por mim apenas duas vezes. A primeira tratou-se de um desses incidentes institucionais aos quais fui chamado para atuar como bombeiro. O professor de meu núcleo recusou-se a ministrar a abordagem comportamental e fenomenológica exigidas pelos alunos, presentes na ementa e sempre ignoradas por ele. A comportamental foi dada por um professor da área e, na ausência de outro, ministrei a abordagem fenomenológica. No currículo novo, quanto tive oportunidade de ministra-la integralmente, já com ementa tratando exclusivamente da psicanálise, tomei como livro base a obra *Psicoterapia pela Fala*, de Bucher (1989) e textos de Freud. Sem perder a ênfase psicanalítica, como apregoa a ementa, foram aspectos fundamentais em todas

abordagens, como assimetria da relação, fundamentos antropológicos e o caráter profissional (e financeiro) inerente a essa prática.

Teorias e Técnicas de Grupo: Nessa disciplina, também em dois momentos, trabalhei os processos grupais, com base nas teorizações de Kurt Lewin e as obras *Psicologia das massas* e *Análise do eu* de Freud (1921), ministrando também apontamentos teóricas relativos as concepções de Bion, Moreno, Rogers e Pichon-Riviere. Na prática, os discentes eram instados a conduzir ‘oficinas’ com os colegas, tendo um planejamento (o plano B, mas instados a observar e dar espaço para as produções emergentes do grupo, com base em Pichon.

Psicologia e Arte/ Subjetividade e Arte: São duas disciplinas irmãs, uma de cada currículo. Psicologia e Arte foi proposta por mim para figurar no currículo que se reformava em 1996, abordava a relação da arte com a morte, destino, pathos, explorando a visão nietzscheniana e temas como o riso, o brega, a arte tumular, a literatura e outros levados pelos alunos. Oficinas de cerâmica, pintura e música. Subjetividade e Arte também foi incluída no mais recente currículo por proposição minha. Focava a relação da clínica, particularmente a psicanalítica, com a arte, sustentando a concepção nietzscheniana e abordando os mesmos temas de Psicologia e Arte, mas introduzindo a reflexão de Walter Benjamin.

Epistemologia da Psicologia: disciplina cuja ementa e conteúdo sempre achei confuso, a qual herdei de um professor mais titulado que eu e que se aposentou no meio do semestre, depois de toma-la de mim após duas semanas de aula. Trabalhei fundamentalmente a construção do conhecimento, mas no geral foi um fiasco e reverberou em outra disciplina que dei para a mesma turma, apesar de ter sido escolhido por ela como padrinho na formatura.

Tópicos Especiais de Psicologia: Disciplina de ementa aberta, abordava a toxicomania, que fundamentava um dos estágios que eu oferecia.

Ética: Minha presença nessa disciplina deve-se a outro incidente institucional. Os alunos se recusavam a assistir as aulas do professor designado para a turma, com 62 alunos. A turma foi dividida e eu fiquei com a turma dos alunos ‘descolados’. Foi uma experiência gratificante, já que podemos abordar a ética e o código de ética dos psicólogos por uma perspectiva não moralista ou deontológica, recorrendo a discussões sobre séries televisivas (Dexter), filmes em moda (particularmente os relacionados a vampiros), poemas e peças teatrais, no que arrisquei a mostrar alguma obra literária minha.

Avaliação Psicológica da Criança e Adolescente: a disciplina trata de avaliação psicológica e uso de testes projetivos. Aceitei tal disciplina quando faltou professor para ministra-la. A aceitação foi condicionada a contratação de um profissional para ensinar os testes previstos na ementa, com os quais há muito tempo eu não tinha contato. Tal contratação e as condições em que foi feita geraram uma série de problemas institucionais uma vez que um grupo de professores considerou que a disciplina era um problema meu e não da instituição, e obviamente reagi a isso com o que tinha direito e uma crise foi desencadeada no Instituto.

Psicopatologia da Criança e Adolescente: Ministrei uma única vez tal disciplina, para facultar a licença capacitação de um colega. A princípio não promovi inovações programáticas, atendo-me aos textos utilizados pelos professores que a ministraram anteriormente. Ao fazer uso de minha experiência clínica com crianças na policlínica Fausto Savastano, precisei recorrer a textos não inclusos no programa para os estudos de caso. Uma experiência boa e discreta, já que não é uma disciplina que me atraia.

Psicologia do Desenvolvimento III: Nessa disciplina, que trata do desenvolvimento de adultos, velhos e da morte tive a oportunidade de trabalhar aspectos melancólicos da vida aos quais se evita. Uma relação intimista foi construída com a sala, marcada por filmes como “Balada de Nayarama” e “Ensina-me a viver”, e referência a Ecléa Bosi, músicas e entrevistas feitas com velhos, baseadas em histórias de vida, narradas no texto escrito em primeira pessoa, no qual se fazia reflexões sobre a experiência relatada a partir dos textos discutidos em sala de aula.

Psicologia da Sexualidade: De modo geral uma disciplina que considerei desagradável de ministrar. Minha impressão foi a de que, ao se discutir a história da sexualidade, diversidade e transtornos da sexualidade, buscava-se reafirmar as próprias posições relativas ao tema.

Psicologia da Educação: Ministrada nos cursos de Letras (noturno) e Educação Física. Disciplina que leva aportes psicológicos às licenciaturas da universidade. Focando a Educação, o programa era o mesmo para áreas tão distintas como física, educação física, teatro e letras. Inclui conteúdo específico nas minhas duas experiências.

Psicologia do Esporte: Essa disciplina existe no curso de Educação Física da UFU por minha causa. Solicitada pela faculdade responsável para a então diretora, fui consultado por essa sobre a aceitação ou não do oferecimento e em resposta, a convenci que, por se tratar de disciplina obrigatória geraria no momento oportuno um professor novo para o instituto e até que ele viesse, um substituto. Ela aceitou, mudaram-se as regras e quando surgiu o momento de ministrar a disciplina para a primeira turma aceitei tampar o buraco por um semestre, e como gostei dos alunos, acabei ficando com ela até hoje, para desgostos de meus colegas do núcleo de psicanálise. Minha piada para os alunos de Educação Física, de que sexo é esporte, e por isso eu tinha sido designado para ministrá-la, tornou-se um clássico no curso.

Psicologia Jurídica: Ministrada no curso de Direito tratei, de acordo com o programa, fundamentalmente da questão da lei no Direito e na Psicanálise e as tentativas de resolver judicialmente as questões relativas a subjetividade, nas relações conjugais, familiares etc; ênfase no Estatuto da Criança e Adolescente e os diferentes e diversidade que negam a existência de uma homem único, sempre igual a si mesmo. Tal experiência desmistificou a representação ruins que eu tinha sobre os alunos de Direito e os incluiu entre os meus favoritos.

A Dúvida

Diante das disciplinas ministradas cabe dizer que um curso é sempre permeado por conteúdos não previstos e um projeto pedagógico nunca considera a plasticidade e dinâmica dos alunos e turma. Quando bem feitos, pressupõem um aluno ideal para ser transformado em um profissional também idealizado, que se fragmenta na medida em que cada professor pode se considerar esse modelo idealizado. A velha afirmação de ‘informação versus formação’ sempre me pareceu tosca, com o ensino de teorias sendo sempre privilegiado como formação, a partir de um pretenso rigor acadêmico.

Para mim sempre foi claro que o cientista deve ser o fundamento do profissional, seja de qual área ele for. Assim, a capacidade de objetivar o problema, propor métodos de investigação e intervenção, com algum suporte teórico, sempre foram condições *sine qua non* para um psicólogo; particularmente porque o objeto desse não se comporta como um alvo fixo, mas se move, e se move diante do psicólogo que o perscruta e nisso faz história junto com ele. Mas ensinar isso é daquelas coisas da ordem do impossível e absurdo já que equivale a um chamamento para um campo movediço, quando se pretende algo fixo e firme para se apegar.

Certa vez um aluno me disse que eu só fazia sentido a posteriori. Um outro, de que entendia menos de 50 por cento do que eu dizia. E como esses, inúmeros demonstraram um movimento de aproximação e afastamento e uma posterior reaproximação, buscando-me para diferentes formas de ajuda. Desde elaboração de projetos para pós-graduação a busca de aconselhamentos para a vida pessoal e profissional, além de apelos para que os ajudassem com algum projeto que lhes propiciasse uma bolsa, para se ampararem financeiramente, e na compra de infimos bilhetes de rifas de caixas de cerveja, que sempre comprei com parcimônia e dos quais nunca peguei o comprovante que garantia um possível prêmio.

Recebi algumas homenagens de turmas de formandos e uma clássica “*desomenagem*”, na qual fui abordado por um grupo de alunos que me informaram que eu não seria homenageado pela turma deles, o que obviamente me causou constrangimento e até hoje, risos. O fato é que nunca fui unanimidade entre alunos e ouvi de vários, que diziam gostar de mim, que eu não deixava espaço para meio termo: ou gostavam de mim ou me detestavam.

Hoje, transcorridos 25 anos, me considero um professor que fala muito e de muitas coisas. O apelido que tive em algum momento desses, de ‘Luiz A viagem’ me parece justo. O fato é que sempre invejei a clareza que contemplei de fora da sala de aula de meu colega Sinésio Gomide, da área de Psicologia Organizacional: um conceito e um exemplo. Nunca consegui fazer isso, porque minha fala, me parece, sempre foi marcada pelas minhas próprias dúvidas sobre o conhecimento que eu transmitia. Um exemplo, *in loco*, de que conhecer dói. Ser porta voz da dúvida talvez seja uma boa forma de levar as pessoas a se inquerirem e a partir daí, refletirem sobre o que se lhes apresenta como problema.

Lembro de Richard Bucher me dizendo: quem não ocupa a própria subjetividade, cede o espaço para que outro o faça. Não almejei que minhas palavras substituíssem as de ninguém, e assim fui um professor pouco convincente, no sentido de que não pretendi convencer ninguém daquilo que eu pensava.

Uma aula minha, no começo de carreira circulou entre alguns risos e algum espanto. Para discutir os campos de conhecimento, filosofia, arte, religião e ciência quatro alunos foram instados a discutirem o significado de um objeto: um ovo. Dessa situação inusitada surgiram falas interessantes, disparatadas, cômicas que apontavam início da vida, símbolo da alma, ressurreição e o que tinha para comer no almoço, entre outras afirmações sérias e risíveis. E por fim, o empirismo e a dúvida: e se o ovo estiver cozido? E estava. Esse era o ponto que se buscava para desencadear a discussão: o que se conjectura/se pensa sobre o fato/objeto ou o que se apreende com ele a partir de alguma observação, manipulação ou reflexão.

O tempo me ensinou a dar algumas palavras de ordem para meus interlocutores estudantes, e a contragosto, negar a afirmação de Nietzsche, que suponho esteja em *O Viajante e sua Sombra* (Nietzsche, 1939), de que ele não queria pessoas para andarem na sua frente e nem atrás, mas ao seu lado. Para os estudantes de graduação, e hoje incluo também os de pós, seguir à sombra de uma teoria, parece dirimir a sensação de desamparo e mal-estar. Estar ao lado de outros seguidores, preferencialmente professores ou mais graduados, confortador. E infelizmente nisso se toma as teorias como verdade, a serem defendidas como brasões de equipes de futebol.

Minhas aulas sempre foram preparadas, no sentido de saber o que haveria de dizer nela e na maioria das vezes teve um plano B didático, em geral lâminas de retroprojeter ou arquivos de PowerPoint a serem acionadas diante da ‘falta de quórum’ nas discussões. E infelizmente, esses recursos foram acionados na maioria das vezes,

pois no mínimo, o programa deveria ser cumprido. O plano A foi sempre o de se utilizar as formas que emergiriam na sala de aula, a partir das vivências e reflexões/leituras de cada um, em uma espécie de antecipação do que seria o trabalho do psicólogo particularmente na clínica e nas escolas. Se o psiquismo é intangível, precisava ser reconhecido em cada um que se almejasse psicólogo. Partir da experiência de cada um sempre foi minha proposta.

Novamente a tese da sombra que um dos caminhantes pode fazer sobre o outro que o acompanha: em uma parceria dessa, o processo deve desmontar a assimetria da relação pedagógica destruindo o palco italiano da sala de aula e colocando professores e estudantes no mesmo patamar, de indigentes, já que jogados as mesmas condições de existência e de produtores do conhecimento além do senso comum e além do que já se sabe. Essa forma de pensar e proceder foi particularmente conflituosa em algumas turmas de disciplinas técnicas, particularmente as de grupo, onde o fascínio pelas ‘técnicas de dinâmica de grupo’ costuma fazer qualquer coisa servir para tudo.

Algumas parcerias importantes com outros colegas se deram. Cito particularmente com a Professora Silvia Maria Cintra da Silva, com quem também dividi a sala de aula a despeito de ambos trabalharmos mais do que seria contemplado em nossas pontuações. Uma parceria marcada pelo profundo respeito de ambos pela arte e a cultura, sobretudo na importância que consideramos que isso tem na formação dos psicólogos. De nossa experiência conjunta com a disciplina Psicologia e Arte surgiu propostas de mesas redonda em congressos, eventos dentro do próprio IPUFU e atividades culturais isoladas, que emergiram primeiro da vontade de mostrar e discutir com os alunos todos filme e livros de literatura que havíamos assistido e lidos e depois, pela nossa vontade de trabalhar juntos se divertindo um pouco.

Há pouco tempo, o professor Leonardo Gomes Bernardino, recém contratado pelo IPUFU, me contou que havia decidido começar todas as suas aulas naquele semestre com uma música; no que me assombrou ao me fazer lembrar que foi uma prática que adotei na turma dele, que havia tido a Sílvia Maria como madrinha e eu como professor homenageado e professores da aula da saudade. O uso de filme não óbvios, mas que conciliavam um pouco de prazer com o propósito acadêmico, já que em sala de aula, a arte é sempre um recurso pedagógico, fizeram com que eu tivesse fama de bom escolhedor de filme, músicas e material literários.

Mas a música antes da aula tinha propósitos ousados: por um lado, no que eu supunha uma referência a Hélio Oiticica, demarcar a mudança de um ambiente não sagrado, para um outro de pequenas oblações; e por outro lembrar que na escola, e na faculdade em particular, o estudo é uma das atividades que se realiza enquanto se vive,

Um supervisor de estágio que trabalhava com a morte.

Um curso de Psicologia passa em sua história por diversos momentos. Mencionei acima a primeira e segunda geração de professores do IPUFU. Tais conceitos foram propostos em um TCC que orientei, da acadêmica Juliane De Oliveira, minha atual orientanda de mestranda. Nesse trabalho constatamos que a primeira geração de professores do IPUFU foi, com raras exceções, contratada como especialistas, sendo ínfimo o número de mestres e doutores. A segunda, da qual eu faço parte, foi constituída por professores concursados, que em sua quase totalidade, tinham o título de mestre e se doutoraram depois de algum tempo como efetivos na instituição. Na terceira, com três exceções, todos foram contratados doutores.

É com os docentes da segunda geração de professores que o programa de pós-graduação estrito senso, o Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do

IPUFU se consolidada e a pesquisa entra de fato nas preocupações dos docentes. Até sua fundação em 2013 elas ocorriam, mas não eram a maior preocupação dos docentes, salvo raras exceções. Os estágios, voltados para atender demandas da comunidade, davam ao curso um caráter extensionistas, ainda que nem sempre formalizados em projetos com esse propósito.

De 1994 a 2000 estive envolvido com dois projetos de estágio principais: um ao qual me somei, denominado de Oficinas Terapêuticas, que contou por algum tempo com financiamento da Pró-Reitoria de Extensão, o que garantia recursos como tintas, instrumentos musicais etc. Outro, de minha autoria, levava atendimento clínico ao Conselho Municipal de Entorpecentes de Uberlândia. Começo pelo último.

Ex-colega de trabalho da secretaria executiva do COMEN na Prefeitura Municipal de Uberlândia, quando lá trabalhei como jornalista, atendi a sua solicitação de promover atendimento aos adolescentes e jovens adultos que chegavam ao órgão após a captura policial e encaminhamento da justiça.

Nesse trabalho, que resultou algumas apresentações em congressos e era suportado por uma disciplina optativa que eu oferecia, “Tópicos Avançados em Psicologia’ e se amparava nos trabalhos de meu ex-orientador de Mestrado, Richard Bucher, cuidando de uma população à qual ele se empenhou em descriminalizar e na qual insistia em reconhecer a pessoa antes do uso indevido.

Sob condições inadequadas vários estagiários experimentaram o atendimento individual e grupal de adolescentes que lá chegavam, angustiando-se com o grande número de abandono, como é típico com esse tipo de sofrimento e se deparando com paciente, que como explicitava Olivenstein (1990) e o próprio Richard, sofriam da falta da falta e que os encaravam como se olhassem para parvos, recusando-se ao vínculo, a

despeito das infundáveis ‘entrevistas preliminares’ que propúnhamos e do vívido interesse que demonstrávamos por eles. Suportamos por certo tempo a condição adversa do tratamento/psicoterapia que oferecíamos ser prescrito por juízes, que a consideravam uma pena alternativa e com isso faziam certo controle da frequência dos usuários aos atendimentos e colocavam um elemento estranho e indevido na relação que se buscava.

O trabalho com as Oficinas Terapêuticas, em seu momento de plenitude, incluía uma equipe multidisciplinar na qual participavam uma engenheira agrônoma, um técnico da mesma área, um professor do curso de Artes, musicoterapeuta, assistente social, além de uma psicóloga da Clínica de Psicologia da UFU e três docentes.

Idealizado pela ex-docente do I.P., Maria Lúcia Castilho Romera e um grupo de alunos, sua proposta era evitar a cronificação de pacientes psicóticos e neuróticos graves, buscando o reestabelecimento ou a formação de vínculos afetivos e sociais. Tinha simultaneamente de 20 a 30 pacientes regularmente participando do projeto, o que resultava na frequência as oficinas que ocorriam nas segundas, terças, quartas e sexta feiras em algo em torno de 6 a 18 pacientes. Fundamentava-se na experiência da docente que o criou, na Clínica Pinel, em Porto Alegre, coordenada pelo psiquiatra e psicanalista Marcelo Blaya e almejava-se com ela a criação de um ‘objeto transacional’, inspirado nas ideias de Winnicott, que propiciasse o resgate de vínculos sociais e afetivos perdidos com o sofrimento mental.

A princípio minha participação era a de um auxiliar de luxo e não tinha estagiários próprios. As próprias oficinas funcionavam muito a partir do que os estagiários entendiam por emergente e se alternava em jogos, colagens, pinturas, atividades de viveiros e festas que instituíam, de certa forma, um calendário cíclico, com as datas festivas e diferentes aniversários que se repetiam ano a ano. Depois ficaram mais estruturadas, com oficinas de pintura, musicoterapia, viveiro, atendimento

familiar e a de cerâmica. As oficinas de cerâmica aconteciam nas segundas feiras e nela se trabalhava com argila e buscava-se o resgate da imagem corporal fragmentada pela psicose.

O trabalho com pacientes psicóticos aos poucos foi substituindo minhas preocupações com a histeria e o fato de eu participar das oficinas com os alunos e o interesse que as peças produzidas despertavam após a queima nas exposições das oficinas me levou a ter grande busca por candidatos e a inúmeras vezes a ser confundido com um dos pacientes. Lembro-me que certa vez uma paciente esperou minha distração para dizer em surdina para os outros que eles precisavam manear porque eu já estava ficando com a cabeça mole tentando cuidar deles. De saldo, eu que me considerava um futuro ceramista e fazia alguns cursos com esse propósito, não conseguia mais fazer peça nenhuma para meu deleite ou simbolização e só recentemente voltei a ter contato com o material.

Nas oficinas apartei brigas de dois usuários que queriam se pegar com pazinhas de jardinagem com um abraço; me deixei ser conduzido feito ioiô pelos corredores da clínica de psicologia por um paciente embriagado para retirá-lo do local, descobri formas de possibilitar a dimensão temporal para quem não tinha quase nenhuma; por inúmeras vezes quase afoguei no abismo de olhos inexpressivos que me encaravam por alguns segundo, improvisei instrumentos musicais e brinquei de emprestar ego – e ensinar a emprestar o ego – para quem poderia não devolvê-lo. Disse da oficina em congressos, abordando seus diferentes aspectos e fiz um curta, “É uma cor moderna assim que eles usam”, que foi apresentado em vários locais.

A gota d’água, que resultou na minha saída do projeto e o abandono com o trabalho com os usuários de drogas veio de uma conversa informal com uma candidata as vagas em um processo seletivo para doutorado no IP.USP. Ao tomar conhecimento

de quais eram minhas atividades, junto a psicóticos e usuários de drogas, expressivamente se benzeu com o sinal da cruz sobre o rosto e exclamou: “*Credo. Você só trabalha com a morte. Para com isso*”. E era verdade. Eu atendia na época um adolescente chamado Arthur, com as duas pernas quebradas em um acidente automotivo no qual, na viagem da família para uma festa de casamento, morreram sua mãe, seu tio que ia se casar e uma outra pessoa que não lembro mais quem era e me lembrei de quando eu saía da minha sala de atendimento na policlínica Fausto Savastano e ia ‘me refrigerar’ rindo das baboseiras que se fazia na sala onde se tratava o mal perfurante de pacientes hansenianos. O início do doutorado, em 2000 foi a pá de cal nessa etapa.

Propus e supervisionei outros estágios posteriormente, buscando ajudar nas demandas institucionais da clínica, participando do projeto ‘Plantão Psicológico’, me incumbindo do atendimento de adolescentes, de pessoas com deficiências físicas, na instituição que os amparava (APARU- Associação dos Paraplégicos de Uberlândia), atendimentos psicoterápicos com crianças e adultos e estágios na área escolar e também em uma unidade de saúde da prefeitura municipal de Uberlândia, em uma tentativa de me reintegrar ao Programa de Saúde Mental do Município. Atualmente, com outras preocupações, e sem despertar a mesma atratividade que gerava quando era um professor novo e da ‘moda’ no instituto, mantenho um estágio sem muitas pretensões na clínica de psicologia da UFU e estou começando um projeto de um trabalho comunitário em uma instituição periférica que atende crianças e adolescentes.

Novamente se dispensa o leitor de uma lista enfadonha e enorme de estágios, datas e estagiários. Os comprovantes que ainda dispomos estão dispostos nos documentos comprobatórios anexado sob o título **Estagiários** dos mais recentes aos mais antigos. Por eles, podemos contar a supervisão de 101 estagiários, a maioria por período igual a um ano. Pelos documentos comprobatórios fornecidos não é possível

recuperar o nome que tiveram os estágios nem os dos estagiários. Os documentos que disponho contam que foram 101 sem contar os cinco atuais. Por se tratarem de atividades rotineiras não foram alvos de uma tabela ou relação, mas os comprovantes foram anexados entre os documentos. Todos eles podem ser incluídos em uma das seis categorias a seguir.

- atendimentos clínicos de pacientes psicóticos e neuróticos grave em oficinas terapêuticas.
- Atendimento a usuários de substância psicoativas.
- Atendimento psicoterápico de adolescente
- Atendimento de Plantão na Clínica Psicológica do IPUFU.
- atendimentos de professores da Secretaria Municipal de Uberlândia no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais.
- Atendimento psicoterápico a pessoas com Deficiências Física.

Vídeos

Antes de minha licença para doutorado, fiz três curtas dentro de minhas atividades profissionais. O primeiro, mencionado acima “É uma cor moderna, assim que eles usam” foi o primeiro deles e teve duas versões, sendo uma de 36 minutos em uma de aproximadamente 30. Os custos foram rateados entre mim e minha parceira de oficina, a professora Maria Lúcia Castilho Romera. E além de mostrar o que acontecia nas oficinas, pelo menos a parte cinematográfica, ele produzia um discurso libertário em defesa da cidadania dos usuários dos serviços de saúde mental. Com autorização dos familiares os rostos dos pacientes e seus nomes foram mostrados ao som da música ‘É’, de Gonzaguinha, entoado por Leny Andrade, o que ressaltava o tom político do trabalho que as vezes passava despercebido da própria equipe e o aspecto libertário, com

reprodução das imagens extraídas do livro da performance de Gretta Sarfatti, Modificação e apropriação de uma identidade autônoma (Sarfatti & Becheroni, 1980). Em nossa apropriação, na voz de Cida Moreira entoando Vocalize, de Arrigo Barnabé, o vídeo se encerrava com um apelo a fim das grades que ainda existiam na unidade de psiquiatria do Hospital das Clínicas UFU, o que, na primeira apresentação durante o 2.º Congresso de Ciências Humanas de Minas Gerais, em 1995 segundo o público, causou um grande impacto.

A segunda apresentação foi nas dependências do bloco 2C da UFU, no qual situa-se o curso de Psicologia. O público constituiu-se, no início, de alguns alunos e professores e profissionais da unidade de Psiquiatria do HC-UFU. O vídeo foi apresentado também no X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, em 1999, entre outros locais.

Outro vídeo que coproduzi foi com o professor Cláudio Vital e trata do trabalho que ele realizava com portadores do vírus HIV na instituição Fraternidade Assistencial Lucas Evangelista (FALE). Apesar de ter feito o roteiro do vídeo e a edição, considero um trabalho equivocado. A FALE era presidida pela esposa de um juiz de religião espírita que soltava todos os presidiários portadores do vírus, alguns de alta periculosidade e que voltaram aos presídios. O ambiente era pesado e alguns moradores explicitavam isso em falas. No local quase presenciei a morte de um morador, em estágio avançado da AIDS, casais em constante acusação por um ter contaminado o outros, desvalidos de diferentes ordens, travestis surradas pela vida em casas extremamente bem cuidadas e todo tipo de excluídos. O único alento para concluir o vídeo veio do contentamento de parte dos moradores da instituição quando Cláudio Vital fazia relaxamentos e realizava alguns procedimentos de hipnoterapia, apesar dele se declarar um psicanalista kleiniano.

O vídeo alicerçava-se no poema “Treze maneiras de olhar um melro”, de Wallace Stevens (1987) declamado pelo meu amigo ator Luiz Humberto Garcia, que trabalhou de graça. O roteiro buscava construir desde as primeiras cenas um acontecimento, no qual pessoas comuns misturavam-se a portadores do vírus, tudo entremeados a músicas descritivas do que acontecia, até um momento dramático em que o morador que quase vi morrer aparecia com a AIDS em plena manifestação e imagens fornecidas pela instituição de um outros, quase em estado terminal, fazia uma espécie de apelo a vida. Tais imagens estão no vídeo a despeito de minha oposição. Depois surgiam depoimentos técnicos do autor do trabalho com os portadores. Para cobrir um buraco durante a edição, minha sombra no chão foi utilizada.

Tal vídeo foi exibido em Barcelona, na Escócia e no México por Cláudio Vidal e foi classificado por um colega contratado posteriormente pelo Instituto, o professor Emerson Rasera, como um exemplar típico da época em que se defendia a ideia de passar o medo adiante e não o vírus. Para mim, o saldo foi ver a performance de meu amigo ator encenando o poema de Stevens.

Meu terceiro vídeo, que encerrou minha carreira de cineasta/documentarista foi uma espécie de protesto contra os vídeos estúpidos produzidos pelas empresas que organizam festas de formaturas. Singelo, os depoimentos dos formandos vão resgatados como entraram no curso como se frustraram e se reconheceram diferentes e por fim, como saíam, fazendo o balanço das modificações que sofreram. Exibido na aula da saudade da turma, que apadrinhei, os colocou em uma espécie de choro poético, na última cena, na qual a câmera, fazendo as vezes de um par de olhos solitários, observa os detalhes das cadeiras de uma sala vazia, ao fim da qual se mostra um professor de costas, eu, apagando o quadro negro enquanto a música perde desculpas a tristeza e conta que esta de malas prontas para ir embora. Na formatura festiva o vídeo exibido foi

o da produtora do evento, com caras, bocas e o que eu odiava, futebol de sabão. Não foi exibido em nenhum outro evento público. Documentos comprobatórios são apresentados sob o título de Vídeos

- **“É uma cor assim moderna, que eles usam”**, em co-produção com Maria Lúcia Castilho Romera. 1995.
- **“Treze maneiras de olhar um melro”**, em co-produção com Cláudio Vital Lima Ferreira e participação do ator Luiz Humberto Garcia. 1996.
- **“Quase sem Querer”**, 2000, sobre a trajetória de uma turma de alunos de um curso de Psicologia.

Arte como manifesto, educação e inclusão no saguão da biblioteca.

Estar na Universidade é, caso se tenha disponibilidade, conviver com atividades inusitadas. A arte, e recursos artísticos foram evocados por mim diversas vezes, para atos que tinha clara conotação política dentro do contexto universitário e outras que o extrapolavam, em uma tentativa de ecos para questões sociais. De quebra, buscou-se com elas explorar um espaço quase sagrado, particularmente no que se refere ao silêncio, o saguão da biblioteca. Obviamente isso foi negociado com os diretores da biblioteca, que viram com bons olhos a transformação do saguão do prédio em algo mais que um espaço de circulação até as portas da biblioteca.

A primeira foi realizada em 1995, quando eu ainda me encontrava na primeira parte de meu período probatório. Instado pela então coordenador, professor Sérgio Kodato, que encontrava dificuldades para caminhar com a reforma curricular realizei a performance “A Grande Dançada Curricular”. Alunos do curso de Psicologia postaram-se imóveis no saguão a biblioteca com uma música instrumental de fundo, ao fim da

qual, diante de ajuntamento de curiosos começaram a insinuar passos de uma dança e passaram a buscar outros colegas de performance para dançarem juntos, que por sua vez fizeram a mesma coisa, até que todos os presentes tivessem a oportunidade de dançar – se ainda lembro corretamente umas três músicas. O desfecho se deu com o fim da música, com todos alunos abandonando o local sem dizer mais nada e devolvendo ao saguão da biblioteca do campus sua triste sina de, mesmo bonito, ser apenas um caminho. Isso foi ironizado em uma reunião de professores por uma professora conservadora que disse: ‘precisamos fazer essa reforma curricular, pois até baile de debutante dela já foi feito’. Eu não tinha me dado conta que fazia exatamente quinze anos que eu havia ingressado como aluno na UFU. Ironicamente, a assinatura do que ficou conhecido como ‘currículo do Sérgio’ foi feita por mim, em 1996, assim como os acertos finais, quando substitui o coordenador que o sucedeu e renunciou no final de dezembro de 95.

A segunda ocupação foi durante a I Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia, com o projeto em parceria com a professora Sílvia Maria Cintra da Silva denominado: “Experiência Criativa” no projeto: Arte e subjetividade: o novo não choca mais? Oferecemos telas e tintas para serem pintadas pelos transeuntes no saguão da mesma biblioteca, além da exibição de uma série de filmes debatidos por professores de diferentes abordagens teóricas.

A retomada do saguão da Biblioteca do Campus Umuarama deu-se em 2005, com o projeto de extensão intitulado “1º de Dezembro: Dia Mundial de Luta contra a AIDS”. Além de oficinas e uma palestra com um militante da luta contra a AIDS ocupamos o saguão com uma exposição de cartazes de diferentes partes do mundo alusivos a campanhas de prevenção à AIDS. Um deles, que mostrava Batman e Robin como um casal gay, outro que utilizava a imagem de São Sebastião e alguns com

ilustrações de pênis com línguas bifidas chegaram a provocar alguma indignação. Alguns foram suprimidos após a reação de alguns colegas de instituto que recomendavam a não exposição. Corou a performance, à guisa de extensão, um show com artistas locais, com depoimentos e farta distribuição de preservativos. Bom, a história da aprovação desse projeto merece um outro memorial.

Abandonado o saguão da biblioteca, como desdobramento da disciplina Psicologia e Arte, montei com os alunos a peça teatral “Educação para a cidadania: os meninos e meninas lá da escola contra os perversos mosquitos da Dengue Futebol Clube”. Esse trabalho era para ser um programa de extensão, com apresentação nas escolas de Uberlândia. Teve duas apresentações, pois os alunos próximos da formatura se dispersaram.

Era um grupo de aproximadamente 20 alunos que ensaiavam (e comiam muito) no começo das noites de sexta feira na minha casa. O texto da peça, baseado em um cineminha de rolo que fiz para ajudar minha filha a combater piolhos na escola onde ela estudava, foi adaptado para a dengue, com a vivida colaboração dos alunos. Fazendo usos de personagens clássicos das estórias infantis, como chapeuzinho vermelho, lobo mal e os três porquinhos, possibilita a discussão de temas como higiene, prevenção, diferenças significativas (entre os mosquitos havia uma borboleta que achava que era um mosquito) e a exclusão, já que os porquinhos não diziam nada na peça e reivindicavam o direito a fala (o que foi concedido na última cena em uma fala que era um verdadeiro pastelão).

O mais significativo no trabalho era a presença de um aluno cadeirante portador de distrofia muscular falciforme, que deveria fazer um dos papéis mais importante, o da Vovó Denga, com sua cadeira de rodas envolta em um ‘pote de margarina cenográfico. Contudo, ele não conseguia falar o texto, particularmente a palavra ‘cu’, que deveria

estar na primeira apresentação para estudantes universitários, quando a vovó Denga entrava em cena e dizia: *“Botei tantos ovos que estou com o cu doendo”*. Sua performance começou a emperrar o trabalho e a gerar atritos e precisei de substituí-lo, o que ocasionou fortes sentimentos de culpa no grupo e alguma indignação, o que obrigou a trabalhar, com o grupo e aluno cadeirante incluso, como o sentimento de pena era excludente. A peça daí para frente andou e teve duas apresentações e o aluno cadeirante ganhou novo papel. Focado sobre o processo grupal que permeou a construção da peça, o trabalho foi apresentado em congresso da ABRAPSO em Maceió e publicado como artigo completo em seus anais. A retomada para elaboração de um periódico deparou-se com a dispersão de alunos e a dificuldade de fazer caber os vinte em um artigo.

A última atividade dessa sessão é recente e envolveu a psicanalista Mirian Chnaiderman e a exibição de seu filme/documentário *“De gravata e Unhas Vermelhas*. Com apoio do PGPSI, que arcou com os custos de sua diária e viagem para Uberlândia para participar da banca de uma orientanda minha, e da ADUFU- Seção Sindical, que arcou com os custos dos direitos autorais da produtora do filme e da Cinépolis que cedeu gratuitamente uma sala para a projeção do filme em condições profissionais, aproximadamente 200 pessoas debateram a diversidade sexual, colaborando com alimentos para serem distribuídos em um assentamento de sem tetos.

Doutorado e PGPSI

Até 2000, quando fui liberado para fazer doutoramento, o curso de Psicologia da UFU poderia ser considerado como extensionistas. Os estágios oferecidos aos alunos eram longos e alguns, em todas as áreas, ultrapassavam as 400 horas e chegavam a se parecer verdadeiros cursos de especialização. A capacitação do corpo docente, particularmente a segunda geração, cujos professores ingressaram por concurso e já com

o título de mestre começava enfim a construir uma massa crítica para um programa de pós-graduação *Stricto Sensu*, o mestrado, criado em 2002.

Minha aprovação, no processo seletivo de 1999 no programa de pós-graduação na área de concentração em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, do Instituto de Psicologia da USP deu-se com o projeto “*Mens Sana in Corpore Deficit: a sexualidade de homens com lesão medular*”, inspirado em uma cena do filme “*O povo contra Lary Flint*” e na metáfora do cristal partido, de Freud, sob a orientação da Dra. Lígia de Assumpção Amaral, que nunca havia me visto antes e quando me acolheu em um telefonema no período pré-seleção me disse uma frase lapidar que era mais ou menos assim: “Seu projeto tem a ver com minha linha de pesquisa, venha, faça a prova e seja aprovado que eu te oriento”. E eu gostei dela sem a conhecer.

Lígia não era uma psicanalista nem pesquisadora de se atribuíam marca de autores ou teoria. Mas uma pesquisadora de causa: as diferenças significativas e naquele momento dedicava-se ao que eu traduziria como o abjeto no corpo. Nosso primeiro contato foi mais ou menos estranho. Ao me inquirir sobre com qual autor da psicanálise eu queria trabalhar, e ouvir de mim: Lacan, disse que o detestava e que, por sua amizade com Gilberto Safra admirava Winnicott. Sem ser muito explícita, manifestou certo desagrado com uma das disciplinas que eu cursaria, que tratava de deficiências sob uma abordagem winnicottiana, mas num enfoque que ela considerava excessivamente clínico e pouco inclusivo.

Passado esse estranhamente inicial, que de qualquer forma me afastou um pouco de Lacan, passamos a nos dar bem e em sua disciplina produzi um artigo do qual gosto muito, “*As representações preconceituosas na polêmica musical entre Noel Rosa e Wilson Batista*”, infelizmente queimado em uma revista C, hoje extinta, por conta da necessidade de publicação para uma progressão. Meus primeiros escritos para a tese,

que insistiam no projeto inicialmente apresentado e no qual a dicotomia mente-corpo do ‘mens-sana in corpore déficit’ já havia sido devidamente varrido, recebeu um elogio na epigrafe, um poema meu que perguntava sobre as marcas que um corpo carrega, acompanhado de um comentário de que ela esperava de mim alguma coisa como o artigo sobre Noel Rosa e Wilson Batista. Obviamente gostei, mas já havia caminhado muito, particularmente nos compromissos assumidos com a Associação dos Paraplégicos de Uberlândia, que me auxiliou facilitando meu contato com seus associados e a dimensão poética que ela esperava haveria de vir na história de Juca, meu colaborador, sujeito típico que, por sugestão dela substituiu os 20 paraplégicos que eu queria estudar.

Sua morte prematura e as condições em que ela ocorreu, impedindo que seu corpo fosse exposto para uma despedida, no velório na biblioteca do IP me marcou muito, pois seu próprio corpo precisava ser ocultado por marcas feitas pelo ciclista que se chocou contra o carro onde ela estava, no choque entre suas cabeças. Cremada, foi homenageada com um pé de mexerica plantado em frente a biblioteca do IP, para ficar mexericando por ai, como ela dizia.

Angustiado pelas duas mortes, a dela e a de meu pai, escrevi como louco com a pretensão de acabar o doutoramento o mais rápido possível. Quando me delegaram um novo orientador, Paulo Albertini, em nosso primeiro encontro lhe entreguei mais de 160 páginas e dei-lhe uma tesoura de ferro enorme para ele cortasse o que quisesse. Havia nesse ato uma demonstração de insatisfação por ser orientando dele: quando fui entrevistado pela professora Júlia Kovacs a respeito de qual dos professores disponíveis para orientação eu preferia, citei ela própria, a Maria Luísa Schmidt, que quem havia sido aluno e Marilene Guirado e o vetei nominalmente, por conta de uma tentativa de conversa que tivemos algum tempo antes no qual discutimos a possibilidade de

orientação: ele me olhava ansioso e seu olhar parecia me dizer: ele não tem nada a ver com Reich e eu olhava ansioso para ele e sem dizer, dizia: ele é reichiano. Ele me devolveu a tesoura e só voltamos a conversar dois meses depois, quando eu estava menos furioso e tivemos uma relação ótima, somos amigos e sou tremendamente grato a ele.

Meu trabalho homenageia meu pai, homem simples como Juca, meu sujeito colaborador na tese, Richard, um homem culto e sofisticado, ao qual faço contraponto ao meu pai, cujas diferenças se tornaram conciliáveis para mim a partir de minha experiência com Lígia, a qual a minha maneira e a partir da relação que tivemos, presta uma homenagem. Ele abre com a transliteração que fiz da história de Juca, narrando em primeira pessoa, resgatando a poética de flui da simplicidade de pessoas como ele e tem a seguinte dedicatória.

Ao meu pai, Luiz Avelino da Silva, que me ensinou a usar todas as ferramentas que conhecia.

A Richard E. Bucher, meu orientador de mestrado na Universidade de Brasília, que me ensinou a usar ferramentas que meu pai desconhecia.

À Lígia Assunção Amaral, que iniciou esse trabalho comigo e me ajudou a ver que as músicas caipiras que contam meu pai e as sinfonias de Mahler, que contam Richar, podiam conviver dentro de mim.

A todos os três em vívida memória, que dói muito.

Além de Lígia, fui aluno de Maria Lúcia Amarilian, com quem estudei as deficiências a partir de Winnicott; de Gilberto Safra, de quem guardei e cito o uso que ele fazia da palavra russa “sobernost”, que por conta e risco associei a alguns aspectos

universais da experiência humana e “mir”, que sustenta minha defesa da universidade como um local de morada, além de uma ideia que me é cara: do analista como um representante da humanidade para pessoas cada vez mais vazia de humanidade. Maria Luísa Schmidt deixou em mim o interesse por Walter Benjamin, de cuja obra vou aos poucos me apropriando e de quem, em alguns momentos de delírio cômico, disse que era reencarnação.

Minha tese de doutorado “A Reinvenção da Sexualidade Masculina na Paraplegia adquirida” discute a sexualidade masculina quando passa por uma ruptura. Inspirada na metáfora do cristal partido de Freud, com o que ele buscava ver no adoecimento psíquico a estrutura do psiquismo normal, o que vinha de uma inspiração em estudos da neurologia clássica, buscamos ver no corpo dos homens, privado da sensibilidade na região genital o destino da sexualidade. Ela foi bem recebida pelo psicanalista Flávio de Carvalho, presente na banca, que a considerou uma importante contribuição nas discussões sobre o corpo e o eu-corporal e também por pessoas com deficiência, que reproduziram o artigo principal da tese, nem sempre revelando a autoria, em blogs destinados a pessoas com lesão medular. O referido artigo, publicado em 2007, foi noticiado na página 62 da revista da FAPESP, n. 144, de fevereiro de 2008, e pela edição especial da Revista Língua Portuguesa, denominada “Sexo e Linguagem” nas páginas 28 e 29, em reportagem denominada “A reinvenção do próprio discurso”. Nessa matéria, as frases atribuídas a mim foram retiradas do texto da tese, com minha autorização. Os referidos documentos podem ser apreciados na sessão de documentos comprobatórios denominada Repercussões.

Pós-Graduação

Concluir o doutorado com um atraso de pouco mais de um semestre foi envaidecedor e se deu com pouco tempo depois do de minha colega de instituto Áurea de Fátima de Oliveira. Foi também o momento de constatar nossa ingenuidade quando nos encontramos, sem combinar, na secretaria do PGPSI para nos apresentarmos para o programa de mestrado criado em 2002. Em diversas conversas com essa colega concordamos que dar um retorno à Universidade e a sociedade dos custos de nossa formação, com salário, liberação de atividade e bolsa de estudo era uma obrigação ética. Nossa presença ali fazia parte desse compromisso. Mas naquele momento descobrimos que as exigências para estar em um programa de pós eram maiores do que pensávamos.

Como meu artigo na então revista *Fractal*, Qualis A, saiu somente em 2007, minha admissão no programa somente se deu em 2008, como colaborador, bem depois da de Áurea e outros professores que se doutoraram depois de mim. E por uma série de contingências, fui diretor do Instituto de Psicologia antes.

Minha primeira orientação, na verdade uma co-orientação se deu quase que como um atendimento de pedido de socorro da mestranda Elisa Aires de Freitas, cujo orientador encontrava-se em pós-doutoramento em Barcelona, Espanha. E a despeito do trabalho ter sido feitos por nós dois em sua quase totalidade, participei da banca de defesa sentado junto ao público, como se deu com meu colega João Luiz Leitão Paravidini, que fez o mesmo trabalho com a outra orientanda do professor afastado.

As disciplinas que ministrei até o momento no PGPSI, além das Atividades orientadas, Dissertação de Mestrado e Estágio em Docência foram Seminários de Pesquisa, primeiro um módulo relativo a psicanálise e depois uma disciplina completa,

Abordagens Qualitativa em Pesquisa Psicanalítica, Métodos de Pesquisa em Psicologia, novamente o módulo referente à psicanálise e Psicopatologia da Vida Contemporânea.

O programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFU – PGPSI, tem clima bom entre os docentes. Na minha experiência, desde 2008 pude contar com a colaboração dos colegas e creio colaborar. São pessoas nas quais reconheço projetos acadêmicos ou no mínimo o engajamento em um já existe e inclui também outros docentes que almejam tal engajamento. Esse fator por si parece reduzir os conflitos.

Ocasionalmente há crises, motivadas por questões relativas ao credenciamento e a nota do programa. Em uma delas, na eminência de uma nota que se esperava fosse ruim, ou seja 2, fui promovido de professor colaborador, condição na qual entrei, para professor efetivo e imediatamente transformado em coordenador pró-tempore. Nessa condição recebi e-mail da professora Anna Jacob me cumprimentando e manifestando sua satisfação pelo fato de que tenha sido eu o substituto do coordenador anterior, pessoa com quem ela mantém excelentes relações acadêmicas. Como coordenador precisei deixar claro para a então secretária que o programa era mais importante do que o legalismo dela, aceitando encurtamentos e dilatações de prazo que permitiram que alguns mestrandos fizessem suas defesas, quase comprei briga com o pró-reitor de pesquisa de então, Alcimar Barbosa por conta do não pagamento do acadêmico monitor do laboratório do programa e consegui do mesmo a publicação de dois livros com coletâneas de trabalho produzidos no programa, no qual não tem nenhum artigo meu e nem sou citado.

Todavia, o fato de estar sem publicação recente me causava mal-estar, particularmente nas reuniões do Conselho de Pesquisa da UFU, onde convivia com alguns grandes pesquisadores da UFU que me conheciam. Considerava que um coordenador com a minha produção naquele momento depunha contra o programa e

pedi para a então diretora, professora Áurea de Fátima Oliveira que me substituísse. Isso durou dois meses, mas ainda era o coordenador quando veio a nota do programa e ele não foi fechado por um, então, milagroso três.

Se preocupar com a nota do programa é uma responsabilidade que todos os membros precisam ter. Como disse-me certa vez meu colega Ederaldo Lopes, que me sucedeu, quando me queixava da falta de respostas das revistas aos artigos enviados e que a situação me causava vergonha: ‘num programa de pós nos sentimos vigiados pelos colegas’. Nessa ocasião disse-lhe que se fosse conveniente eu pediria meu desligamento para não prejudicar o projeto coletivo. Meus artigos saíram a tempo e suficientes para permanecer.

Por outros motivos me prontifiquei novamente a sair do programa. Dessa vez diante do professor Joaquim Carlos Rossini. Tivemos um atrito sério quando ele foi coordenador do PGPSI, ocasionado por uma prova e o funcionamento do sistema e principalmente pela ausência do representante da nossa linha de pesquisa na comissão de seleção que viajou sem comunicar ninguém, o que permitiu a validação das notas, nas quais havia erro, que seria facilmente percebido (o que motivou nosso atrito) com uma simples conferência. Isso se resolveu, mas deixou mágoas tanto em mim como no coordenador e outro professor diretamente envolvido. Era uma quarta feira e na quinta a tarde fiquei sabendo, por outra pessoa, da renúncia do coordenador.

Como ambos lecionávamos na sexta feira de manhã, pedi licença aos meus alunos e fui até a sala ao lado, onde ele se encontrava e lhe disse: ‘Se você está saindo da coordenação por minha causa, eu peço que fique, pois nesse momento a sua presença na coordenação é mais importante que a minha no programa’. Não era por minha causa ou somente ela: havia sérios problemas com a secretaria, a mesma que precisei

enquadrar nos meus dois meses de coordenação e com alguns professores que pleitearam o credenciamento.

Nosso atrito entrou na relação das discussões que tivemos desde que nos conhecemos, a primeira sobre o fato das expressões estéticas dos psicóticos serem arte ou não, quando ele foi meu aluno de psicopatologia, a segunda quando ela já era professor, sobre o fato de peido ser ou não comportamento, que foi uma discussão muito exaltada. E outros menores, que fazem com que um sorria para o outro quando nos encontramos no corredor.

Orientações

Ao longo de minha carreira de professor na UFU e em particular no Instituto de Psicologia fui orientador de trabalhos acadêmicos e pesquisas nos níveis, Iniciação Científica, Especialização/Residência. Trabalhos de Conclusão de Curso na Psicologia e Educação Física e no Mestrado.

Desde 2008 até hoje tive 16 orientando, sendo duas co-orientações, uma orientação parcial, que assumi para conclusão do trabalho e outras duas, cujos temas indicaram a necessidade de outro orientador. Desses, duas ainda trabalham comigo e uma deve concluir seus trabalhos ainda nesse ano e outra em 2019.

Também tive duas orientandas em Residência Multiprofissional, cinco em Especialização em Clínica psicanalítica.

Fui orientador de onze trabalhos de Iniciação científica, alguns dos quais, olhando os comprovantes e o tempo transcorrido me soam como excentricidades. Particularmente a tentativa de construir uma escala para avaliar a personalidade sádica. No parecer do relatório do bolsista (que se formou antes da conclusão do trabalho) uma crítica dirigia-se a contradição entre a teoria psicanalítica que se supôs a base do

trabalho e o método psicométrico. O trabalho fazia alusões à psicanálise em sua introdução sim, mas os itens foram criados a partir dos critérios diagnósticos apontados no anexo do DSM III-R, já que na época não havia consenso sobre se deveria ser incluso entre as patologias pelos problemas jurídicos que isso acarretaria. Meus colegas dos ‘Métodos Inferenciais’ me ajudaram na estatística e ele foi publicado, felizmente em revista de pouco impacto. Meu orientando nesse trabalho é um dos bons psicanalistas de Uberlândia.

Outro trabalho infeliz versava sobre o bullying. Meu orientando me procurou a pretexto de estudar pessoas vítimas de desqualificação social e apesar de eu nunca ter cogitado isso, achei curioso. Tratava-se de um trabalho quanti-quali, e um questionário foi aplicado em um número considerável de sujeitos. As entrevistas se deram com professores. Contando com a parceria de um professor do curso de Estatística o questionário construído apresentou propriedades estatísticas interessantes, mas tinha um problema grave: meu orientando baseou toda sua teorização em um livro cuja autora fora mais tarde processada por plágio, o que só me dei conta quando o apresentei no Encontro da ABRAPSO em Florianópolis, após apontamento da coordenadora do grupo de trabalho. O trabalho foi arquivado e o IC serviu para o início da carreira de pesquisador de meu orientando no mestrado e posteriormente no doutorado na Universidade de Brasília.

Um terceiro trabalho não deu certo, mas por conta das contingências da vida de meu orientando. Retomando um aspecto da minha tese, a masculinidade, pretendíamos investigar o que conceituamos como ‘homens aditivados’, por anabolizantes, facilitadores de ereção ou mesmo músculos excessivos. Autorizado pelo CEP, as entrevistas tinham começado e antes de qualquer análise meu orientando descobriu que sua namorada estava grávida. Poderia ter substituído, mas sua crise me comoveu e achei

que seria importante ele comprar as primeiras fraudas de sua filha com o próprio dinheiro. A pesquisa somente se concluiu após o nascimento de sua filha, com um protocolo que continha uma única vinheta extraída das entrevistas e um vomitório de afirmações lacanianas. Insisti que para aquilo não seria necessário entrevistar nenhum dos colaboradores (e acho que foram cinco). Novamente a experiência valeu para que ele desse continuidade aos estudos no mestrado, pois lhe forneci o atestado da orientação e conclusão do trabalho.

Meus orientandos de mestrado, entre os que já concluíram, os co-orientando, estavam comigo e mudaram de orientadores e estão com trabalho em andamento, desde que entrei no programa foram em número de 16. A maioria deles teve sucesso na publicação de seus artigos, dois deles aprovados em doutorado me solicitaram a dispensa do artigo exigido pelo PGPSI, três tem os devidos artigos encaminhados aguardam parecer, três que concluíram recentemente ainda não cumpriram essa parte de seus compromissos com o programa e uma teve seu trabalho aceito aguardando publicação e tem um outro em processo de avaliação.

Cabe destacar que tive como orientando um sociólogo, um cineasta e atualmente uma jornalista. O sociólogo estudou arquitetura, particularmente os lofts, como produtor de discurso. Fez uso do método indiciário de Ginsburg e psicanálise dialogando com Benjamin e iniciou doutoramento em Barcelona e por falta de recurso, voltou a Brasil e ingressou no programa da UnB em sociologia, onde defendeu sua tese. O cineasta é atualmente docente da Universidade do Rio Grande no Norte, cursando doutorado na Unicamp. Em um de seus curtas, me tornou depoente, entre ‘outras pessoas estranhas’ em uma narrativa sobre uma cidade imaginária e inundada. Me vi, graças a ele, no Canal Brasil. A jornalista estuda o riso nos Simpsons.

Quanto aos trabalhos de conclusão de curso na graduação, ao debruçar-me sobre os documentos para elaborar a parte mais formal desse memorial me deparo com o fato de que, proporcionalmente, orientei quase o mesmo tanto de alunos de Psicologia e do curso de Educação Física. Foram onze da psicologia e sete da educação física.

Quando considero a minha permanência no campus próprio do curso de Educação Física, entendo que fui assimilado e confundido com os docentes de lá. Os trabalhos para os quais minha orientação foi requisitada, assim como as bancas para as quais sou convidado, versam sobre a Psicologia do Esporte, em geral, Educação e motivação para a prática de alguma atividade física. Uma das monografias resultou em um artigo que foi enviado para publicação, mas o autor principal, empregado agora na Universidade Federal do Triângulo Mineiro abandonou o projeto.

Publicações

Estar em um programa de pós-graduação significa publicar. Outras atividades e argumentos são bem-vindos, mas as publicações, diante da atual política da CAPES são as únicas garantias da existência e uma nota que recomende um programa. Assim, desde 2008 esse compromisso foi assumido e, muitas vezes na última hora minha produção foi suficiente para que eu permanecesse no PGPSI e guardo a expectativa de que meus artigos voando e a decolarem me mantenham no próximo credenciamento.

Publiquei um capítulo de livro e 15 artigos, sendo quatro deles anterior ao meu doutoramento. Esses últimos quando as publicações em uma revista indexada se prestavam às progressões na carreira e ao cálculo da produção do Instituto. Olhando-os hoje vejo que mereciam uma revista melhor classificada no QUALIS do que a extinta ‘Perspectiva em Psicologia’, da também extinta Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiros. Um deles, que trata das representações preconceituosas na polêmica musical

entre os compositores Noel Rosa e Wilson Batista, foi enviado a revista em um momento de quase desespero. E foi queimado, como diria meu ex-orientador de doutorado Paulo Albertini. Na mesma revista, outro que merecia melhor destino que trata do desvio e da sexualidade, foi publicado em uma versão com inúmeros erros, quando a revista recebeu de mim uma cópia corrigida. O doutorado e minha presença no PGPSI trouxe a necessidade de revistas de melhor qualidade e elas foram buscadas.

Há entre meus artigos, a maioria publicada com meus orientandos, trabalhos que gosto muito. Particularmente o da minha tese, que frequenta outros artigos e teses e blogs de pessoas com deficiência; o que trata das representações sobre o trabalho dos psicólogos; os que abordam a feminilidade a partir da divulgação das mulheres na mídia e o inusitado, classificado pelo parecerista como relevante contribuição a psicologia ambiental, que vê os lofts como produtor de um tipo de discurso. Artigo esse, aliás, derivado de uma dissertação que foi publicada pela editora Novas Edições Acadêmicas, em 2014, sob entusiasmo meu e de meu orientando Bruno Vasconcelos que somente mais tarde, com o livro impresso nas mãos, ao custo de quase 300 reais nos demos conta de que não passava de uma mera impressão do arquivo em Word que enviamos para avaliação, sem nenhum trabalho editorial e sem conselho editorial.

Há que se destacar também a parceria com minha colega Joyce Marli Freire, já falecida, responsável pela parte pesada e bela do artigo “A construção metapsicológica do sintoma na obra lacaniana a partir da escrita de James Joyce”, publicada na *Tempo Psicanalítico* em 2014. Minha participação é inusitada, no começo do trabalho quando lhe mostrei que só conseguia ler a versão em português de *Finnegans Wake*, de James Joyce em voz alta, e que quando eu fazia isso tinha acesso de riso. E no final, quando ela generosamente pediu que eu fizesse a revisão, de resto desnecessária. A ela devo a publicação em um artigo, ainda em construção, que analisa um fato ocorrido na

biblioteca da UFU em que todos os volumes da obra “O futuro de uma ilusão”, de Freud tiveram as mesmas partes tampadas com canetas marca texto, semelhante a perfuração dos olhos dos cavalos no filme “Equus”.

O que dizer sobre isso? Essa necessidade quase compulsiva de publicar? Que as vezes a necessidade de publicação torna-se opressiva. Em 2017 recebi convite para enviar minhas produções engavetadas para a editora APPRIS. E minha tese de doutorado foi aceita para publicação, o que deu origem a negociações financeiras, prazos, quantidades etc, após esclarecimentos sedutores de que a editora dispõe de conselho editorial e que a publicação está de acordo com os critérios de avaliação da CAPES. Pedi um adiamento no prazo, uma vez que ocupado com outros compromissos, mas a transformação da tese em livro está em processo e **o negócio** será efetivado em 2019.

O uso da expressão negócio não foi à toa. Ciente da busca dos programas e pesquisadores por ‘pontos’ qualis, parece que todo um comércio surgiu e se manifesta geralmente pós-congressos, como outra proposta que recebi para a publicação do artigo completo sob forma de capítulo do trabalho “(De) formações: da constituição histórica de um curso de psicologia a formação do psicólogo”, em co-autoria com minha orientanda Juliane de Oliveira, apresentado no encontro da ABRAPSO em 2017.

Repito aqui minha compreensão de que estar em um programa de mestrado implica em aceitar as regras, cuja principal é a publicação, o que eu aceito. Por outro lado, não é possível ficar sem denunciar que os programas a médio prazo, em função dos índices de produtividade sempre crescentes acabarão por impedir o acesso a novos pesquisadores, já que a produção fora dos programas é muito mais difícil (no meu caso, por exemplo, de todos IC e TCCs em diferentes níveis que orientei apenas três resultaram em publicação). Por outro lado, sujeita os professores efetivos dos programas ao

adoecimento, como se deu comigo há algum tempo em que, as vésperas do recredenciamento recebi a recusa de dois artigos que considerava bons (um posteriormente publicado na Ciência e Profissão).

Diante disso, creio que cabe lembrar dois momentos distintos. Um, no qual eu relia satisfeito o resultado de minhas publicações, e dizia, parodiando um colega de instituto, ‘depois das modificações nem parece que é meu’, e outro, em que a publicação é imediatamente lançada no Lattes, como um a mais computado. Como se entre tal artigo e nós não houvesse nenhuma organicidade, ou relação criador e criatura. Como as galinhas de postura que observei quando trabalhei em uma ganja, que não reconheciam os próprios ovos.

Extensão

Realizei atividades de extensão durante os quase 25 anos de minha vida acadêmica, na maioria das vezes sob a forma de estágios: internos a UFU foram meus próprios atendimentos na Clínica de Psicologia, aos serviços de atendimento de plantão com adolescentes e a pacientes psicóticos em oficinas terapêuticas. Externos, me dediquei ao atendimento de usuários de substâncias psicoativa no Conselho Municipal de Entorpecentes, ao atendimento de pessoas com deficiências na Associação dos Paraplégicos de Uberlândia, aos professores com sofrimento psíquico da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, em programas de saúde mental, atendendo demandas de palestras em diferentes instituições com palestras específicas e proposição de eventos. São, todavia, minhas atividades menos registradas, uma vez que considerei o tramite dos projetos excessivamente burocráticos até pouco tempo. Na conferência de meus documentos para esse memorial me dei conta que atuei por três anos no programa PET-Saúde da UFU e que ele nunca foi lançado em meu plano de trabalho.

Comissões Internas do Instituto de Psicologia.

Desde que sou docente do IP.UFU, fui membro de 80 comissões internas do IPUFU e pelo menos uma dezena de outras nomeadas pelo reitor, quando fui diretor e para validação de títulos obtidos no exterior, das quais ainda tenho registro. Por considera-las atividades cotidianas e necessárias para o funcionamento da Instituição, não as considero diferenciais quanto ao empenho ou dedicação de nenhum docente. A maioria delas versas sobre promoções de colegas e outros assuntos menores. Algumas dizem respeito as questões administrativas, pedagógicas e políticas do instituto. Participei de várias desse tipo, mas me eximi de apontar a relação extensa e completa dos documentos que as comprovam, ainda assim anexados nesse documento. Destaco, todavia, a primeira comissão que participei, em 1994 e a última, em 2017, pois revelam um professor com 25 anos de diferença, entre uma e outra, funcionando por princípios semelhantes.

A primeira, de 11/11/1994 me incumbia de, junto com outra docente, fazer um parecer sobre a proposição de um curso de especialização em clínica psicanalítica. O problema é que o referido curso já havia sido ministrado e era uma tentativa do proponente de dar diploma emitido pela UFU aos alunos que haviam assistido as aulas de um psicanalista de Belo Horizonte, em Uberaba, com algum ganho financeiro, é claro. Agravava a situação o fato de o proponente ter sido da minha banca de admissão na UFU, de minha colega de comissão ser bastante esquiva com assuntos desse tipo e o que considero mais grave, eu estar ainda na minha primeira avaliação de período probatório. E uma expectativa irônica sobre como eu me sairia da sinuca de bico.

Foi meu primeiro banho de resoluções e leis na UFU, a descoberta de que muitas coisas eram citadas como lei, particularmente por uma professora que já não está mais

entre nós. Entre essas descobertas, a de que não existe nenhuma lei que fala em dois terços do quórum para aprovação de um recurso contra uma votação no conselho, como havia presenciado em um pedido de dilação de prazo para conclusão de doutorado pela minha colega de comissão. Meu parecer pareceu uma peça jurídica e foi contrário ao curso. Obviamente fiquei em uma situação incômoda depois dele.

Fiquei em uma situação incômoda também na última comissão do CONSIP que participei e presidi, nomeada pela portaria SEI IPUFU N°35, de 04/10/2017, para emitir parecer sobre a criação da empresa júnior do Instituto, a CONSULPSI. Comissão paritária, com três professores e três alunos, era marcada por duas posições distintas, uma a favor, na qual eu me incluía por considerar que se tratava de uma iniciativa de alunos muito bem acolhida e orientada por uma docente recém-chegada e outra contrária, por ver no empreendimento uma forma de violação da universidade pública. Mesmo tendo posição dirigi os trabalhos com isenção.

Ao longo do processo tive a impressão que somente eu ouvia as duas posições. Consegui que apontássemos no parecer as duas posições com igual número de páginas (o que de modo geral aconteceu) e, mesmo apontando como faço aqui minha posição favorável à CONSULPSI, nos trabalhos da comissão, como havia anunciado antes, fiz um posicionamento próprio considerando que a votação se dava em um momento intempestivo e que se votaria muito mais do que a própria empresa júnior.

Na votação do conselho me abstenho por discordar de um ato dos alunos envolvidos, não antes de ser acusado de várias coisas que não fiz. Tal comissão me custou algumas amizades e até o bloqueio no facebook e whatsapp. Professores de postura mais institucional, ainda que contrários à minha posição, entenderam e elogiaram o trabalho.

Atividades Administrativas

Ocupei quase todas as funções administrativas no IPUFU, faltou a chefia de departamento, quando esses existiam, a qual recusei. Coordenador pró-tempore, chefe/diretor da Clínica de Psicologia, Diretor do Instituto e Coordenador do PGPSI. Com exceção da chefia da Clínica, ao que me voluntariei, sempre em momentos de crise.

Fui coordenador do curso de graduação entre dezembro de 1995 a fevereiro de 1996, em função da renúncia do então coordenador do curso, prof. Antônio Ribeiro, diante dos atritos que se davam nas reuniões do Colegiado de Curso por conta do projeto de reforma curricular, atrito entre professores e alunos (duas turmas tiveram metade de seus membros reprovados por um único professor, J.C., ainda que em seu pedido de exoneração alegasse foro íntimo.

A beira das férias ninguém quis assumir a função que acabou delegada a mim, sob um dito do professor Antônio Ribeiro: ‘Você dá conta, tem ombros forte’. As primeiras deliberações do colegiado, relativas ao atrito entre o professor J.C. de meu departamento e duas turmas, gerou inúmeras críticas a mim, inclusive uma que questionava minha presença no colegiado, já que ninguém havia sido consultado. Com as férias e o recesso de natal, sobrou para janeiro e fevereiro a tarefa de acertar o currículo, com a produção de um documento que incluía as alterações produzidas a partir da avaliação feita por instâncias superiores que haviam baixado o projeto em diligência. Fui acompanhado nessa tarefa pelas duas técnicas administrativa da coordenação, Marineide Dias Sales Cabral e Dalila Souza, a última a quem coloquei para dançar, literalmente, nos momentos de tensão. O documento foi aceito, o currículo

assinado por mim, aprovado e fui substituído. Já não disponho da portaria de minha nomeação e exoneração como coordenador pró-tempore.

Contei sobre a aprendizagem da hierarquia quando relatei minha experiência com o serviço militar. Me dou conta que relatei dois episódios em que se pode observar que ela existe implicitamente na universidade. No episódio em que fui substituído por um professor de maior titulação na disciplina Epistemologia da Psicologia e nesse. Eu era um professor ainda recém-chegado e ainda em período probatório, a despeito de ter sido um dos interlocutores do autor do então currículo a ser implantado. Me parece que a universidade precisa, em algum momento, parar e definir qual a função dos diferentes níveis acadêmicos de seus docentes, não para efetivar uma hierarquia, mas para impedir que um modelo externo e autoritário, na falta de critérios, seja utilizado.

Fui eleito diretor da Clínica de Psicologia após árdua sabatina no CONDEPSI, antigo Conselho Departamento de Psicologia. Para o biênio 97/98, cuja portaria já não disponho, e reconduzido como chefe pró-tempore em 28 de maio de 1998 pela ordem de serviço Nº 8/98 o que fez um tempo de aproximadamente um ano e meio. Administrativamente dei continuidade a boa gestão de meu antecessor, que aproveitando-se da veiculação da CLIPS ao convênio do HC-UFU, com o SUS, promovia a integração do órgão ao programa de saúde mental da cidade. Pessoalmente me vinculei ao serviço de plantão me encarregando, com estagiários, do acolhimento de adolescentes.

Obviamente precisei superar algumas resistências, de pessoas críticas a minha presença como chefe da CLIPS e ao fato desse cargo não poder ser ocupado por técnicos administrativos (posição a qual eu me opunha). Sustentei como meu antecessor a existência de um grupo gestor que administrava os recursos financeiros e recusei

verba para um professor, J.C. que queria participar de um congresso em Chicago, sem ao menos apresentar algum trabalho.

Na sequência a discussão da administração dos recursos financeiros da Clínica foi levada ao CONDEPSI e entendeu-se que ela cabia a esse órgão e não ao grupo gestor ou a chefe da clínica, o que na prática tornava o cargo que eu ocupava decorativo, ainda que respondendo legalmente pelo órgão ao CFP e junto a universidade. Obviamente renunciei e a maioria dos conselheiros do CODEPSI achavam que a renúncia era um blefe e blefaram a aceitando sem nenhum questionamento até perceberem minha expressão de contentamento.

A clínica passava pela primeira reforma desde que criada nos anos 80. Enfim a sala de espera permitia alguma privacidade aos pacientes com a construção de uma pequena mureta, os técnicos contavam com alguma proteção com um balcão construído especificamente para a portaria, a clínica inteira teve seu branco gelo removido e substituído por um tom bem agradável de verde água (era o nome da tinta), os estagiário foram retirados de uma espécie de sala de despejo, na última sala do lado direito e alocados ao lado da copa, no centro da clínica e ao lado da geladeira e café; construiu-se uma sala de vídeo e atendimento grupal devidamente equipada, além da ‘sala da chefia’ ter sido abandonada para instalação de computadores para uso dos estagiários.

Aceitei ser reconduzido a chefia temporariamente a pedido do então chefe de departamento, Dárcio Lisboa Oliveira, primeiro como seu assessor para concluir a reforma da clínica e depois pró-tempore, até que nova eleição fosse feita. Sua posição nesse momento era crítica ao professor J.C., que acabou conseguindo verba para ir ao congresso em Chicago, mas não de mim nem da clínica, mas diretamente do reitor, que era seu amigo (foi contra esse reitor que fui testemunha do ministério público)

Relatar essas passagens na coordenação do curso de graduação e clínica pode soar como uma queixa de alguém que se sentiu perseguido. Não há queixa, mas alguma perseguição havia sim, movida pelo professor J.C. e J.T. que explicitou diversas vezes sua antipatia por mim. Meu período probatório, assim como de meu irmão gêmeo de instituto, João Luiz Leitão Paravidini foram tumultuados e a nossa única segurança era o tanto que trabalhávamos. No meu caso atribuo a minha participação na greve dos estudantes que relatei a pouco e ao fato de, em 96, a maioria dos professores ainda serem os mesmos. Ironicamente o fim de carreira de J.C foi marcado por certa melancolia e ele acabou me escolhendo como confidente. Também, como diretor, presidi a cerimônia de homenagem à professora J.T. falecida pouco antes de eu me tornar diretor do instituto.

Me tornei diretor do IPUFU a contragosto, como relatei angustiado pouco depois da posse ao meu homeopata, que a percebeu. A diretora anterior, acometida de problemas ortopédicos, não conseguiu que ninguém se candidatasse ao cargo. Em uma reunião para indicação das preferências dos professores meu nome foi o terceiro indicado, atrás do nome do professor Sinésio Gomide e da professora Marília Dela Coleta. Ambos recusaram e por volta das nove da noite, de uma quinta-feira, quando eu preparava a arguição de minha primeira banca de mestrado no PGPSI, já que informado algumas horas antes que, suplente, deveria assumir o lugar da titular que havia desistido, recebo um telefonema com a diretora em prantos pedindo que eu assumisse pró-tempore e ficasse o tempo que quisesse até fazer a eleição. Aceitei e me propus a ficar três meses.

Minha posse teve festa, discursos, uma aprovação instantânea. Por três meses ser diretor do IPUFU foi uma maravilha. Conhecer a universidade a partir de seus conselhos superiores e participar de articulações e projetos uma experiência rica. De

saldo, aos poucos fui regularizando o saldo negativo do IPUFU, uma dívida de mais de 20 mil reais, uma fortuna na época, junto a Fundação de Apoio Universitário. ‘Meus ministros’, representante dos quatro núcleos que escolhi para discutir os rumos da administração entendiam que eu devia me candidatar e ser diretor de fato. Abandonei meu propósito inicial de ficar três meses e aceitei. Nada foi como era antes.

Propor critérios para liberação de recursos para diárias e passagens gerou atritos. Me posicionar por uma vaga de professor para um núcleo, em voto de minerva, me indispos contra um núcleo inteiro, mesmo que tenha conseguido uma vaga emprestada da Faculdade de Educação para o núcleo desfavorecido. Dar divulgação a um cartaz do CFP sobre o ensino da psicopatologia me indispos contra a professora da referida disciplina. Nomear professores substitutos para disciplinas descoberta, protestos de três núcleos. Nomear um professor recém contratado para outra, protestos de meu núcleo não muito elegantes. O mais cômico entre todos os protestos foi a campanha aberta de um técnico administrativo contra uma máquina de café que eu pretendia implantar no IPUFU, que era sugestão de um professor. Protesto equivocado: meu projeto era uma sala climatizada, com cadeiras confortáveis, música ambiente, frigobar e tapete vermelho, com o propósito de valorizar os professores, particularmente aqueles que eram mais presentes no espaço do Instituto. Acho que desagradou.

A despeito disso tudo, ficou dos meus pouco mais de dois anos de diretor a reforma da atual instalação do PGPSI, com a criação da sala de aulas e defesa de dissertação, que não foi um projeto meu, mas teve todo apoio; a desocupação de três salas que eram ocupadas pela ociosidade de uma funcionária que cuidava dos testes, a instalação de uma plataforma para acesso de pessoas com deficiência ao pavimento superior do bloco 2C, esboço de um projeto de desenvolvimento do IPUFU, cujo registro em ata está em ata do CONSIP de 1996 e um saldo positivo da ordem de 26 mil

reais. Acabei com as limitações de três lâminas de transparências de retroprojeter e liberei todas fotocópias solicitadas. Tais atos, após aumento de consumo em função de demandas represadas voltaram aos níveis compatíveis com a cota do Instituto.

Nos conselhos superiores participei de algumas importantes comissões, uma delas a que criou a resolução para promoção de professores a classe de professores associados; a de distribuição de vagas e organizei os diretores das unidades acadêmicas no que chegou a ser chamado pelo então reitor Arquimedes Ciloni de “República do Umuarama”. Juntos com os Institutos de Ciências Biológicas, Faculdades de Agronomia, Veterinária, Instituto de Biologia e Instituto Genética e Bioquímica vencemos um edital do Fundo de Desenvolvimento Institucional no valor de 120 mil reais que ampliou um módulo no bloco ‘6T’, resultado divulgado na ata 02 de 2006 do Conselho Diretor da UFU.

Tal projeto, criticado por alguns diretores que queriam ‘reforma de banheiros’ foi chamado de sonhador e me levou a debates acalorados com outros diretores: eu era o porta voz da ‘República do Umuarama’. Foi nesse projeto que se citou a expressão “Instituto de Pesquisas do Cerrado”, criada pelo diretor do INGEB, professor Malcon (?), que foi trabalhado pela República do Umuarama, e depois, com apoio da Faculdade de Medicina e de Odontologia resultou na criação recente do Centro de Pesquisa do Cerrado, com recursos das privatizações designado pelo então presidente da república, Fernando Henrique Cardosa para a infraestrutura das universidades.

Eu cobrava insistentemente do reitor que o controle da dedicação exclusiva fosse feito por um funcionário de carreira, que cruzaria os dados a partir de SIAPE e CPF. A procuradoria respondeu com uma proposta que responsabilizava os diretores e eu, que suspeitava que um professor do IPUFU quebrava o D.E (felizmente pego na malha fina posteriormente) disse ao Reitor, Pró-reitor de Recursos Humanos e Procurador da

Universidade que, entre dedurar sem provas e me exonerar, que eu preferia a segunda alternativa. Graças as tensões internas e externas minha pressão arterial chegou a 19/14 e meu clínico além de dobrar meus medicamentos para pressão me prescreveu um ansiolítico. Tomei um dia e no outro apresentei meu pedido de exoneração.

Quanto aos aspectos internos, o mais prosaico é terem riscado meu carro com o apelido da então secretária do IPUFU, Valquíria, a quem eu chamava de Val, ser acusado de manipular os funcionários quanto a uma ata de reunião de eleição de coordenador para a qual não houve candidatos, ter solicitado duas sindicâncias, uma para apurar o desvio de verba por parte de um funcionário de dois cursos de especialização do Instituto e outro para apuração de uma acusação de uma docente nossa, que acusava professor da engenharia de persegui-la.

Arquivou-se o pedido relativo ao funcionário que mais tarde roubou uma prova do vestibular e entregou a sua sobrinha, provocando prejuízos de milhões para a UFU, por ‘falta de provas’, que eram disponíveis nas mãos dos coordenadores dos referidos cursos. Quando a tentativa de fraude do vestibular aconteceu redescobriu-se o pedido de sindicância efetuado por mim. Quanto a professora, alvo do segundo pedido de sindicância, ela participou de uma oitiva e se recusou a participar de outras. Nunca mais criou problemas.

Minha participação como coordenador do PGPSI foi breve e circunstancial e creio que me portei a contento no curto prazo que lá permaneci. Teria ficado mais não entendesse que o cargo deveria ser ocupado por um docente que correspondesse mais aos propósitos de um programa de pós-graduação, condição que naquele momento eu não dispunha.

Olhando retrospectivamente reconheço que em diferentes momentos fui o professor disponível no instituto para algumas tarefas indesejadas. Creio que me saí bem em todas elas e que de certa forma, sabia o rumo a tomar. Não tenho queixa das circunstâncias em que ocorreram nem dos eventos que desencadearam. Trabalhei, tive certo desgaste e confesso, me diverti também. Sem mágoas de ninguém, mas dificilmente retomaria algum desses cargos.

Membro do Comitê de Ética em Pesquisa da UFU

Participar do Comitê de Ética da UFU, por quase dez anos como participei é uma experiência que deveria ser facultada a todos professores universitários que de alguma forma fazem pesquisa, a despeito da área. Com todas críticas que se possa fazer, constatação de burocracia e às vezes a sensação de estar estorvando o trabalho dos outros. Particularmente quando se orientava pela resolução 166 do ministério da saúde, que aplicava às ciências humanas os mesmos critérios utilizados para as ciências da saúde. E também ser vistos pelos colegas, a despeito de um profissional no CEP-UFU jamais analisar um protocolo da mesma área, sob suspeita de ter apontados problemas em algo que ‘não entende’.

Ainda que ocasionalmente os profissionais de uma área façam esclarecimentos sobre particularidades de suas disciplinas jamais são representantes dessa e nas ocasiões em que a especificidade pede um ponto de vista específico, solicita-se um parecer ad-hoc. Esclarecer que a expressão ‘banco de dados’ de um projeto de psicologia organizacional é um recurso de informática e não uma tentativa de preservar dados para novos estudos, como é o sentido da resolução citada as vezes foi enfadonho. Diferenciar pesquisas qualitativas de pesquisas com poucos sujeitos algo do mesmo naipe, assim

como ficar ao lado de pesquisadores quando a necessidade de identificar o sujeito, particularmente em estudos antropológicos.

Porém, quando se depara com protocolos cujo questionário que se pretende aplicar a presidiárias apresenta como opções de resposta às expressos ‘ótimo’, ‘bom’ e ‘regular’ se constata que há entre os pesquisadores aqueles que pretendem produzir um discurso que se utiliza dos sujeitos que investiga para produzir uma mentira sobre eles. Ficaremos em um único exemplo que consideramos forte o suficiente para demonstrar a necessidade dos CEPs., a despeito dos problemas que apresentam. Nos meus quase dez anos, obviamente me irritei com a burocracia, e o atraso de mais de seis meses que prejudicou muito o trabalho de uma orientanda minha. A compreensão de que a anuência do CEP, após garantir a proteção do sujeito, protege também o pesquisador, além do fato de conhecer a universidade por dentro tornou esse período uma das experiências mais rica de minha vida acadêmica.

Participação sindical

Por duas vezes fui capturado pela seção sindical do Ande da UFU, a ADUFU. Na primeira, como diretor cultural, me deixei convencer pela ameaça representada por um grupo de militantes de um partido extremistas, na segunda por conta de minha experiência anterior e por absoluta falta de quadros.

É um lugar desagradável de se ocupar, pois mesmo se tratando de uma entidade de professores universitários, os membros da diretoria são confundidos com radicais extremistas ou pelegos. De modo geral o sindicato só desperta interesse por ocasiões em que se faz chamada para greves ou se discute o aumento dos planos de saúde, ocasiões que as assembleias lotam dos grupos a favor e contra.

O fato é que é preciso alguém ou algo que discuta as políticas macros e se posicione em defesa da Universidade Pública, gratuita e as questões corporativas dos docentes, particularmente os salários. Só que basta pouco tempo de envolvimento com a entidade para compreender que essas questões não se resolvem, ou a elas não se opõe resistência, por de fato perdemos sempre quase tudo, com simpatia e sem estridência nenhuma.

Fui diretor de cultura, por azar acabei presidente de uma comissão diretora que era para ser de duas semanas até que uma das duas chapas inscritas tomasse posse (as duas foram impugnadas e em um momento em que o Sindicato Nacional (ANDES) chamava paralisações e greve Geral. Para coroar, foi nesse espaço de três meses que recebemos uma cobrança de aproximadamente dois milhões de reais da Receita Federal, a título de ISS do plano de saúde, que as duas gestões anteriores tinham se recusado a pagar por entendê-la inconstitucional.

A assembleia em que os filiados foram comunicados da cobrança, lotada e com a aprovação do pagamento do retroativo em juízo, foi um festival de baixaria e agressões as diretorias, presente e as duas passadas. Uma ex-professora do IPUFU, que quase nunca vai a assembleia dirigiu-se ao corredor do anfiteatro, sem se inscrever e dirigindo a ex-diretores, eu em particular, guinchava feito uma símia: “Ladrões, bando de ladrões”, como se algum tostão lhe houvesse sido subtraído. Em 2017 a ação de inconstitucionalidade impetrada pelo sindicato foi julgada e a cobrança considerada inconstitucional. Mesmo considerando os honorários de sucumbência dos advogados, o dinheiro retido em juízo mostrou em bom investimento, em relação a poupança e foi devidamente devolvido. Nesses momentos, o sindicato é sempre maravilhoso. Eu, infelizmente, pois seria cômodo o contrário, o considero necessário. Minha função, nas

três diretorias das quais fui membro sempre desaguou em uma espécie de terapia grupal.

Sindicância e Testemunha do Ministério Público

Duas experiências atípicas na carreira universitária: presidir uma comissão de sindicância e ser testemunha do ministério público contra um cidadão do qual nunca se ouviu falar e outros, entre os quais incluem-se o reitor da universidade, três de seus procurados e alguns pró-reitores no que o ministério público considerava um formas ilegais de admissão na UFU de filhos de militares, que atestavam residência na cidade e reivindicavam vagas para esposas ou filhos. Fui arrolado como testemunha, junto com duas colegas que compunham o Colegiado da Graduação do Curso de Psicologia porque desconfiamos da irregularidade e não acatamos o ‘CUMPRA-SE’ do reitor. Uma das colegas foi inicialmente intimada como ré.

A sindicância, instituída pela portaria Portaria R nº 618 de junho de 2005 e reconduzida pela portaria R °125 de 02/02/2006 para apurar denúncia de racismo praticada por docentes do curso de Direito contra um aluno.

Nos dois casos, estava no lugar errado, na hora errada.

Coordenador Da Semana Acadêmica Da UFU

Presidi e organizei duas semanas acadêmicas da UFU, a de 2007 e a de 2008 um evento que pretendia ocupar a ‘semana do saco cheio’ no mês de outubro. Ao contrário das atividades citadas acima, foi estar na hora certa no lugar certo. De representante

voluntário no evento fui designando pela pró-reitora presidente. E o melhor, com uma espécie de carta branca e muito, mas muito pouco dinheiros mesmo.

Não disponho mais de dados, mas nas duas o número de inscritos ultrapassaram 4000 inscritos (os presentes foram em quantidades bem menor) e a solução para a falta de dinheiro veio de minha experiência apresentando trabalhos na Universidade [Mackenzie, se não me engano em 1996. Por se tratar de um evento local e eu ser um dos poucos participantes de fora, falei para um auditório lotado sobre oficinas terapêuticas. As estrelas seriam os professores da UFU, com apenas um convidado para abertura.

Com esse espírito de valorizar ‘os valores nossos’, mesas inusitadas com nomes extraídos de músicas foram formadas: sob o título de “Doce mistério da vida’, a biotecnologia foi discutida, abordando células tronco, porcos e outro tema que não lembro mais. O professor José Roberto Mineo, do Instituto de Ciências Biológicas me disse após a mesa que ela tinha o nome mais bonito de todas que ele havia participado na vida. O professor Ederaldo Lopes, do IPFU participo da mesa “que cérebro eletrônico nenhum’ ao lado do engenheiro elétrico Alcimar Barbosa discutindo inteligência artificial e se não me equivoco, chegaram a formar uma parceria de trabalho. A mais marcante de todas tratava do Riso chamava-se “Sorria meu bem, sorria’. e reuniu um dentista, um psiquiatra, um dramaturgo e um economista para discutir o riso na contemporaneidade. Imagino que tenha sido a primeira vez que um odontólogo falo para um público de mais de 300 pessoas, sobre odontologia e das quais provavelmente nenhuma era dentista. Riu-se muito, alternou-se com seriedade e concluiu-se melancolicamente com a afirmação de Keynes de que a Economia era ‘a triste ciência’. No ano seguinte o mote era a obra de Guimarães Rosa e nosso atual reitor, Walder Stefem discutiu o voar, com outro engenheiro mecânico cujo nome não

lembro e uma psicanalista do IPUFU, Maria Lúcia Castilho Romera, na mesa ‘Nas alturas de urubuir’. E eu acreditei que a UFU era de fato uma universidade.

Conclusão, ou um pretexto para encerrar

Já não sinto mais cheiro de óleo de linhaça quando adentro uma sala de aula e ainda não li Proust suficiente para dizer que o cheiro da Madeleine mergulhada no chá se perde no mofo do ambiente fechado que protege a velhice das intempéries. Mas lembro de um livro, outro pacto com o tempo, que revela a correspondência entre Proust e Gallimard. Nas folheadas que dei nesse livro, justificando o custo que ele me teve, percebo que ‘Em busca do tempo perdido’ jamais teria sido publicado tivesse o autor da obra tempo para retificar com acréscimos tudo o que escreveu. Meu memorial, que constatei ainda em sua metade como longo, poderia ser acrescido de detalhes em cada trecho de minha narrativa. E não teria fim.

Lendo, me reconheço nele e as desculpas devidas são feitas, sem autocomiseração. Relata talvez algumas escolhas erradas, mas insisto escolhas. Há uma que é um acerto: a opção pela educação. Diante dele, agora, considero que seria mais apropriado dizer a escola, na qual entrei um dia invejando minhas irmãs e acabei fazendo o necessário para nela permanecer.

Se em algum momento disse que poderia ter escolhido qualquer outra profissão, corrijo agora dizendo que poderia ter mais algumas, além de psicólogo. Ter podido até hoje estar em um curso que forma tais profissionais é uma experiência que relato com

júbilo. Se como disse recentemente uma colega em sua defesa de memorial, que ela pertencia a uma geração que só tinha uma bala na agulha, e que a escolha não podia ser equivocada, pertenço a uma geração que precisou criar essa única oportunidade.

Por isso a educação me é cara e deve ser alvo de defesa intransigente por quem ensina. Da pré-escola a universidade. Não por ser uma condição que favorece de alguma forma a empregabilidade, mas por fornecer elementos que ajudam a compreender a própria experiência e dar sentido a um mundo cada vez mais carente de tempo para repouso e contemplação, acelerada por um apelo irrefreável a visceralidade das sensações.

Particularmente a nós, professores universitários, a quem cabe a missão de produzir conhecimento para dirimir o sofrimento causado pelas questões que afligem as pessoas no dia a dia. Para nós psicólogos, em particular, para que a humanidade não se perca enquanto um projeto a se engajar e a vida construa algum sentido e possa valer a pena.

Se descrevi o objetivo desse memorial como sendo a busca de rememoração e redenção daqueles que foram apagados pela história, retomo aqui o menino que fui. Não como um apelo a meritocracia, que só considero válida se todos tiverem a mesma oportunidade, mas para simbolicamente dar lugar na história a todos outros meninos que citei e os anônimos que como eu posaram distraídos para uma máquina fotográfica sem imaginar que o destino da foto pudesse ser outro além de uma carteirinha escolar. Para que meninos, como esse que fui, e dos quais se encontra milhões semelhantes por aí, possam ter a mesma fortuna que tive e traçar um caminho como o meu.



Referências Bibliográficas

- 1- Amado, J. (1961). A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água. In: Amado, Jorge. *Os Velhos Marinheiros*. Rio de Janeiro, Livraria Martins Editora.
- 2- BACH, R. (1985). *Ilusões: as aventuras de um messias indeciso*. Rio de Janeiro, Record.
- 3- Benjamin, W. Sobre o Conceito de História. In, Benjamin, W. (1940/1994). *Obras Escolhidas: Magia e Técnica/ Arte e Política* (pp. 222-232). São Paulo, Ed. Brasiliense.
- 4- Bucher, Richard. (1989). *A psicoterapia pela fala: fundamentos, princípios, questionamentos*. São Paulo: EPU.
- 5- Duprê, Maria J. (1943). *Éramos seis*. São Paulo, Saraiva.
- 6- Brasil (1996). Presidência da República. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/Resolucoes/lei9394-2006.pdf>>. (Acessado em 7/6/2007).
- 7- Desroche, H. (1968). *O marxismo e as religiões*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

- 8- Freud, S. (1921/1974). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Rio de Janeiro, Imago.
- 9- IBGE (1990). *Estatísticas Históricas do Brasil: Séries Econômicas, Demográficas e Sociais: 1500 a 1988*. 2.a Ed. Rio de Janeiro.
- 10- Kafka, F. (1968). *O Processo*. São Paulo, Editora Tema.
- 11- Kodato, S. (1996). *O professor Profano: Crueldade Institucional*. Tese de doutorado. Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- 12- Japiassú, H. *O mito da Neutralidade Científica*. Rio de Janeiro, Imago.
- 13- Löwy, Michel. (2005) *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses sobre o conceito de História*. São Paulo: Ed. Boitempo.
- 14- Mann, T. (1968). *As confissões de Felix Klull*. São Paulo, Ed. Boa Leitura.
- 15- Mussil, R. (1978). *O Jovem Torles*. Rio de Janeiro, Rio Grafica Ed.
- 16- Nietzsche, F. (1939). *O viandante e sua sombra*. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Ed.
- 17- Perfeito, Hélvia C.C.S. (1994). *O grupo dos oito: uma leitura institucional*. Monografia defendida em curso de Especialização em Gestão em Recursos Humanos). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araguari
- 18- Politzer, G. (1976). *Crítica aos Fundamentos da Psicologia*. Lisboa, Editora Presença, Portugal.
- 19- _____. (1962) *Princípios fundamentais de filosofia*. Editora Fulgor.
- 20- Pompéia, R. (1975) *O Ateneu*. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves.
- 21- Olivienstein, Claude. (1990). *A clínica do Toxicômano: a falta da falta*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- 22- Rego, J.L. (1977) *Doidinho*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio.
- 23- Rolnik, S. (1993) *Pensamento, Corpo E Devir Uma Perspectiva Ético/ Estético/ Política No Trabalho Acadêmico*. (Palestra proferida no concurso

para o cargo de Professor Titular da PUC-SP, realizado em 23.6.1993). In <https://pt.scribd.com/document/326431434/1993-ROLNIK-Suely-Pensamento-Corpo-e-Devir>. Consultado em 16/09/2018.

24- Stevens, Wallace. *Poemas*. São Paulo, Companhia das Letras

25- Sarfatti, Gretta & Becheroni, Élvio (1980). *Modificação e apropriação de uma identidade autônoma*. Milano, Itália: Prearo Editore. (Vídeo disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qy7KGbmon_0.)

26- Seminério, F.L.P. O problema do método: limite e expansão em ciências humanas. In *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v..38(2), p 3-17., abril/junho 1986.

27- Vasconcelos, J. M. (1968). *Meu pé de laranja lima*. São Paulo, Melhoramentos.

28- Veloso, C, (1997). *Verdade Tropical*. São Paulo, Companhia das Letras.

29- Filmes:

30- Anderson, Lindsay (1968) *IF*. DVD, Col. 1h.52'

Relação das atividades desenvolvidas

Quadro das disciplinas ministrada entre 2008 e 2018.

A despeito de no documento comprobatório extraído do portal do docente da UFU contar também as atividades de estágio e de orientação de TCC, por não trazerem informações maiores que o mero registro as mesmas foram excluídas desse quadro.

2018 / 2º Semestre	PGPSI16	Atividade Orientada II
2018 / 2º Semestre	PGPSI18	Atividade Orientada IV
2018 / 2º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2018 / 2º Semestre	IPUFU39001	Psicologia do Esporte
2018 / 1º Semestre	PGPSI15	Atividade Orientada I
2018 / 1º Semestre	PGPSI17	Atividade Orientada III
2018 / 1º Semestre	PGPSI17	Atividade Orientada III
2018 / 1º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2018 / 1º Semestre	GDR011	Psicologia Jurídica
2017 / 2º Semestre	PGPSI16	Atividade Orientada II
2017 / 2º Semestre	PGPSI16	Atividade Orientada II
2017 / 2º Semestre	PGPSI20	Dissertação de Mestrado
2017 / 2º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2017 / 2º Semestre	IPUFU31532	Subjetividade e Arte
2017 / 1º Semestre	PGPSI15	Atividade Orientada I
2017 / 1º Semestre	PGPSI15	Atividade Orientada I
2017 / 1º Semestre	PGPSI20	Dissertação de Mestrado
2017 / 1º Semestre	PGPSI20	Dissertação de Mestrado
2017 / 1º Semestre	GPI094	Psicologia da Sexualidade
2017 / 1º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2016 / 2º Semestre	PGPSI18	Atividade Orientada IV
2016 / 2º Semestre 2016 / 2º Semestre	PGPSI18 PGPSI20	Atividade Orientada IV Dissertação de Mestrado
2016 / 2º Semestre	GPI032	Psicologia do Desenvolvimento III
2016 / 2º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte

2016 / 1º Semestre	PGPSI17	Atividade Orientada III
2016 / 1º Semestre	PGPSI17	Atividade Orientada III
2016 / 1º Semestre	GPI038	Avaliação Psicológica da Criança e do Adolescente
2016 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2016 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2016 / 1º Semestre	PGPSI14	Seminários de Pesquisa
2016 / 1º Semestre	GPI047	Teorias e Técnicas de Grupo
2015 / 2º Semestre	PGPSI16	Atividade Orientada II
2015 / 2º Semestre	PGPSI16	Atividade Orientada II
2015 / 2º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2015 / 2º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2015 / 2º Semestre	PGPSI13	Estágio de Docência na Graduação I
2015 / 2º Semestre	GPI042	Ética Profissional
2015 / 2º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2015 / 1º Semestre	PGPSI15	Atividade Orientada I
2015 / 1º Semestre	GPSI15	Atividade Orientada I
2015 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2015 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2015 / 1º Semestre	MP003	Estágio de docência na Graduação
2015 / 1º Semestre	GPI042	Ética Profissional
2015 / 1º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2015 / 1º Semestre	PGPSI14	Seminários de Pesquisa
2014 / 2º Semestre	MP007	Atividade Orientada 2
2014 / 2º Semestre	MP007	Atividade Orientada 2
2014 / 2º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2014 / 2º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2014 / 2º Semestre	MP003	Estágio de docência na Graduação

2014 / 2º Semestre	GPI042	Ética Profissional
2014 / 2º Semestre	GPI001	História e Sistemas em Psicologia I
2014 / 2º Semestre	GPI008	História e Sistemas em Psicologia II
2014 / 2º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2014 / 1º Semestre	MP022	Abordagens Qualitativas em Pesquisa Psicanalítica
2014 / 1º Semestre	MP006	Atividade Orientada 1
2014 / 1º Semestre	MP006	Atividade Orientada 1
2014 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2014 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2014 / 1º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2013 / 2º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2013 / 2º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2013 / 2º Semestre	IPIFU31517	Estágio Profissionalizante - II-A 210: Psicologia Clínica e Social
2013 / 2º Semestre	GPI042	Ética Profissional
2013 / 2º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2013 / 2º Semestre	GPI049	Trabalho de Conclusão de Curso I
2013 / 1º Semestre	PSC319	Complementação de Estudos de Teorias e Técnicas Psicoterápicas 1
2013 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2013 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2013 / 1º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2013 / 1º Semestre	IPIFU31532	Subjetividade e Arte
2013 / 1º Semestre	GPI044	Teorias e Técnicas Psicoterápicas I
2012 / 2º Semestre	MP007	Atividade Orientada 2
2012 / 2º Semestre	MP007	Atividade Orientada 2
2012 / 2º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2012 / 2º Semestre	MP003	Estágio de docência na Graduação

2012 / 2º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2012 / 2º Semestre	IPUFU31502	Psicopatologia da Criança e do Adolescente
2012 / 2º Semestre	MP019	Psicopatologia da Vida Contemporânea
2012 / 1º Semestre	MP006	Atividade Orientada 1
2012 / 1º Semestre	MP006	Atividade Orientada 1
2012 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2012 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2012 / 1º Semestre	GPI008	História e Sistemas em Psicologia II
2012 / 1º Semestre	MP001	Métodos de Pesquisa em Psicologia
2012 / 1º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2011 / 2º Semestre	MP007	Atividade Orientada 2
2011 / 2º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2011 / 2º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2011 / 2º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2011 / 2º Semestre	MP003	Estágio de docência na Graduação
2011 / 2º Semestre	GPI008	História e Sistemas em Psicologia II
2011 / 2º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2011 / 2º Semestre	MP019	Psicopatologia da Vida Contemporânea
2011 / 1º Semestre	MP006	Atividade Orientada 1
2011 / 1º Semestre	MP006	Atividade Orientada 1
2011 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2011 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2011 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2011 / 1º Semestre	GPI018	Epistemologia da Psicologia
2011 / 1º Semestre	PI008	História e Sistemas em Psicologia II
2011 / 1º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2011 / 1º Semestre	MP002	Seminário de Pesquisa 1

2010 / 2º Semestre	MP007	Atividade Orientada 2
2010 / 2º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2010 / 2º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2010 / 2º Semestre	GPI001	História e Sistemas em Psicologia I
2010 / 2º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2010 / 2º Semestre	PSC20	Psicopatologia Geral 2
2010 / 1º Semestre	MP006	Atividade Orientada 1
2010 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2010 / 1º Semestre	MP032	Dissertação de Mestrado
2010 / 1º Semestre	MP003	Estágio de docência na Graduação
2010 / 1º Semestre	GPI001	História e Sistemas em Psicologia I
2010 / 1º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2010 / 1º Semestre	PSC20	Psicopatologia Geral 2
2010 / 1º Semestre	MP002	Seminário de Pesquisa 1
2009 / 2º Semestre	MP007	Atividade Orientada 2
2009 / 2º Semestre	MP007	Atividade Orientada 2
2009 / 2º Semestre	GPI001	História e Sistemas em Psicologia I
2009 / 2º Semestre	GEF105	Psicologia do Esporte
2009 / 2º Semestre	PSC18	Psicologia e Arte
2009 / 1º Semestre	MP006	Atividade Orientada 1
2009 / 1º Semestre	MP006	Atividade Orientada 1
2009 / 1º Semestre	PSC02	História e Sistemas em Psicologia
2009 / 1º Semestre	PSC27	Teorias e Técnicas de Grupo
2008 / 2º Semestre	PSC02	História e Sistemas em Psicologia
2008 / 2º Semestre	PSC27	Teorias e Técnicas de Grupo
2008 / 2º Semestre	PSC26	Teorias e Técnicas psicoterápicas 1

2008 / 1º Semestre	PSC02	História e Sistemas em Psicologia
2008 / 1º Semestre	PSC18	Psicologia e Arte

Linha de Pesquisa e Projetos

1- 2014 – Atual: A Psicanálise nas ficções elaboradas pelas palavras: estudos sobre a literatura e artes discursivas.

Este é um projeto guarda-chuva, apresentado aqui de forma resumida, ao qual estão acoplados projetos de Mestrado, de Iniciação Científica e de Conclusão de Curso, além de pesquisa levada a cabo pelo autor. A partir da recomendação freudiana, a propósito da sexualidade feminina, de que os psicanalistas deveriam tentar dar conta do ‘continente negro’ representado pela mulher recorrendo aos poetas; e das investigações de psicanalistas contemporâneos, com Fraizer-Pereira, por exemplo, de que o método psicanalítico é mais próximo da literatura, do que da ciência positivistas, na medida em que os analisando vivem uma ficção que os fazem sofrer, ao que contrapõe a necessidade de construção de uma ficção elaborada no processo psicanalítico, este projeto, inclusivo de outros menores, busca investigar como os temas ligados a singularidade dos sujeitos aparecem na literatura, em particular, e em outras formas de artes nas quais o uso da palavra é elemento fundamental. Com recurso ao método da Psicanálise, se propõe a investigar o masoquismo, em sua forma contemporânea, revestido de atividade, na sexualidade feminina a partir da obra de Márcia Drenser; o tratamento dado a esse tema por Clarice Lispector, na obra “Via Crucis” ou a questão do duplo/alteridade, nos contos “O Espelho”, de Machado de Assis e o “O Outro”, de Jorge Luiz Borges. Em duas outras veredas, próximas, mas não necessariamente ligadas à literatura, investiga-se, na primeira, as representações sobre o amor, mulher e sexualidade nas letras do que se chama de música “sertaneja universitária” com a preocupação de analisar as mediações que são feitas pelas músicas consumidas atualmente no Brasil, país onde sabidamente se lê pouco e no qual a música com suas letras elaboradas, do que chama-se MPB, representava até pouco tempo o papel que a poesia tem em países europeus, por exemplo. Na segunda, o tema do riso e do humor é investigado sob uma perspectiva clínica, com recurso metodológico que recorre as percepções do investigador para capturar os sentidos produzidos pelos sujeitos. Recorre-se a isso ‘aos palhaços’ que visitam crianças adoentadas em hospitais. Outros dois trabalhos, em vias de conclusão, investigam o tratamento dado por educadores infantis às informações culturais levadas por seus alunos às salas de aula e os efeitos das representações sobre a toxicomania e os usuários de drogas sobre seus familiares. O autor do projeto desenvolve diretamente uma investigação sobre o tema a perda da experiência na obra de Walter Benjamin, em sua relação com a experiência psicanalítica, e a possibilidade dessa perda resultar, diferente do que imaginava o autor citado, em uma barbárie violenta e instrumentalizada para a violência.

Situação: Em andamento Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (3); Mestrado acadêmico (4);

Integrantes: Luiz Carlos Avelino da Silva (Responsável); ; Juliane de Oliveira Silva; Frederico Guerreiro; Luciana Donadelli; Vinícius Fonseca; Rafaela Gonçalves Silva ; Laena Jarenõ; Douglas de Castro Reis; Laila Costa; Dayele Ferreira da Silva; Cyndi Figueiredo Freitas

2- 2010 – 2014: Psicologia e Saúde Pública.

Descrição: Psicologia e Saúde Pública. O Projeto estuda fundamentalmente as novas configurações do trabalho do psicólogo na saúde pública, particularmente na atenção primária, o efeito de suas ações junto aos programas de saúde mental, mas também as outras questões que são colocadas pelos Programas de Atenção à Família e outras políticas governamentais, o que resvala e as vezes deságua em questões ligadas a formação desse profissional. A metodologia privilegia a abordagem qualitativa, sem, no entanto, se esquivar da quantificação quando o problema colocado assim o exige.

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1); Mestrado acadêmico (1);

Integrantes: Luiz Carlos Avelino da Silva (Responsável); Franciele Xavier Dias; Rafael de Melo Costa

Número de produções C,T & A: 1/

3- 2008 – 2014: Exclusão e Subjetividade

O Projeto de pesquisa em desenvolvimento foca os efeitos da exclusão social na subjetividade, incluindo-se as temáticas ligadas às deficiências, doença mental, sexualidade, minorias, trabalho informal, egressos do sistema prisional, abrigados em instituições de proteção e qualquer situação em que sujeitos humanos, portadores de uma condição intrínseca, com a qual se reconhecem e não podem modificar, ou que os coloquem em situação de estigma e exclusão, são alvo de alguma forma de violência, agressão social e desqualificação por causa dessas condições. Essa temática, além de incidir sobre pessoas, desdobra-se no estudo das representações sociais dessas situações em produtos artísticos e culturais, com o seu o impacto na subjetividade, problematizando particularmente o cinema, propaganda, redes sociais, espaço urbano e a música popular. O aporte teórico principal é a teoria psicanalítica, mas com diálogos, quando possíveis, com a psicologia sócio-histórica e a fenomenologia. Metodologicamente, caracteriza-se por pesquisas qualitativas com uso de análise do discurso ou conteúdo.

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (5); Mestrado acadêmico (3);

Integrantes: Luiz Carlos Avelino da Silva (Responsável); ; Marcelo Gonçalves de Souza; Cecília Côrtez Carvalho; Jaqueline Dantas Medeiros; Franciele Xavier Dias; Rafael de Melo Costa; Elisa Aires Rodrigues de Freitas; Rita Ferreira de Carvalho; Christiane Moura Nascimento; Christina Tavares Mota Martins; Thalita Mara dos Santos

Outros tipos de projetos

4 - 2011 – 2015. PROPET-Saúde

Descrição: Projeto PROPET-Saúde, da UFU contemplado no Edital de Convocação do Ministério da Saúde n.o 24, de 15 de dezembro de 2011, que envolve ações de Pesquisa e Extensão, no valor de 1.650.000,00, e no qual o pesquisador desenvolve o projeto "As Representações sociais de drogas e usuários entre os profissionais de saúde da Equipe da estratégia de Saúde da Família em Uberlândia, MG.

Situação: Em andamento Natureza: Outros tipos de projetos

Alunos envolvidos: Graduação (32);

Integrantes: Luiz Carlos Avelino da Silva (Responsável); Rosiane Araujo Ferreira Polido; Ricardo Wagner Machado da Silveira; Marcelle Barros

Financiador(es): Ministério da Saúde- Brasil-M.S.

Prêmios e Homenagens

2014: Melhor trabalho na área de Ciências Humanas no IV Encontro de Iniciação Científica e Tecnologia da UFU, UFU/ PIBIC CNPQ/PIBID CNPQ/PIBIC FAPEMIG/PIAIC

2010: Padrinho da 59.a Turma de Psicologia da U.F.U., formandos

2001: Padrinho da 41.a Turma de Formandos de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia., Formandos.

1999: Padrinho da 36 Turma de Psicologia da U.F.U., Formandos

1999: Professor Homenageado pela 37.a Turma de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Formandos

1998: Padrinho da 35.a Turma de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Formandos

Artigos Completos Publicados Em Periódicos

1. CORTEZ, P. A.; SOUZA, M. V. R.; AMARAL, L.O., SILVA, L. C. A. A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. *Cadernos de Saúde Pública*, 2017. Rio de Janeiro, 25(1): 113 -122.
2. ABDALA, A. T. C. P.; PROCHNO, C. C. S. C.; SILVA, L. C. A. A transmissão psíquica do fantasma patológico enquanto objeto transgeracional: uma análise do filme 'Volver'. *Ágora* (PPGTP/UFRJ), v.XX, p. 207 - 2017.
3. ABDALA, A. T. C. P.; PROCHNO, C. C. S. C.; SILVA, L. C. A. Psychic transmission of the pathological phantom as a transgenerational object: an analysis of the movie 'Volver'. *Ágora* (PPGTP/UFRJ), v. xx, p.223 - 238, 2017.
4. DIAS, F.X.; SILVA, L. C. A. Percepções dos Profissionais sobre a Atuação dos Psicólogos nas Unidades Básicas de Saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão* (Online), v.36, p.534 - 545, 2016.
5. FREIRE, J. G.; Pereira, M.E.C.; SILVA, L. C. A. A construção metapsicológica do sinthoma na obra lacaniana a partir da escrita de James Joyce. *Tempo Psicanalítico*, v.46.2, p.315 - 329, 2014.
6. COSTA, R.M.; ROMERA, M. L. C.; SILVA, L. C. A. Costura delirante de um Vestido de noiva: um exercício de interpretação psicanalítica. *Ide* (São Paulo. Impresso), v.1, p.191 - 205, 2014.
7. FREITAS, E.A. R.; SILVA, L.C.A. Escritas de si mesmo: os adolescentes e seus blogs. *Psicologia Clínica* (PUCRJ. Impresso). v.26, p.139 - 157, 2014.
8. NASCIMENTO, C.M.; SILVA, L. C. A. Sujeito Mulher: a imagem da beleza. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*., v.14, p.351 - 365, 2014.
9. XAVIER, F. T. A.; SILVA, L. C. A. A espera interrompida: a elaboração da perda pela mãe diante do óbito fetal. *Revista Perspectivas em Psicologia*, v.14, p.71 - 86, 2012.
10. VASCONCELOS, B. R.; PROCHNO, C. C. S.; SILVA, L. C. A. Lofts: Habitações para Além do Contexto Moderno. *Psicologia: Ciência e Profissão* (Impresso), v.32, p.1014 - 2012.
11. NASCIMENTO, C.M.; PROCHNO, C.C.S.; SILVA, L. C. A. O corpo da mulher contemporânea em revista. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 24 – n. 2, p. 385-404, Maio/Ago. 2012

12. SILVA, L. C. A.; ALBERTINI, P. A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida. *FRACTAL, Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 19 - n. 1, p. 37-48, Jan/Jun. 2007.
13. SILVA, L. C. A. As representações sociais preconceituosas na polêmica musical entre Noel Rosa e Wilson Batista. *Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro*. v.10, p.158 - 167, 2006.
14. SILVA, L. C. A. O humano e o trágico na sexualidade dos portadores de desvio. *Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro*, v.8, p.45 - 50, 2004.
15. SILVA, L. C. A.; LIMA, C. M. Construção e Validação de um Instrumento para Avaliação da Personalidade Sádica. *Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro*. v.2, p.41 - 47, 1999.

Livros publicados

VASCONCELOS, B.R.; **SILVA, L. C. A.** *A produção da Subjetividade pela arquitetura na contemporaneidade*. Toronto: Novas Edições Acadêmicas, 2014, v.1. p.252. (Não tem Conselho editorial)

Capítulo de livros

SILVA, L.C.A.; DIAS, F.X. Pesquisa e Serviço: o psicólogo como pesquisador no cotidiano da saúde In: Interfaces da psicologia com a Educação, a saúde e o trabalho:leituras.1 ed. Porto Velho- Rondônia: Edufro, 2014, v.01, p. 117-128

Livro aceito para publicação

“A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida”, pela editora Appris, em 09/03/2017. (trata-se de minha tese de doutorado em processo de transformação em livro e com capítulo inédito com revisão bibliográfica sobre o tema).

Artigo aceitos para publicação

Os sujeitos egressos prisionais e o processo de (re)inserção social em Uberlândia; em co-autoria com Thalita Mara Santos, pela revista, Psicologia em Revista, da PUC Minas, em 02/06/2016

Trabalhos completos publicados em anais de congressos.

- 1- Publicação do trabalho “O papel do psicólogo na equipe das Unidades Básicas de Saúde de Uberlândia: a visão da equipe”. 2011.
- 2- Publicação do trabalho “O preto que você gosta ou o negro que você quer? Um estudo sobre as representações da negritude na obra de Caetano Veloso” nos anais da Associação Brasileira de Psicologia Social. 2010.
- 3- Publicação do trabalho” Construção grupal de um projeto educativo a partir de uma peça teatral infantil” nos anais do XV Encontro Nacional da Abrapso. 2009.
- 4- Publicação do trabalho “A experiência de desqualificação social em homens homossexuais” nos anais do XV Encontro Nacional da Abrapso. 2009.
- 5- Publicação do trabalho “A sexualidade masculina e a paraplegia: um estudo de caso” nos anais do III Seminário Internacional de pesquisa e estudos qualitativos em psicologia. 2006.

Resumos publicados em anais de congressos

- 1- Publicação do resumo “Sentidos e aspectos terapêuticos na intervenção de palhaços visitantes” no XIX Encontro Nacional da ABRAPSO. Novembro/2017.
- 2- Publicação do resumo “(De)Formações: da constituição histórica de um curso de psicologia à formação profissional do psicólogo” no XIX Encontro Nacional da ABRAPSO. Novembro/2017.
- 3- Publicação do resumo “A saúde no trabalho docente: uma revisão sistemática de literatura” nos anais da 67ª Reunião Anual da SBPC. 2014.
- 4- Publicação do resumo “Ensino, pesquisa e serviço: fragmentos de uma experiência no PET Saúde” nos anais da 5ª Conferência Internacional de Psicologia Comunitária. Setembro/2014.
- 5- Publicação do resumo “Igrejas inclusivas LGBTT e a luta contra a intolerância religiosa” da Associação Brasileira de História das Religiões - ABHR. Outubro/2013.
- 6- Publicação do resumo “A percepção de alunos e professores sobre o bullying: descrição das representações sobre o fenômeno” nos anais do XVII Encontro da ABRAPSO. 2013.
- 7- Publicação do resumo “Conjugalidade e mídia impressa: as faces da relação marido-mulher no Jornal Tudo Já” nos anais do XVII Encontro da ABRAPSO. 2013.
- 8- Publicação do resumo “A representação do trabalho dos psicólogos pelos profissionais das Unidades Básicas de Saúde” nos anais da Psicologia da saúde.
- 9- Publicação do resumo “O psicólogo na estratégia de saúde da família: relato de experiência de estudantes de psicologia no programa de educação pelo trabalho para a saúde – pet saúde.”
- 10- Publicação do resumo “Arte e espaço urbano: transformações dos signos na arte tumular” nos anais do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO. 2008.
- 11- Publicação do resumo “A pessoa com deficiência física adquirida diante das próprias representações sobre a deficiência anteriores a sua lesão” nos anais do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO. 2008.

- 12- Publicação do resumo “Na representação do eleitor na propaganda eleitoral gratuita” nos anais da III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais. 2008.
- 13- Publicação do resumo “A arte e cultura como proposta de humanização do ensino universitário: relato de uma experiência de intervenção grupal” no III Congresso Brasileiro Psicologia: ciência e profissão. Outubro/2007.
- 14- Publicação do resumo “A sexualidade masculina e a paraplegia: um estudo de caso” nos anais do III Seminário Internacional de pesquisa e estudos qualitativos em psicologia. 2006.
- 15- Publicação do resumo “Um caso de esquizofrenia: uma leitura winnicottiana”.
- 16- Publicação do resumo “As representações preconceituosas na polêmica musical entre Noel Rosa e Wilson Batista” do II Congresso Brasileiro Psicologia: ciência e profissão. Outubro/2006.
- 17- Publicação do resumo “Sexualidade e deficiências: a masculinidade diante da lesão medular” do II Congresso Brasileiro Psicologia: ciência e profissão. Outubro/2006.

Orientações de Mestrado Concluídas

1. Christiane Moura Nascimento. **Entre a queima e o que consome: a chama-da publicidade às mulheres**. 2011. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) - Instituto de Psicologia da UFU
2. Rita Ferreira de Carvalho. **Fragmentos de um cotidiano abrigado: a institucionalização da sexualidade**. 2011. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) - Instituto de Psicologia da UFU.
3. Bruno Ricardo Vasconcelos. **”A produção de subjetividade pela arquitetura contemporânea: o loft”**. 2012. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) - Instituto de Psicologia da UFU.
4. Damí da Silva “Entre-lugares e entre tempos: cartografias de um acompanhamento terapêutico. (orientação parcial até a qualificação, entre 01/03/2011 a 20/09/2012) (PGPSI-UFU).
5. Carlos Antônio dos Santos Segundo. **“Encontro, condução e constura: a f(r)icção entre diretor e ator social nos documentários”**. 2011. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) - Instituto de Psicologia da UFU.
6. Christina Tavares Mota Martins. **“Análise de uma história de armadilhas: A Psicologia judicial e o adolescente acolhido institucionalmente até a maioridade”**. 2014. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) - Instituto de Psicologia da UFU.
7. Thalita Mara dos Santos. **“Os sujeitos egressos prisionais: o retorno à liberdade e a (re) inserção social”**. 2014. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) - Instituto de Psicologia da UFU
8. Laena Guilherme de Oliveira. **“Entre batuques e brinquedos: o trabalho de professores da educação infantil no acolhimento das vivências culturais das crianças”**. 2016. Dissertação (Progama de Pós- graduação em Psicologia - UFU) - Instituto de Psicologia -UFU.
9. Frederico Guerreiro Ferreira. **“Internação Involuntária e o abuso de Substâncias Psicoativas - O Pathos de um familiar”**. 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) - Instituto de Psicologia da UFU.

10. Luciana Macedo Donadeli. **“O feminino na escrita de Clarice Lispector: a Via Crucis do corpo”**. 2017. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) - Instituto de Psicologia da UFU.
11. Rafaela Gonçalves Silva. **“O feminilidade, Erotismo e Literatura: os impasses na busca do prazer na obra de Márcia Denser, 2017**. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) - Instituto de Psicologia da UFU.

Orientações de Mestrado em processo

12. Dayeli F. Ferreira Silva (**orientação parcial**) entre 06/03/2017 a 14/05/2018). (Programa de Pós-graduação em Psicologia – Mestrado) UFU.
13. Juliane de Oliveira Silva- **desde 06/03/2017 até atualmente**, com defesa prevista para dezembro de 2018. (Programa de Pós-graduação em Psicologia – Mestrado) UFU.
14. Cindy Figueiredo Freitas. (em processo, desde 05/03/2018) (Programa de Pós-graduação em Psicologia – Mestrado) UFU

Mestrado – co-orientação

15. Elisa Aires Rodrigues de Freitas. **Meu corpo sabe ler, mas minha alma escreve” - os adolescentes e seus blogs**. 2010. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) - Instituto de Psicologia da UFU.
16. Anna Thereza Carneiro Abdala. **“Os processos de transmissão psíquica e a violência sexual incestuosa: uma análise do filme “Volver”**. 2013 PGPSI-UFU.

Orientação de Monografias de Cursos de Especialização e Residência

- 1- Orientação de Fábia Tunísia Alves Xavier. Trabalho: A espera Interrompida: a elaboração da perda pela mãe diante do óbito fetal. 2011. Monografia (Programa em Residência Multiprofissional em Saúde) - Faculdade de Medicina da UFU - MG.
- 2- Orientação de Thais da Silva Pereira. Trabalho: Urgências do Psiquismo: Que lugar é esse? 2011. Monografia (Programa em Residência Multiprofissional em Saúde) - Faculdade de Medicina da UFU - MG.
- 3- Ana Maria Alves Campos. Da orientação vocacional a escolha profissional. 2007. Monografia (Especialização em Clínica Psicanalítica) - Instituto de Psicologia da UFU.
- 4- Ailda Maria do Nascimento. Do trauma em Freud ao trauma cumulativo em Khan: a experiência de Frifa Kahlo. 2007. Monografia (Especialização em Clínica Psicanalítica) - Instituto de Psicologia da UFU.
- 5- Orientação de Telma Rodrigues Batista Silva, no trabalho. Investimentos afetivos maternos em crianças com paralisia cerebral. 2007. Monografia (Especialização em Clínica Psicanalítica) - Instituto de Psicologia da UFU.
- 6- Lilian Aires Mesquita Campos. A contratransferência na psicoterapia com crianças. 2007. Monografia (Especialização em Clínica Psicanalítica) - Instituto de Psicologia da UFU.
- 7- Orientação de Carmi Machado Cavalcante no trabalho “Adolescentes em conflito com a Lei: implicações com a psicopatía, a toxicomania e a perversão. 2007. Monografia (Especialização em Clínica Psicanalítica) - Instituto de Psicologia da UFU.

Orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso

Graduação em Psicologia

- 1- Orientação do trabalho de conclusão de curso do aluno Vinícius Eduardo Martino Fonseca denominado “A Psicanálise na obra de Machado de Assis”. Setembro de 2018. IPUFU.
- 2- Orientação de Marília Pereira Cadima denominado “O Sintoma Social na Contemporaneidade e as influências da Globalização e Narcisismo na Subjetividade”. Agosto de 2018. IPUFU.
- 3- Orientação de Douglas de Castro Reis no trabalho denominado “O corpo do ator: interlocuções entre Reich e Grotowski. 2017. IPUFU.
- 4- Orientação de Morgana Tavares Moreira no trabalho de TCC denominado “O Sofrimento Psíquico em Estudantes Universitários: Uma revisão Bibliográfica. Outubro de 2017. IPUFU.
- 5- Orientação de Laila Gonçalves Rosa Costa no trabalho de TCC denominado “O sentido da Tatuagem na Contemporaneidade: Uma Revisão Sistemática”. Julho de 2017. IPUFU.
- 6- Orientação do trabalho de conclusão de curso da aluna Juliane de Oliveira Silva “Capacitação docente e a formação do psicólogo: O caso do Instituto de psicologia da Universidade Federal de Uberlândia”. Julho/2015. IPUFU.
- 7- Orientação do trabalho de conclusão de curso da aluna Juliana Felício da Fonseca “A temática da morte no contexto escolar: uma revisão bibliográfica”. Julho/2015. IPUFU.
- 8- Orientação do trabalho de conclusão de curso da aluna Anna Carolina Terássi “Desvantagens sociais da família de usuários de drogas: uma revisão sistemática”. Julho/2015. IPUFU.
- 9- Orientação do trabalho de conclusão de curso da aluna Mariana Vieira da Cunha “O conceito de performatividade na produção acadêmica sobre a homossexualidade feminina”. Julho/2015. IPUFU.
- 10- Orientação do trabalho de conclusão de curso da aluna Laura Oliveira Amaral “Depressão pós-parto e a prevenção em atendimentos grupais em instituições de saúde. Uma revisão de literatura”. Fevereiro/2015. IPUFU.
- 11- Orientação do trabalho de conclusão de curso do aluno Rafael Venturini da Silva “As mulheres apaixonadas pelo maníaco do parque: um estudo de caso”. Julho/2015. IPUFU.

Graduação em Educação Física

- 12- Orientação do trabalho de conclusão de curso do aluno Vitor Macedo Borges “Preconceitos em relação ao futebol feminino: uma revisão bibliográfica”. Dezembro/2015. FAEFI.
- 13- Orientação do trabalho de conclusão de curso do aluno Lucas Daniel Basto Santos “Fatores que influenciam no cuidado e adesão de obesos ao treinamento físico”. Fevereiro/2015. FAEFI.
- 14- Orientação do trabalho de conclusão de curso do aluno Guilherme Vinícius Machado Araújo “Imagem corporal associada ao distúrbio do transtorno dismórfico muscular, vigorexia ou complexo de adônis: uma revisão sistemática”. Agosto/2014. FAEFI.
- 15- Orientação do trabalho de conclusão de curso do aluno Vinícius Pinhal Alves “A motivação para aprender em alunos de um curso de Educação Física”. Fevereiro/2014. FAEFI.
- 16- Orientação do trabalho de conclusão de curso do aluno Thiago Dias “Revisão sistemática sobre a motivação para a prática da musculação”. Setembro/2013. FAEFI.
- 17- Orientação do trabalho de conclusão de curso do aluno Denner Silva “A busca do estrelato? A motivação das crianças nas escolinhas de futebol”. Setembro/2013. FAEFI.
- 18- Orientação do trabalho de conclusão de curso do aluno Vitor José Vilela Trindade “O estresse e as influências no desempenho de jogadores de futsal: uma visão da psicologia do esporte”. Outubro/2012. FAEFI.

Orientações de Iniciação Científica.

- 1- Orientação do trabalho de Iniciação Científica de Matheus Santos Sousa “O Pathos e o riso na atuação de palhaços em situações de saúde”. Projeto cadastrado sob o nº PIVICCNQ2016-HUM003. Agosto de 2016 a março de 2017. Instituto de Psicologia-IPUFU.
- 2- Orientação do trabalho de Iniciação Científica de André Lemos de Souza “O Pathos e o riso na atuação de palhaços em situações de saúde”. Projeto cadastrado sob o nº PIVICCNQ2016-HUM006. Agosto de 2016 a Março de 2017. Instituto de Psicologia-IPUFU.
- 3- Orientação do trabalho de Iniciação Científica de Juliane de Oliveira Silva “Capacitação docente e a formação do psicólogo: A constituição histórica de um curso de psicologia”. Projeto cadastrado sob o nº CNPQ2014-HUM025. Agosto/2014 a Julho/2015. Instituto de Psicologia-IPUFU.
- 4- Orientação do trabalho de Iniciação Científica de Laura Oliveira Amaral “O sofrimento docente: uma investigação das dinâmicas de saúde-trabalho com professores da rede municipal de ensino básico em Uberlândia”. Projeto cadastrado sob o nº PIAI CNPq2013-HUM014. Agosto/2013 a Julho/2014. Instituto de Psicologia-IPUFU
- 5- Orientação do trabalho de Iniciação Científica de Pedro Afonso Cortez “O sofrimento docente: uma investigação das dinâmicas de saúde-trabalho com professores da rede municipal de ensino básico em Uberlândia”. Projeto cadastrado sob o nº CNPQ2013-HUM018. Agosto/2013 a Julho/2014. Instituto de Psicologia-IPUFU.
- 6- Orientação do trabalho de Iniciação Científica de João Camilo de Souza Júnior “Masculinidade aditivada: recursos utilizados por homens jovens adultos para acobertar o vazio representacional da masculinidade”. Projeto cadastrado sob o nº CNPQ2012-HUM068. Novembro/2012 a Julho/2013. Instituto de Psicologia-IPUFU.
- 7- Orientação do trabalho de Iniciação Científica de Mak Alisson Borges de Moraes “A percepção de alunos e professores sobre o “bullying”: Uma descrição das representações sobre o fenômeno, sua diferenciação de comportamentos típicos e formas locais de manifestação. Projeto cadastrado sob o nº CNPQ2011-HUM060. Agosto/2011 a Julho/2012. Instituto de Psicologia-IPUFU.
- 8- Orientação do trabalho de Iniciação Científica de Franciele Xavier Dias. “O papel do psicólogo na equipe das unidades básicas de saúde de Uberlândia: a visão da equipe”. Projeto cadastrado sob o nº PIBIC-PIAC-G 086/2009. Agosto/2009 a Julho/2010. Instituto de Psicologia-IPUFU.

- 9- Orientação do trabalho de Iniciação Científica de Rafael de Melo Costa “O papel do psicólogo na equipe das unidades básicas de saúde de Uberlândia: a visão da equipe”. Projeto cadastrado sob o nº PIBIC-PIAC-G 086/2009. Agosto/2009 a Julho/2010. Instituto de Psicologia-IPUFU.
- 10- Orientação do trabalho de Iniciação Científica de Christiano Mendes de Lima “O sadismo na vida cotidiana: construção, validade de um instrumento para avaliação da personalidade sádica”. Projeto cadastrado sob o nº 260/96. Instituto de Psicologia-IPUFU.
- 11- Orientação do trabalho de Iniciação Científica de Geórgia Guidoni Scaranello e Liliana Bullamah Stoll “AIDS e comportamento sexual em uma amostra com nível de instrução primária”. Projeto cadastrado sob o nº 119/95. Instituto de Psicologia-IPUFU.

Outras Orientações: PIBEG – Programa Institucional de bolsas do Ensino de Graduação

1. Orientação das discentes Anna Thereza C. Pinto Abdala, Cecília Cortes Carvalho, Ivonete Aparecida Pereira e Taciana Alves de Souza, no projeto ***“Tapetão de Retalhos Culturais: construção de uma proposta cultural no Centro de Convivência a partir dos agentes existentes no corpo discentes dos cursos”***, entre 01/08/09 a 31/12/09
2. Orientador das acadêmicas Marília Carneiro Fernandes e Renata Ferreira de Ávila, do curso de Psicologia, no projeto ***“Ampliando o contato dos alunos de graduação na UFU com conteúdos práticos em relação às Deficiências Humanas”***, entre 01/10/2008 a 30/09/2009
3. Orientador da discente Ana Carolina Santos Moraes no projeto ***“Aspectos Subjetivos em Estudantes de Educação Física diante da Deficiência Física Congênita ou Adquirida”***, em 2005 – Atestada pelo relatório final do trabalho.

Tutorias.

- 1- **Tutor do Programa de Educação pelo Trabalho pela Saúde- (PET Saúde),** com o desenvolvimento de tutoria, pesquisa e atividades de extensão, entre 2011 a 2014. Projeto contemplado com recursos da ordem de 1.650.000,00 reais.

- 2- **Tutor do Programa de Residência Multidisciplinar em Saúde da UFU** em Tutoria da Psicologia na Atenção em Urgências e Emergência (R2) – uma hora semanal, tendo como orientanda Fabia Tunísia Alves Xavier e Thaís da Silva Pereira.

Participações em Congressos com apresentação de trabalhos

Mesas redonda e simpósios

- 1- Participação na 5ª Conferência Internacional de Psicologia Comunitária na qualidade de autor da mesa redonda “Formação, pesquisas e comunidade no contexto da saúde”. Setembro/2014. Fortaleza.
- 2- Participação no 1º Simpósio Sudeste da ABHR como coordenador do grupo de trabalho “Igrejas inclusivas LGBTT e a luta contra a intolerância religiosa”. Outubro/2013. São Paulo.
- 3- Participação no I Simpósio de Pesquisa em Psicologia da Saúde promovido pelo PGPSI-UFU, com a apresentação do trabalho “Ensino, pesquisa e serviço: fragmentos de uma experiência no PET Saúde”. Março/2013. Uberlândia.
- 4- Participação na XL Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia como coordenador do simpósio “O papel mediador da arte na formação do psicólogo. Cultura como recurso, ensino como meta”. Outubro/2010. Curitiba.
- 5- Participação no Projeto A ciência da psicanálise e suas construções como coordenador da mesa “Loucura e Psicanálise”.PGPSI-UFU. Dezembro/2009. Uberlândia.
- 6- Participação na XXXIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia como coordenador da mesa “A família que machuca e a família que afaga: a homossexualidade e as novas formas de parentalidade”. Outubro/2009. Goiânia.
- 7- Participação no 16º Encontro regional da ABRAPSO Minas com apresentação do trabalho “A arte tumular e a produção de sentidos” em mesa redonda. Agosto/2008. Uberlândia.
- 8- Participação na IV Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia como coordenador da mesa “Sorria meu bem, sorria”. Outubro/2007. Uberlândia.
- 9- Participação na III Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia compondo a mesa “Minorias: Qual é a sua? Diálogos Interativos sobre a exclusão Social e a Subjetividade”. Agosto/2006. Uberlândia.
- 10- Participação no III Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos e V Encontro de Fenomenologia e Análise do Existir com apresentação do trabalho “A sexualidade masculina e a paraplegia: um estudo de caso”. Julho/2006. São Bernardo do Campo.

- 11- Participação na 11ª Reunião Anual da SPTM como coordenador da mesa “Psicologia Clínica II. Setembro/1996. Uberlândia.

Comunicação oral e pôster

- 12- Participação no XIX Encontro Nacional da ABRAPSO, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, em 2017, com a apresentação do trabalho “(De)Formações: da constituição histórica de um curso de psicologia à formação profissional do psicólogo, como Comunicação Oral.
- 13- Participação no XIX Encontro Nacional da ABRAPSO, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, em 2017, com a apresentação do trabalho “Sentidos e Aspectos terapêuticos na intervenção de palhaços visitantes”, como Comunicação Oral.
- 14- Participação no XVII Encontro Nacional da ABRAPSO com a apresentação da comunicação oral “Conjugalidade e Mídia impressa: as faces da relação marido-mulher no Jornal Tudo Já”. Outubro/2013. Florianópolis.
- 15- Participação no XVII Encontro Nacional da ABRAPSO com a apresentação da comunicação oral “A percepção de alunos e professores sobre o bullying”. Outubro/2013. Florianópolis.
- 16- Participação no VII Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos “Psicanálise com arte: Clínica e Cultura” com apresentação do trabalho “Entre a queima e o que consome: a chama-da publicidade às mulheres”. Junho/2013. São Paulo.
- 17- Participação no XVI Encontro Nacional de Psicologia Social da ABRAPSO com a apresentação da comunicação oral “A homossexualidade como descoberta, o amor como projeto”. Novembro/2011. Recife.
- 18- Participação no XVI Encontro Nacional de Psicologia Social da ABRAPSO com a apresentação do pôster “Fragmentos de um cotidiano abrigado: a institucionalização da sexualidade”. Novembro/2011. Recife.
- 19- Participação no XVI Encontro Nacional de Psicologia Social da ABRAPSO com a apresentação da comunicação oral “Entre a queima e o que consome: a chama-da publicidade às mulheres”. Novembro/2011. Recife.
- 20- Participação no XVI Encontro Nacional de Psicologia Social da ABRAPSO com a apresentação da comunicação oral “O papel do psicólogo na equipe das Unidades Básicas de Saúde de Uberlândia: a visão da equipe”. Novembro/2011. Recife.

- 21- Participação na XL Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia com apresentação do trabalho “As representações sociais nos produtos culturais como recurso para o estudo da subjetividade”. Outubro/2010. Curitiba.
- 22- Participação no III Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão com apresentação do pôster “A arte e cultura como proposta de humanização do ensino universitário: relato de uma experiência de intervenção grupal”. setembro/2010. São Paulo.
- 23- Participação no III Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão com apresentação do pôster “As representações da beleza negra na obra de Caetano Veloso”. Setembro/2010. São Paulo.
- 24- Participação no II Congresso Brasileiro Psicologia da Saúde com apresentação do painel/pôster “O psicólogo na estratégia de saúde da família: relato de experiência de estudantes de psicologia no programa de educação pelo trabalho para a saúde – pet saúde”. Agosto/2010. Uberlândia.
- 25- Participação no II Congresso Brasileiro Psicologia da Saúde com apresentação do painel/pôster “A representação do trabalho dos psicólogos pelos profissionais das Unidades Básicas de Saúde”. Agosto/2010. Uberlândia.
- 26- Participação no IV Encontro Nacional de Educação, Saúde e Culturas Populares com apresentação do pôster “A visão da equipe multiprofissional sobre a atuação do profissional de psicologia nas unidades básicas de saúde”. Agosto/2010. Uberlândia.
- 27- Participação no Projeto A ciência da psicanálise e suas construções com apresentação do trabalho “Voar sem asas... nas alturas do urubuir: sonhos guardados”.PGPSI-UFU. Dezembro/2009. Uberlândia.
- 28- Participação no Projeto A ciência da psicanálise e suas construções como parecerista ad hoc.PGPSI-UFU. Dezembro/2009. Uberlândia.
- 29- Participação na XXXIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia com a apresentação do trabalho “A família que machuca e a família que afaga: a homossexualidade e as novas formas de parentalidade”. Outubro/2009. Goiânia.
- 30- Participação na XXXVIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia com apresentação do trabalho “A masculinidade representada e o homem como desvio”. Outubro/2008. Uberlândia.
- 31- Participação na V Semana Acadêmica e IV Semana do Servidor da Universidade Federal de Uberlândia como coordenador da atividade “Cine Pipoca: relançamento e debate do filme Querô”. Outubro/2008. Uberlândia.

- 32- Participação na V Semana Acadêmica e IV Semana do Servidor da Universidade Federal de Uberlândia na direção da performance “Educação para a cidadania: Os meninos e as meninas lá da escola contra os perversos mosquitos do Dengue futebol clube”. Outubro/2008. Uberlândia.
- 33- Participação na V Semana Acadêmica e IV Semana do Servidor da Universidade Federal de Uberlândia como coordenador do debate no lançamento do filme Querô”. Outubro/2008. Uberlândia
- 34- Participação no 16º Encontro regional da ABRAPSO Minas como coordenador do Grupo de Trabalhos. Agosto/2008. Uberlândia.
- 35- Participação no XIV Encontro Nacional da ABRAPSO com a apresentação do trabalho “A pessoa com deficiência física adquirida diante das próprias representações sobre a deficiência anteriores a sua lesão”. Outubro/2007. Rio de Janeiro.
- 36- Participação no II Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão com apresentação do pôster “As representações preconceituosas na polêmica musical entre Noel Rosa e Wilson Batista”. Setembro/2006. São Paulo.
- 37- Participação no II Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão com apresentação do pôster “Sexualidade e deficiências: a masculinidade diante da lesão medular”. Setembro/2006. São Paulo.
- 38- Participação no III Encontro de Acompanhantes terapêuticas de Uberlândia e Região com apresentação oral do trabalho “Um caso de esquizofrenia: uma leitura winnicottiana”. Julho/2006. Uberlândia
- 39- Participação no II Encontro de Nacional educação, saúde e cultura populares com apresentação do trabalho em painel “Arte e subjetividade”. Junho/2006. Uberlândia
- 40- Participação no IV Ressonâncias em Uberlândia com apresentação da comunicação oral “O consumo de substâncias psicoativas: fundamentos históricos e motivacionais”. Dezembro/2003. Uberlândia
- 41- Participação no I Encontro Regional sobre qualidade de vida e desenvolvimento humano com apresentação do trabalho “As representações preconceituosas na polêmica musical entre Noel Rosa e Wilson Batista”. Novembro/2001. Uberlândia
- 42- Participação no X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social com apresentação do trabalho “Oficinas terapêuticas e o cuidado de pacientes psicóticos e neuróticos graves”. Outubro/1999. São Paulo.

- 43- Participação no X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social com apresentação do trabalho “Construção e validação de um instrumento para avaliação da personalidade sádica”. Outubro/1999. São Paulo.
- 44- Participação na IV Reunião Anual da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro com apresentação do trabalho “Uso da escultura e da música no atendimento de pacientes com manifestações psicóticas”. Novembro/1998. Uberlândia.
- 45- Participação na IV Reunião Anual da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro com apresentação do trabalho “É uma cor moderna, assim, que eles usam: imagens de uma oficina terapêuticas”. Novembro/1998. Uberlândia.
- 46- Participação no I Encontro sobre Psicologia Clínica Mackenzie com apresentação do trabalho na sessão de comunicação “Imagens de uma oficina terapêutica: tentativa de re-elaboração do sinistro”. Maio/1997. São Paulo.
- 47- Participação no I Encontro sobre Psicologia Clínica Mackenzie com apresentação do trabalho na sessão de comunicação “Atendimento de famílias e oficinas terapêuticas: em busca de novas interconexões”. Maio/1997. São Paulo.
- 48- Participação na X Semana Científica de Psicologia com apresentação do trabalho “A oficina passeia na praça”. Abril/1997. Uberlândia.
- 49- Participação na II Reunião Anual da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro com apresentação do trabalho “Atendimento de famílias e oficinas terapêuticas: em busca de novas interconexões”. Setembro/1996. Uberlândia.
- 50- Participação na II Reunião Anual da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro com apresentação do trabalho “O abandono precoce do tratamento psicoterápico em usuários de substâncias psicoativas”. Setembro/1996. Uberlândia.
- 51- Participação na 11ª Reunião Anual da SPTM com a apresentação do trabalho “As possibilidades de atuação do psicólogo clínico no contexto hospitalar”. Setembro/1996. Uberlândia.
- 52- Participação na 11ª Reunião Anual da SPTM com a apresentação do trabalho “O abandono precoce do tratamento psicoterápico em usuários de substâncias psicoativas”. Setembro/1996. Uberlândia.
- 53- Participação na 11ª Reunião Anual da SPTM com a apresentação do trabalho “Alcoolismo- Etiopatogenia relacionada aos distúrbios anti-social de personalidade e a depressão”. Setembro/1996. Uberlândia.

- 54- Participação na 11ª Reunião Anual da SPTM com a apresentação do trabalho “AIDS e comportamento sexual em uma amostra com nível de instrução primária”. Setembro/1996. Uberlândia.
- 55- Participação no II Congresso Brasileiro de Terapia Familiar com apresentação do trabalho “Atendimento de famílias e oficinas terapêuticas: em busca de novas interconexões”. Agosto/1996. Gramado.
- 56- Participação no 3º Seminário de Extensão – Conhecimento e Reconhecimento da Extensão – Universidade e Sociedade com apresentação do trabalho na comunicação oral “Atendimento a usuários de substâncias psicoativas”. Outubro/1995. Uberlândia.
- 57- Participação no 3º Seminário de Extensão – Conhecimento e Reconhecimento da Extensão – Universidade e Sociedade com apresentação do trabalho na qualidade de co-autor “Oficinas terapêuticas: trilhando e re-criando horizontes”. Outubro/1995. Uberlândia.
- 58- Participação no 3º Seminário de Extensão – Conhecimento e Reconhecimento da Extensão – Universidade e Sociedade com apresentação na mostra – do trabalho “Momentos... Extratos de uma oficina Terapêutica”. Outubro/1995. Uberlândia.
- 59- Participação no II Congresso de Ciências Humanas Letras e Artes com apresentação da comunicação coordenada “Oficinas terapêuticas: trilhando e re-criando horizontes”. Maio/1995. Uberlândia.
- 60- Participação no II Congresso de Ciências Humanas Letras e Artes com apresentação da comunicação coordenada “A questão do método nas ciências”. Maio/1995. Uberlândia.
- 61- Participação no V Encontro Regional dos Estudantes de Psicologia com apresentação do trabalho na forma de comunicação coordenada “Oficinas terapêuticas: trilhando e re-criando horizontes”. Maio/1995. São Paulo.
- 62- Participação na I Semana de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Uberlândia com apresentação do trabalho na forma oral “Oficinas terapêuticas: prefaciando modelos de intervenção alternativa no campo da psicologia e contribuições da agronomia na saúde mental”. Outubro/1994. Uberlândia.

Palestras

- 1- Ministrou a palestra “A violência como reafirmação do masculino”, no espaço de Formação Continuada. Outubro/2014. Uberlândia.
- 2- Ministrou a palestra “A língua das mariposas”, realizada pela Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia. Julho/2014. Uberlândia.
- 3- Ministrou a palestra “A arte e a subjetividade: as representações que contam os sujeitos” no V Ciclo de Estudos do curso de psicologia. Agosto/2011. Franca.
- 4- Ministrou a palestra “Se sabemos, por que não mudamos? O que se ganha com a educação ambiental” na II Semana de conscientização sobre os resíduos de serviços de saúde do Noroeste de Minas. Outubro/2008. Unaí.
- 5- Ministrou a palestra “As seringas descartadas e o seu reaproveitamento por usuários de substâncias psicoativas: os riscos à saúde” na I Semana de conscientização sobre os resíduos de serviços de saúde do Noroeste de Minas. Outubro/2007. Unaí.
- 6- Ministrou a palestra “Saber viver, saber morrer. Educando para a morte” na I Jornada de Doença Renal Crônica da Nefroclínica de Unaí. Dezembro/2006. Unaí.
- 7- Ministrou a palestra “A arte, subjetividade e a tentativa de eternizar um sentido: a escultura na XII Reunião Anual da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro. Novembro/2006. Uberlândia.
- 8- Ministrou a palestra “O programa de saúde mental em Uberlândia-MG: histórias, práticas e perspectivas” na XII Reunião Anual da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro. Novembro/2006. Uberlândia.
- 9- Ministrou a palestra “Sexualidade e deficiência” na X Reunião Anual da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro. Agosto/2004. Uberaba.
- 10- Ministrou a palestra “American Pai” no III Encontro de Psicanálise da clínica Freudiana. Junho/2002. Uberlândia.
- 11- Ministrou a palestra “Sexualidade Feminina na Música Popular Brasileira” na II Semana de Psicologia da UEMG. Setembro/2000. Ituiutaba.
- 12- Ministrou a palestra “A sexualidade feminina: entre a psicanálise e os poetas” na V Reunião anual da S.P.T.M. Outubro/1999. Uberlândia.

- 13- Ministrou a palestra “Como trabalhar com o dependente químico em sala de aula?” na disciplina Projeto Integrado de Prática Pedagógica do Curso de Ciências Biológicas. Outubro/1999. Uberlândia.
- 14- Ministrou a palestra “A histeria e a dependência: entre a falta e a panaceia” no I Encontro da Clínica Freudiana. Julho/1999. Uberlândia.
- 15- Ministrou a palestra “As manifestações perversas na relação professor-aluno”. Novembro/1998. Uberlândia.
- 16- Ministrou a palestra “A questão da toxicomania” na disciplina Estudos de Problemas Brasileiros 1 e 2 do Curso de Psicologia da UFU. Novembro/1995. Uberlândia.
- 17- Ministrou a palestra “`Psicologia: ciência, profissão e mercado de trabalho” no Práxis pré-vestibulares. Janeiro/1995. Uberlândia.
- 18- Ministrou uma palestra sobre adolescência na Escola Estadual Bueno Brandão. Junho/1994. Uberlândia

Minicursos ministrados em eventos

- 1- Ministrou o minicurso “Dependência química – outros olhares” na V Semana Acadêmica e IV Semana do Servidor da Universidade Federal de Uberlândia. Outubro/2008. Uberlândia.
- 2- Ministrou o minicurso “O adoecer psíquico do educador” do projeto A psicologia na escola: contribuições para o cotidiano pedagógico da Faculdade de Psicologia da UFU. Abril/2005. Uberlândia.
- 3- Ministrou o minicurso “O amor e as diferenças” no I Encontro Regional sobre qualidade de vida e desenvolvimento humano. Novembro/2001. Uberlândia.
- 4- Ministrou o minicurso “A sexualidade feminina: entre a psicanálise e os poetas” na V Reunião Anual da S.P.T.M. Outubro/1999. Uberlândia.
- 5- Ministrou o minicurso “As transformações da histeria” no V Encontro Regional dos Estudantes de Psicologia. Abril/1995. Uberlândia.
- 6- Ministrou o minicurso “Introdução ao Estudo das Toxicomanias” no II Simpósio Científico Cultural: Práticas e Saberes PSI. Novembro/1994. Uberlândia;

Organização de eventos

- 1- Organizador do debate com Miriam Chnaiderman e apresentação do filme “de gravata e unha vermelha”. Março/2017. Uberlândia.
- 2- Membro da comissão científica organizadora do IV Seminário de Psicologia, do Mestrado Acadêmico e da Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia. Setembro/ 2014. Porto Velho.
- 3- Membro da comissão organizadora do Seminário “Cuidando de quem ensina: escuta do sofrimento psíquico dos professores” pela Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia. Julho/ 2014. Uberlândia.
- 4- Organizador da palestra “Família, Violência e articulação de rede” para os alunos do PGPSI com participação da Dra. Isabel da Silva Kahn Marin. Julho/ 2014. Uberlândia.
- 5- Membro da comissão científica organizadora do IV Seminário de Psicologia, do Mestrado Acadêmico e da Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia. Setembro/ 2014. Porto Velho.
- 6- Organizador da palestra e debate sobre o tema “Violência e Ningenidade” para os alunos do PGPSI com participação da Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins. Dezembro/2011. Uberlândia.
- 7- Membro da comissão organizadora do Seminário com Palestra e debate sobre o tema: Seminários de Pesquisa – Eixo Psicologia da intersubjetividade para o Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFU. Novembro/2011. Uberlândia.
- 8- Membro da comissão organizadora do II Congresso de Psicologia da Saúde. Agosto/2010. Uberlândia.
- 9- Comissão Organização da IV Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia, realizada pela Pró-Reitoria de Graduação da UFU entre 01 a 05 de 10 de 2007.
- 10- Coordenação da Comissão Científica da IV Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia, realizada pela Pró-Reitoria de Graduação da UFU entre 01 a 05 de 10 de 2007.
- 11- Presidiu a comissão científica da V Semana Acadêmica e IV Semana do Servidor da Universidade Federal de Uberlândia. Outubro/2008. Uberlândia

- 12- Membro da comissão organizadora da V Semana Acadêmica e IV Semana do Servidor da Universidade Federal de Uberlândia. Outubro/2008. Uberlândia.
- 13- Membro da comissão organizadora da IV Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia. Outubro/2007. Uberlândia.
- 14- Participou como coordenador da Comissão Científica da IV Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia. Outubro/2007. Uberlândia.
- 15- Organizador do evento 1º de Dezembro: Dia Mundial de Luta Contra a AIDS” realizado pelo Instituto de Psicologia da UFU. Fevereiro/2005. Uberlândia.
- 16- Membro da comissão organizadora da III Reunião Anual da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro. Novembro/1997. Uberlândia.
- 17- Membro da comissão científica organizadora da I Reunião Anual da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro. Novembro/1995. Uberlândia.

Trabalhos Técnicos: Pareceres ad hoc revistas

- 1- Parecerista Ad hoc da Revista Psicologia e Sociedade do submetido “Implicações emocionais na participação política de dirigentes do PSDB/ES”, 2014.
- 2- Parecerista Ad hoc da Revista Psicologia Escolar e Educacional no decorrer do ano de 2014.
- 3- Parecerista Ad hoc do submetido “Cuidador e cuidado: o sujeito e suas relações no contexto da assistência domiciliar” da Revista Eletrônica da PUCRS, 2014.
- 4- Parecerista Ad hoc da Revista Psicologia e Sociedade. Volume 25, nº3, 2013.
- 5- Parecerista Ad hoc da Revista Psicologia Escolar e Educacional. Volume 16, nº 2, 2012.
- 6- Parecerista Ad hoc da Revista Estudos de Psicologia. Volume 29, nº 4, 2012.
- 7- Parecerista Ad hoc da Revista Perspectivas em Psicologia, 2012.
- 8- Parecerista Ad hoc da Revista Psicologia USP. Volume 42, 2012.
- 9- Parecerista Ad hoc da Revista Interinstitucional de Psicologia, 2012.
- 10- Parecerista Ad hoc da Revista Estudos de Psicologia do trabalho “Discursos midiáticos sobre crack na mídia”, 2012.
- 11- Parecerista Ad hoc da Revista Psicologia e Sociedade. Volume 23, nº 3, 2011.
- 12- Parecerista Ad hoc do artigo “Fragmentos de história, memória e política: a atenção em saúde mental de um grupo hospitalar no município de Porto Alegre” da Revista Psicologia e Sociedade, 2011.
- 13- Parecerista Ad hoc da Revista Psicologia e Sociedade, no decorrer do ano de 2011.
- 14- Parecerista Ad hoc do trabalho “Reflexão acerca a prevenção ao uso indevido” (protocolo 1051) da Revista Estudos de Psicologia, 2010.
- 15- Parecerista Ad hoc do trabalho “Depressão: Mal da humanidade?” (protocolo 422) da Revista Psicologia e Sociedade, 2010.

- 16- Parecerista Ad hoc da Revista Psicologia Escolar e Educacional na análise do trabalho “Blogs de adolescentes surdos: escrita e construção de sentido” (protocolo PEE 490), 2010.
- 17- Parecerista Ad hoc da Revista Estudos de Psicologia do trabalho “Desenvolvimento Psicossocial e surdez” (protocolo 947), 2010.
- 18- Parecerista Ad hoc da Revista História e Perspectivas na avaliação do trabalho “A tarefa de reconstruir-se: é possível nas prisões brasileiras?”, 2010.
- 19- Parecerista Ad hoc da Revista Saúde e Sociedade na avaliação do trabalho “Masculinidades e práticas de saúde na região metropolitana de Belo Horizonte”, 2009.
- 20- Parecerista Ad hoc da Revista Estudos de Psicologia do trabalho “A sexualidade de portadores de deficiência sensorial através da visão de pais e filhos deficientes em filmes comerciais” (protocolo 284), 2009.
- 21- Parecerista Ad hoc da Revista Estudos de Psicologia do trabalho “A mobilização do discurso universalista no... (protocolo 789), 2008.
- 22- Parecerista Ad hoc da Revista Estudos de Psicologia do trabalho “Psicologia fenomenológica: uma aproximação...” (protocolo 700), 2007.
- 23- Parecerista Ad hoc da Revista Estudos de Psicologia do trabalho “Modelo lúdico: o histórico da criação e da...” (protocolo 626), 2006.
- 24- Parecerista Ad hoc da Revista Saúde e Sociedade na avaliação do trabalho “Atendimento à família na assistência social: construindo demanda através da escuta”, 2004.

Parecer Projetos PIBIC UFU

- 25- Avaliador parecerista ad hoc do projeto de pesquisa IC-FAPEMIG2015-0065 submetido ao edital nº 05/2014, 2015.
- 26- Avaliador parecerista ad hoc do projeto de pesquisa IC-CNPQ2013-0386 submetido ao edital nº 02/2013, 2013.
- 27- Avaliador parecerista ad hoc do projeto de pesquisa IC-CNPQ2010-0285, 2010.

Avaliador de propostas de trabalhos de IC e de Congressos

- 1- Participação como avaliador ad hoc do plano de trabalho de aluno da proposta IC-CNPQ 2016-0528 submetida ao edital nº01/2016. Maio/2016. Uberlândia.
- 2- Participação como avaliador ad hoc do plano de trabalho de aluno da proposta IC-FAPEMIG 2015-0065 submetida ao edital nº05/2014. Outubro/2015. Uberlândia.
- 3- Participação como avaliador ad hoc do plano de trabalho de aluno da proposta IC-CNPQ 2013-0386 submetida ao edital nº02/2013. Julho/2013. Uberlândia.
- 4- Participação como avaliador ad hoc do plano de trabalho de aluno da proposta IC-CNPQ 2010-0285. Junho/2010. Uberlândia.

Congressos

- 5- Participação como parecerista no concurso de pôsteres no XVII Encontro Nacional da ABRAPSO. Outubro/2013. Florianópolis.
- 6- Participação como colaborador na sessão de apresentação de pôsteres no 29º Congresso Latino-Americano de Psicanálise. Outubro/2012. Uberlândia.
- 7- Participação como parecerista na Comissão de Avaliação dos trabalhos submetidos a 63ª Reunião Anual da SBPC. Julho/2011. Goiânia.
- 8- Participação como parecerista no II Concurso ABRAPSO de textos acadêmicos. Novembro/2011. Recife.
- 9- Participação como avaliador ad hoc do 16º Encontro Nacional de Psicologia Social da ABRAPSO. Novembro/2011. Recife.
- 10- Participação como parecerista no III Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão. Setembro/2010. São Paulo.
- 11- Participação como parecerista na comissão de seleção do projeto “Literatura e Linguagem, Viaje poeticamente”, Edição 2010. Julho/2010. Uberlândia.
- 12- Participação como parecerista na comissão de seleção do projeto “Concurso Calendário 2011”. Julho/2010. Uberlândia.
- 13-
- 14- Participação na comissão de avaliação dos trabalhos submetidos à 62ª Reunião Anual da SBPC. Julho/2010. Natal.

- 15- Participação como parecerista ad hoc no XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social. Outubro/2009. Maceió.
- 16- Participação como consultor ad hoc na avaliação de trabalhos propostos da XXXIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia. Outubro/2009. Goiânia.
- 17- Participação como parecerista na avaliação de trabalhos científicos da II Semana da Pós Graduação, VIII Encontro Interno e XII Encontro de Iniciação Científica, da V Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia. Outubro/2008. Uberlândia.
- 18- Participação como parecerista da comissão julgadora do 1º Concurso ABRAPSO de teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos. Novembro/2007. Uberlândia.
- 19- Participação como parecerista na avaliação de trabalhos submetidos ao XIV Encontro Nacional da ABRAPSO. Novembro/2007. Rio de Janeiro.
- 20- Participação como parecerista na comissão julgadora de pôsteres durante o XIV Encontro Nacional da ABRAPSO. Novembro/2007. Rio de Janeiro.
- 21- Participação como parecerista dos trabalhos científicos da IV Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia. Outubro/2007. Uberlândia.
- 22- Participação como parecerista ad hoc na avaliação dos projetos de Iniciação Científica do CNPq. Maio/1998. Uberlândia.
- 23- Participação como parecerista na comissão julgadora do V Concurso Interno de Criatividade promovido pela ABC Agricultura e Pecuária S.A. Setembro/1995. Uberlândia.

Debatedor e coordenação de projetos

- 1- Participação como debatedor em Sessão de Painéis na XXXIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia. Outubro/2009. Goiânia.
- 2- Participação como debatedor em Sessão de Painéis na XXXVIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia. Outubro/2008. Uberlândia.
- 3- Participação como debatedor no filme “Equus” na I Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia. Maio/2004. Uberlândia.
- 4- Participação como debatedor no filme “Laranja Mecânica” na I Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia. Maio/2004. Uberlândia.
- 5- Participação como coordenador da “oficina de pintura” no projeto: Arte e subjetividade: o novo não choca mais? na I Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia. Maio/2004. Uberlândia.
- 6- Participação como coordenador da oficina “Experiência Criativa” no projeto: Arte e subjetividade: o novo não choca mais? na I Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia. Maio/2004. Uberlândia.
- 7- Participação como coordenador do projeto “Arte e subjetividade: o novo não choca mais?” na I Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia. Maio/2004. Uberlândia.

Resumos Publicados

- 1- Publicação do resumo “Sentidos e aspectos terapêuticos na intervenção de palhaços visitantes” no XIX Encontro Nacional da ABRAPSO. Novembro/2017.
- 2- Publicação do resumo “(De)Formações: da constituição histórica de um curso de psicologia à formação profissional do psicólogo” no XIX Encontro Nacional da ABRAPSO. Novembro/2017.
- 3- Publicação do resumo “A saúde no trabalho docente: uma revisão sistemática de literatura” nos anais da 67ª Reunião Anual da SBPC. 2014.
- 4- Publicação do resumo “Ensino, pesquisa e serviço: fragmentos de uma experiência no PET Saúde” nos anais da 5ª Conferência Internacional de Psicologia Comunitária. Setembro/2014.
- 5- Publicação do resumo “Igrejas inclusivas LGBTT e a luta contra a intolerância religiosa” da Associação Brasileira de História das Religiões - ABHR. Outubro/2013.
- 6- Publicação do resumo “A percepção de alunos e professores sobre o bullying: descrição das representações sobre o fenômeno” nos anais do XVII Encontro da ABRAPSO. 2013.
- 7- Publicação do resumo “ Conjugalidade e mídia impressa: as faces da relação marido-mulher no Jornal Tudo Já” nos anais do XVII Encontro da ABRAPSO. 2013.
- 8- Publicação do resumo “A representação do trabalho dos psicólogos pelos profissionais das Unidades Básicas de Saúde” nos anais da Psicologia da saúde.
- 9- Publicação do resumo “O psicólogo na estratégia de saúde da família: relato de experiência de estudantes de psicologia no programa de educação pelo trabalho para a saúde – pet saúde.”
- 10- Publicação do resumo “Arte e espaço urbano: transformações dos signos na arte tumular” nos anais do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO. 2008.
- 11- Publicação do resumo “A pessoa com deficiência física adquirida diante das próprias representações sobre a deficiência anteriores a sua lesão” nos anais do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO. 2008.
- 12- Publicação do resumo “Na representação do eleitor na propaganda eleitoral gratuita” nos anais da III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais. 2008.

- 13- Publicação do resumo “A arte e cultura como proposta de humanização do ensino universitário: relato de uma experiência de intervenção grupal” no III Congresso Brasileiro Psicologia: ciência e profissão. Outubro/2007.
- 14- Publicação do resumo “A sexualidade masculina e a paraplegia: um estudo de caso” nos anais do III Seminário Internacional de pesquisa e estudos qualitativos em psicologia. 2006.
- 15- Publicação do resumo “Um caso de esquizofrenia: uma leitura winnicottiana”.
- 16- Publicação do resumo “As representações preconceituosas na polêmica musical entre Noel Rosa e Wilson Batista” do II Congresso Brasileiro Psicologia: ciência e profissão. Outubro/2006.
- 17- Publicação do resumo “Sexualidade e deficiências: a masculinidade diante da lesão medular” do II Congresso Brasileiro Psicologia: ciência e profissão. Outubro/2006.

Atividades de Extensão

- 1- Desenvolveu trabalho de extensão no Conselho Municipal Antidrogas de Uberlândia. Abril/2006. Uberlândia.
- 2- Desenvolveu trabalho de extensão de atendimento em Psicologia Clínica, na Clínica de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Novembro/1998. Uberlândia.
- 3- Participação do Projeto de extensão “Oficinas terapêuticas” com atividades de atendimentos e coordenação de oficinas de cerâmica na Clínica de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Agosto/1995. Uberlândia.
- 4- Desenvolveu trabalho de extensão de atendimento em Psicologia Clínica, na Clínica de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Agosto/1995. Uberlândia.
- 5- Desenvolveu atendimento a grupos de adolescentes e reunião com a equipe no Conselho Municipal de Entorpecentes. Dezembro/1994. Uberlândia.
- 6- Participação do Projeto de extensão “Oficinas terapêuticas” desenvolvendo atividades de atendimentos, e curso de técnicas em cerâmica na Clínica de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Agosto/1994. Uberlândia.
- 7- Desenvolveu trabalho de extensão com oficinas terapêuticas, atendimento psicológico e assessoramento no Conselho Municipal de Entorpecentes. Julho/1994. Uberlândia.
- 8- Desenvolveu trabalho de extensão de atendimento em Psicologia Clínica, na Clínica de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Julho/1994. Uberlândia.
- 9- Participação do Projeto de extensão “Oficinas terapêuticas” desenvolvendo atividades de atendimentos, treinamento de estagiários e reuniões técnicas na Clínica de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Julho/1994. Uberlândia.

Outros eventos: Arte como manifesto, educação e inclusão.

1. Evento ‘A Grande Dançada Curricular’, em 22/11/94, durante o Simpósio Científico Cultural: Práticas e Saberes Psi.
2. Evento: Comissão Organizadora da I Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia, entre 25 a 28 de maio de 2004. Projeto Específico para Campus Umuarama com Sílvia Maria Cintra da Silva “Experiência Criativa” no projeto: Arte e subjetividade: o novo não choca mais?.
3. Evento de Extensão: ‘1º de dezembro: Dia Mundial de Luta Contra a AIDS’, em conjunto com Emerson Fernando Rasera, em 01/12/2004.
4. Evento: Performance Teatral “Os meninos e meninas lá de casa contra os perversos mosquitos da Dengue Futebol Clube”, apresentado na V Semana Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia, realizada entre 06ª 10/10 de 2008.
5. Evento: Coordenador do debate sobre o filme “De gravata e unha vermelha”, com a exibição do filme e presença da diretora, a psicanalista Mirian Chnaiderman.

Bancas de Defesa De Dissertação De Mestrado

- 1- Participação na banca de Isabela Cláudia Koga Morais. **“Corpo fitness e o Instangram: um corpo suficientemente bom”**, 2018. (PGPSI-UFU).
- 2- Participação na banca de Rafaela Gonçalves Silva. **Feminilidade, Erotismo e Literatura: os impasses na busca do prazer na obra de Marcia Denser**. 2017 (PGPSI-UFU).
- 3- Participação na banca de Luciana Macedo Donadeli. **O feminino da escrita de Clarice Lispector: A via crucis do corpo**. 2017 (PGPSI-UFU)
- 4- Participação na banca de Neftali Beatriz Centurion. **A vivência da sexualidade em mulheres com fibromialgia: um estudo clínico-qualitativo**. 2017 (PGPSI-UFU)
- 5- Participação em banca de Laena Guilherme de Oliveira Jarenô. **Entre batuques e brinquedos: o trabalho dos professores da educação infantil no acolhimento das vivências culturais das crianças**, 2016 - (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 6- Participação em banca de Frederico Guerreiro Ferreira. **Internação Involuntária decorrente do abuso de SPA: O pathos familiar**, 2016. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 7- Participação na banca de Francielle Xavier Dias. **Representações sociais de doença mental construídas por profissionais de saúde**. 2015 (PGPSI-UFU)
- 8- Participação em banca de Simone Araújo da Silva. **Os sentidos e Significados da psicose na adolescência: relações e vínculos familiares**, 2014. (Psicologia) Universidade Federal de Rondônia.
- 9- Participação em banca de Thalita Mara dos Santos. **Os sujeitos egressos prisionais: o retorno à liberdade e a (re) inserção social**, 2014. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 10- Participação em banca de Christina Tavares Mota Martins. **Análise de uma história de armadilhas: A Psicologia Judicial e o adolescente acolhido institucionalmente até a maioridade**, 2014. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 11- Participação em banca de Raquel do Prado Xavier. **Grupo e Instituições: nas tramas de pathos, o percurso da desilusão**, 2013. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 12- Participação em banca de Renan Antônio da Silva. **Desenvolvimento como liberdade e homofobia: um estudo de caso de uma escola destinada ao**

- público LGBTTTT**, 2014. (Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional) Centro Universitário Municipal de Franca.
- 13- Participação em banca de Andrezza Sisoneto Ferreira Dias. **Todo dia eles fazem tudo sempre igual? A Constituição da violência na conjugalidade**. 2014. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
 - 14- Participação em banca de Bruno Ricardo Vasconcelos. **A produção da subjetividade pela arquitetura contemporânea: o loft**, 2012. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
 - 15- Participação em banca de Letiele Tonon Araújo. **(QUALIFICAÇÃO) "Crescimento Pós-Traumático e Câncer de Mama: Revisão da Literatura"**, 2012. (Programa de Pós-graduação em Psicologia - UFU) Instituto de Psicologia -UFU.
 - 16- Participação em banca de Carlos Antônio dos Santos Segundo. **Encontro, condução e costura: a f(ri)ção entre o diretor e o ator social nos documentários**, 2011. Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
 - 17- Participação em banca de Rita Ferreira de Carvalho. **Fragments de um Cotidiano Abrigado**, 2011. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
 - 18- Participação em banca de Viviane Silva Pires. **O Processo de Subjetivação Profissional Durante os Estágio Profissionalizantes em Psicologia**, 2011. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
 - 19- Participação em banca de Christiane Moura Nascimento. **Entre a queima e o que consome: a chama da publicidade às mulheres**, 2011. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
 - 20- Participação em banca de Aline Miranda Schwartz de Araujo. **Oficinas Itinerantes: uma ideia, um obstáculo, um movimento constituinte de subjetividade**, 2011. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
 - 21- Participação em banca de Rejane Botelho Teodoro Xavier. **A função materna na transmissão do nome do pai e o adolescente em conflito com a lei"**, 2010. (Programa de Pós-graduação em Psicologia - UFU) Instituto de Psicologia - UFU.
 - 22- Participação em banca de Priscila Almeida Rodriguez. **Os impasses na clínica psicanalítica: a interpretação e os corpos na contemporaneidade"**, 2009. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.

- 23- Participação em banca de Mariana Paula Oliveira. **Ser ou Apare-ser, eis a questão! Uma Lógica Possível de Construção Identitária Adolescente no Mundo Virtual**, 2011. (PGPSI-UFU) Universidade Federal de Uberlândia.
- 24- Participação em banca de Jose Alberto Roza Júnior. **As inter-relações na adolescência: a máquina incorporada e a virtualidade contemporânea**, 2009. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 25- Participação em banca de Daniel Massayuki Ikuma. **Privação de Liberdade: representações sociais de atos infracionais por adolescentes em conflito com a lei.**, 2007. (Mestrado em Ciência - FFCLRP - USP) Universidade de São Paulo.
- 26- Participação em banca de Patrícia Omena Costa Pereira. **O psicólogo do CAPS: desafios e impasses na configuração de uma identidade**, 2007. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 27- Participação em banca de Ana Beatriz Werner. **O feminino, as mulheres e as inferências públicas: uma ciranda de pedras**, 2006. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado)
- 28- Participação na banca de Maria Luiza F. Borges. **Função materna e função paterna, suas vivências na atualidade**, 2005. (PGPSI) Universidade Federal de Uberlândia

Bancas de Defesa de Doutorado

- 1- Participação em banca de Claudiene Santos. **A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas**, 2005. (Psicologia) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP.

- 2- Participação em banca de Fernanda Nogueira Campos. **Trabalhadores de saúde mental: incoerências, conflitos e alternativas no âmbito da reforma Psiquiátrica Brasileira**. 2008. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP.

Bancas de Defesa de TCC de cursos de Especializações e Residência

- 1- Participação na banca de defesa do trabalho de Michele Márice Martins. Fatores Terapêuticos em um grupo de apoio a mulheres acometidas por câncer de mama. 2014. Realizada no PRMS-UFU da Faculdade de Medicina da UFU.
- 2- Participação na banca de defesa do trabalho de Thaís da Silva Pereira. Urgências do Psiquismo: Que lugar estou? 2013. Realizada no PRMS-UFU da Faculdade de Medicina da UFU.
- 3- Participação na banca de defesa do trabalho de Fábria Tunísia Alves Xavier. A espera interrompida: a elaboração da perda pela mãe diante do óbito fetal. 2011. Realizada no PRMS-UFU da Faculdade de Medicina da UFU.
- 4- Participação na banca de defesa do trabalho de Gizelle Mendes Borges. Mecanismos de defesa em pacientes oncológicos em situação recidiva. 2011. Realizada no PRMS-UFU da Faculdade de Medicina da UFU.
- 5- Participação na banca de defesa do trabalho de Carmi Machado Cavalcante. Adolescentes em conflito com a lei: implicações com a psicopatia, a toxicomania e a perversão. 2007. Realizada no CECPS do Instituto de Psicologia da UFU.
- 6- Participação na banca de defesa do trabalho de Sandra Regina de Abreu. Expressão criativa para a formação de profissionais da saúde: uma estratégia metodológica para o desenvolvimento da subjetividade a partir das experiências emocionais. 2007. Realizada no CECPS do Instituto de Psicologia da UFU.
- 7- Participação na banca de defesa do trabalho de Lílian Aires de Mesquita Campos. A contratransferência na psicoterapia com crianças. 2007. Realizada no CECPS do Instituto de Psicologia da UFU.
- 8- Participação na banca de defesa do trabalho de Luiz Mauro Coelho Nascimento. Envelhe... Ser & Sexualidade. 2007. Realizada no CECPS do Instituto de Psicologia da UFU.
- 9- Participação na banca de defesa do trabalho de Leonardo Félix de Oliveira. Pré e Pós-Natal nas equipes de saúde da família: Contribuições de D.W. Winnicott sobre o papel do pai no início da vida. 2007. Realizada no CECPS do Instituto de Psicologia da UFU.
- 10- Participação na banca de defesa do trabalho de Ana Maria Alves Campos. Da orientação vocacional à escolha profissional: as motivações inconscientes na escolha da profissão. 2007. Realizada no CECPS do Instituto de Psicologia da UFU.
- 11- Participação na banca de defesa do trabalho de Telma Rodrigues Batista da Silva. Investimentos afetivos maternos em crianças com paralisia cerebral. 2007. Realizada no CECPS do Instituto de Psicologia da UFU.

- 12- Participação na banca de defesa do trabalho de Ailda Maria do Nascimento. Do trauma em Freud ao trauma acumulativo em Klan: a experiência de Frida Kahlo. 2007. Realizada no CECPS do Instituto de Psicologia da UFU.
- 13- Participação na banca de defesa do trabalho de Tiago Humberto Rodrigues Rocha. Mundo Contemporâneo: psicanálise, subjetividade e violência. 2007. Realizada no CECPS do Instituto de Psicologia da UFU.

Bancas de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso

Psicologia

- 1- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Vinícius Eduardo Martino Fonseca “A presença da psicanálise na obra de Machado de Assis”. Setembro/2018. IPUFU.
- 2- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Marília Pereira Cadima “O sintoma social na contemporaneidade e as influências da globalização e narcisismo na subjetividade”. Agosto/2018. IPUFU.
- 3- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Milena Maria de Freitas “História das mulheres negras encarceradas: preconceito racial, violência e subjetividade”. Agosto/2018. IPUFU.
- 4- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Débora Alves Duarte “Quem é ela?”. Julho/2018. IPUFU.
- 5- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Raphael Pires Barbosa Fonseca “Conversando com o anjo da história: percursos históricos da psicologia e das pessoas com deficiência e o encontro nas políticas públicas”. Julho/2017. IPUFU.
- 6- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Samantha Souza Nascimento Cunha “Luizote de Freitas: Segregação socioespacial e práticas culturais”. Junho/2017. IPUFU.
- 7- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Isabela Cavalcante “Paris, Texas – vivência, pathos e aspectos da tragédia grega em Nietzsche”. Fevereiro/2017. IPUFU.
- 8- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Arlindo Soares Neto Rodrigues da Cunha “A psicologia aplicada ao futebol: revisão sobre as produções no atual contexto brasileiro”. Fevereiro/2017. IPUFU.
- 9- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Gustavo Cerchi Soares Ferreira “A posição social de estudantes e a importância em fazer suas opiniões prevalecerem: um estudo sobre poder”. Abril/2016. IPUFU.
- 10- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Bárbara Aparecida Leal dos Santos “Aspectos subjetivos da dor física: mapeamento das primeiras contribuições metapsicológicas freudianas”. Dezembro/2015. IPUFU.

- 11- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Ana Luiza Faria Lima “Nas entrelinhas do quadro negro: construções em psicanálise sobre o mal-estar docente”. Dezembro/2015. IPUFU.
- 12- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Laís Rodrigues Fernandes “O psicólogo nos sistemas prisionais brasileiros: uma leitura crítica”. Dezembro/2015. IPUFU.
- 13- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Luiza Sodré de Oliveira Martins Pereira “Psicanálise, direito, infância e adolescência: um diálogo que busca transformar a experiência de abrigamento”. Dezembro/2015. IPUFU.
- 14- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Karoline Silva Gomes “O fenômeno da toxicomania e o funcionamento familiar: estudos a partir da teoria psicanalítica”. Dezembro/2015. IPUFU.
- 15- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Ruth Marques Maciel “A personalidade autoritária e sua importância para as pesquisas em psicologia social” Julho/2015. IPUFU.
- 16- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Marcella Araújo Alves “Sobre o mal-estar na contemporaneidade: a depressão como forma de manifestação do sofrimento psíquico do sujeito pós-moderno”. Julho/2015. IPUFU.
- 17- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Valéria Rosa de Oliveira “O vício ao álcool e outras drogas: as toxicomanias como expressão do mal-estar do sujeito contemporâneo”. Julho/2015. IPUFU.
- 18- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedro Afonso Cortez “O impacto do bem-estar no trabalho e pró-atividade na intenção de rotatividade: estudo correlacional com professores da rede municipal de ensino de Uberlândia”. Dezembro/2014. IPUFU.
- 19- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Lídia Cristiane Vieira “Aspectos psicossociais relacionados à condição de morador de rua em Uberlândia-MG”. Setembro/2014. IPUFU.

Educação Física

- 20- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Lucas Almeida Garcia “Esporte universitário na UFU: análise dos fatores motivacionais dos atletas das equipes de futebol, da Universidade Federal de Uberlândia”. Julho/2018. FAEFI/UFU.

- 21- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Laiser da Cunha Alexandre “Esporte universitário: análise dos fatores motivacionais dos atletas das equipes de handebol da UFU. Dezembro/2017. FAEFI/UFU.
- 22- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Rodrigo Inácio da Costa “Esporte universitário na UFU: análise da relação entre gestão esportiva das associações atléticas acadêmicas e o desempenho das entidades na olimpíada 2016. Dezembro/2017. FAEFI/UFU.
- 23- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Augusto Rufino Moraes “Aplicação da escala de motivação à prática de atividade física para praticantes de musculação”. Dezembro/2017. FAEFI/UFU.
- 24- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Jéssica Faria de Oliveira “Esporte universitário na UFU: análise dos fatores motivacionais de atletas das equipes de voleibol”. Julho/2017. FAEFI/UFU.
- 25- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Vitor Macedo Borges “Preconceitos em relação ao futebol feminino: uma revisão bibliográfica”. Dezembro/2015. FAEFI/UFU.
- 26- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Luan Junqueira Manna Pádua “As motivações para a prática de exercícios físicos na terceira idade: uma revisão da literatura”. Julho/2015. FAEFI/UFU.
- 27- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Lucas Daniel Basto Santos “Fatores que influenciam no cuidado e adesão de obesos ao treinamento físico”. Fevereiro/2015. FAEFI/UFU.
- 28- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Guilherme Vinícius Machado Araújo “Imagem corporal associada ao distúrbio do transtorno dismórfico muscular, vigorexia ou complexo de Adonis: uma revisão sistemática”. Agosto/2014. FAEFI/UFU.
- 29- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Vinícius Pinhal Alves “A motivação para aprender e alunos de um curso de Educação Física”. Fevereiro/2014. FAEFI/UFU.
- 30- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Thiago Dias “Revisão sistemática sobre a motivação para a prática da musculação”. Setembro/2013. FAEFI/UFU.
- 31- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Denner Silva “A busca do estrelato? A motivação das crianças nas escolinhas de futebol”. Setembro/2013. FAEFI/UFU.

- 32- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Mauro Santos Resende “Motivação na transição do juvenil para o profissional no tênis de campo de Uberlândia”. Abril/2013. FAEFI/UFU.
- 33- Participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Vitor José Vilela Trindade “O stress e as influências no desempenho de jogadores de FUTSAL: uma visão da psicologia do esporte”. Outubro/2012. FAEFI/UFU.

Bancas Exame de Qualificação Mestrado

- 1- Participação na banca de Rita de Cássia Cardoso da Silva Mendes. **A relação Psicanálise e Universidade: do impossível às potencialidades**. 2018. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 2- Participação em banca de Juliane de Oliveira Silva. **Do Jogo dos Tronos ao Fundo da Cena: um estudo psicanalítico sobre o feminino em game of Thrones**. 2018. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 3- Participação em banca de Isabella Cláudia Koga Morais. **Corporfitness e Ciberespaço**. 2017. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 4- Participação na banca de Rafaela Gonçalves Silva. **Feminilidade, Erotismo e Literatura: Os impasses na busca do prazer na obra de Márcia Denser**. 2016. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 5- Participação em banca de Luciana Macedo Donadeli. **A imagem do feminino na escrita de Clarice Lispector: a via crucis do corpo**, 2016. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 6- Participação em banca de Ana Rosa Gonçalves de Paula Miranda. **Os aspectos do duplo no romantismo de E.T.A Hoffmann**, 2016. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 7- Participação em banca de Neftali Beatriz Centurion. **A vivência da sexualidade em mulheres com fibromialgia**, 2016. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU Prochno, C.C.S.; **SILVA, L. C. A.; MELO, C. A**
- 8- Participação em banca de Laena Guilherme de Oliveira Jarenô. **O manejo de professores da educação infantil com as vivências culturais das crianças**, 2016. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU).
- 9- Participação em banca de Frederico Guerreiro Ferreira. **Internação involuntária em dependência química: Motivos e Afetos dos familiares**, 2015. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 10- Participação em banca de Mariana Barbosa pereira da Silva. **O imaginário coletivo de agentes comunitárias da saúde sobre usuários de saúde mental**, 2014. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.

- 11- Participação em banca de Simone Araújo da Silva. **Os sentidos e os significados da psicose na adolescência: relações e vínculos familiares**, 2014. (Psicologia) Universidade Federal de Rondônia.
- 12- Participação em banca de Franciele Xavier Dias. **Representações Sociais de doença mental construídas por profissionais de saúde**, 2014. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.
- 13- Participação em banca de Christina Tavares Mota Martins. **A caminho da maioridade num acolhimento institucional: o processo de subjetivação do adolescente abrigado**, 2013. (PGPSI-UFU).
- 14- Participação em banca de Thalita Mara dos Santos. **A subjetividade dos egressos prisionais: o retorno à liberdade e a reinserção social**, 2013. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia. UFU.
- 15- Participação em banca de Renan Antônio Silva. **Diversidade Sexual, Políticas Públicas e Desenvolvimento como Liberdade: um estudo de caso em uma escola destinada ao público LGBTTTT**, 2013. (Desenvolvimento Regional) Centro Universitário Municipal de Franca.
- 16- Participação em banca de Guilherme Bessa Ferreira Pereira. **Os sentidos produzidos sobre a psicoterapia a partir da experiência gay**, 2013. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 17- Participação em banca de Letielle Tonon Araújo. **Crescimento Pós-Traumático e Câncer de Mama: Revisão Sistemática da Literatura**, 2012. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 18- Participação em banca de Raquel do Prado Xavier. **Diálogos (Im)Possíveis Entre Eu, Tu e Eles: A Grupalização em Análise**, 2012. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 19- Participação em banca de Damí Silva. **Entre-Lugares e Entre-Tempos no Acompanhamento Terapêutico**, 2012. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 20- Participação em banca de Andrezza Sisoneto Ferreira Dias. **Todo dia eles fazem sempre tudo igual? A Constituição da Violência na Conjugalidade**, 2012. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 21- Participação em banca de Rosa Elisa Zago Naves. **“Linguagem e Esquizofrenia: Possibilidades de Cuidado”**, 2011. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.

- 22- Participação em banca de Rita Martins Godoy Rocha. **“Para além do exótico: construção de sentidos sobre as relações entre as travestis”**, 2011. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 23- Participação em banca de Bruno Ricardo Vasconcelos. **A produção de subjetividades pela arquitetura na contemporaneidade: O loft**, 2011. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 24- Participação em banca de Carlos Antônio dos Santos Segundo. **Não biografia autorizada: o jogo biográfico documental e o ator social**, 2011. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 25- Participação em banca de Mariana Paula Oliveira. **“Adolescência e Orkut: considerações sobre o fascínio pelo espetáculo na contemporaneidade”**, 2010. (Programa de Pós-graduação em Psicologia - UFU) Instituto de Psicologia –UFU.
- 26- Participação em banca de Fernanda Alves Araújo.) **"O corpo homossexual e a lógica do consumo: os simulacros e as tentativas de liberdade"**, 2010. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 27- Participação em banca de Viviane Silva Pires. **O Processo de Subjetivação Profissional Durante os Estágios Profissionalizantes em Psicologia**, 2010. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 28- Participação em banca de Aline Miranda Schwartz de Araújo. **Oficinas itinerantes: uma ideia, um obstáculo, um movimento constituinte de subjetividade**, 2010. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 29- Participação em banca de Rita Ferreira de Carvalho. **A institucionalização da sexualidade de crianças abrigadas**, 2010. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 30- Participação em banca de Christiane Moura Nascimento. **Espectáculo midiático para mulheres: a publicidade enquanto forma de subjetivação**, 2010. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU
- 31- Participação em banca de Cristina Leles Silva. **Especificidades na Estrutura das Psicoses da Segunda Infância**, 2010. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 32- Participação em banca de Rejane Botelho Teodoro Xavier. **Adolescente em conflito com a Lei: a função materna na transmissão do nome-do-pai e inscrição na ordem simbólica**, 2009. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.
- 33- Participação na banca de Elisa Aires Rodrigues Freitas. **“Escritas do Eu: modos de subjetivação na sociedade contemporânea”**. 2009. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia- Mestrado) IP.UFU.

- 34- Participação em banca de Patrícia Omena Costa Pereira. **Impasses na relação psicoterapeuta-paciente. Um estudo a partir do trabalho psicoterápico no Centro de atenção psicossocial de Uberlândia**, 2005. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado) Instituto de Psicologia da UFU.

Participação em Comissão Julgadora de Concursos Públicos

- 1- Participação na Comissão Julgadora do Concurso Público de Prova e Títulos na Área de Psicologia da Saúde (Edital PROHRER-UFU -045/2011, 2011. Instituto de Psicologia da UFU.
- 2- Participação na Comissão Julgadora do Concurso Público para professor substituto da Escola Técnica de Saúde – Área Psicologia (Edital nº 011/2009). 2009. Universidade Federal de Uberlândia.
- 3- Participação na Comissão Julgadora do Concurso Público para Professor Assistente das Disciplinas Psicologia do Desenvolvimento II, Técnicas de Exames Psicológicos III e Psicopatologia II, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. 2009. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Edital 041 de 2008.
- 4- Participação na Comissão Julgadora do Concurso Público para Professores da Universidade de Rio Verde, na área de Técnicas Projetivas/Psicodiagnóstico, Psicologia do Excepcional e Psicologia da Personalidade, (Edital nº 01/2008) 2009. Universidade de Rio Verde. (Edital nº 01/2008), 2009. Universidade de Rio Verde.
- 5- Participação na Comissão Julgadora do Concurso Público Concurso Público para o cargo de Professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás, na área de Psicopatologia e Processos Clínicos: Modo de atuação, intervenção e acompanhamento/CAC, (Portaria nº 4303), 2008. Universidade Federal de Goiás.
- 6- Participação na Comissão Julgadora do Concurso Público Para professor Efetivo da disciplina Psicologia do Desenvolvimento I (Edital nº 13/2008), 2008. Universidade Federal do Triângulo Mineiro.
- 7- Participação na Comissão Julgadora do Processo seletivo para Professor Substituto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, na área de Psicologia Institucional e Comunitária, 1997. Universidade Federal de Uberlândia.
- 8- Participação na Comissão Julgadora do Processo seletivo para Professor Substituto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, na área de Psicologia Clínica, (ordem de serviço nº33/95) 1995. Universidade Federal de Uberlândia.

Vídeos

- “**É uma cor assim moderna, que eles usam**”, em co-produção com Maria Lúcia Castilho Romera. 1995.
- “**Treze maneiras de olhar um melro**”, em co-produção com Cláudio Vital Lima Ferreira e participação do ator Luiz Humberto Garcia. 1996.
- “**Quase sem Querer**”, 2000, sobre a trajetória de uma turma de alunos de um curso de Psicologia.

Atividades Administrativas

Cargos Ocupados

1. Chefe da Clínica de Psicologia da UFU, no biênio 97/98, cuja portaria já não disponho, e reconduzido como chefe pró-tempore em 28 de maio de 1998 pela ordem de serviço N° 8/98 o que fez um tempo de aproximadamente um ano e meio.
2. Diretor pró-tempore do Instituto de Psicologia, designado pela Portaria R. N° 0428/05 de 25 de abril de 2005 e exonerado pela portaria R.n° 1025 de 12/09/2005 e nomeado pela portaria R.n.} 1090, de 27/09/2005 para exercer a função de diretor entre 27/09/2005 a 26/09/2009.
3. Coordenador pró-tempore do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia a partir de 01/08/2010, exonerado a pedido pela portaria R. N° 1112 de 13/10/2010.
4. Diretor substituto designado pela portaria R. N°745 de 03/06/2019.
5. Substituto Legal da Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia designado pela portaria R.N} 1520 de 07/12/2009.
6. Diretor substituto designado pela portaria R. N° 361 de 06/04/2011.
7. Diretor substituto designado pela portaria R. N°1325 de 18/10/2011.
8. Membro de quatro comissões instituídas pelo reitor da universidade por portaria dos Conselhos superiores.

Comissões Internas do IPUFU

Optou-se por anexar os comprovantes sem descrever as 80 comissões. As duas citadas no memorial são comprovadas pelos dois primeiro documento apresentados.

COMITÊ de Ética em Pesquisa

- Membro do Comitê de Ética em Pesquisas da UFU por seis mandatos desde 30 de junho de 2008, perfazendo um período de aproximadamente dez anos, nomeados pelas seguintes portarias:

PORTARIA Reitoria N.º 446, de 30 de junho de 2008.

PORTARIA PROPP N.º 007 de 15 de outubro de 2009.

PORTARIA PROPP N.º 004 de 21 de junho de 2011.

PORTARIA PROPP N.º 002 de 28 de novembro de 2012.

PORTARIA PROPP N.º 010, de 23 de julho de 2014.

PORTARIA PROPP N.º 003 de 16 de fevereiro de 2016.

Até 2010 havia avaliei 19 protocolos.

Atividades Sindicais

- Membro da Diretoria Executiva da ADUFU -Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia, como Diretor Cultural, entre 08/05/2009 a 07/11/2011, como Diretor Cultural.
- Presidente da Comissão da ADUFU - Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia, entre 10/06/2011 até 06/09/2011.
- Membro da Diretoria Executiva da ADUFU -Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia, como Diretor Cultural, desde 29/09/2017 até o presente momento, como 1º Suplente.

Sindicâncias

Presidente da comissão de sindicância instituída pela Portaria R nº 618 de junho de 2005, reconduzida pela portaria R °125 de 02/02/2006 para apurar denúncia de racismo praticada por docentes do curso de Direito contra um aluno.

Testemunha Do Ministério Público

Testemunha arrolada pelo Ministério Público Federal, na ação penal de Nº2000.38.03.001815-4 do Ministério Público contra Cipriano Geraldo e outros, em 2001.